



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES - CCTA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO - PPJ

MESTRADO PROFISSIONAL EM JORNALISMO

LUIZ FELIPE BOLIS RODRIGUES

PARAÍBA: QUEM SOMOS – ATRAVESSANDO A PORTA DO SOL

RELATÓRIO DE PROJETO TRANSMÍDIA – LIVRO-REPORTAGEM E PODCAST

João Pessoa – PB

2025

LUIZ FELIPE BOLIS RODRIGUES

PARAÍBA: QUEM SOMOS – ATRAVESSANDO A PORTA DO SOL

RELATÓRIO DE PROJETO TRANSMÍDIA – LIVRO-REPORTAGEM E PODCAST

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo, na área de concentração Produção Jornalística e na Linha de Pesquisa Processos, Práticas e Produtos.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Maria Meireles Macedo Mafaldo.

João Pessoa – PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R696p Rodrigues, Luiz Felipe Bolis.

Paraíba: Quem Somos - Atravessando a Porta do Sol:
Relatório de Projeto Transmídia - Livro-reportagem e
Podcast / Luiz Felipe Bolis Rodrigues. - João Pessoa,
2025.

183 f. : il.

Orientação: Norma Maria Meireles Macedo Mafaldo.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo literário. 2. Livro-reportagem. 3.
Podcast. 4. Paraíba. I. Mafaldo, Norma Maria Meireles
Macedo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070 (813.3) (043)

LUIZ FELIPE BOLIS RODRIGUES

PARAÍBA: QUEM SOMOS – ATRAVESSANDO A PORTA DO SOL RELATÓRIO DE
PROJETO TRANSMÍDIA – LIVRO-REPORTAGEM E PODCAST

Aprovada em: 20 de agosto de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **NORMA MARIA MEIRELES MACEDO MAFALDO**
Data: 24/03/2026 18:19:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Norma Maria Meireles Macêdo Mafaldo
Universidade Federal da Paraíba (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **FABIANA CARDOSO DE SIQUEIRA**
Data: 25/03/2026 06:36:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Fabiana Cardoso de Siqueira
Universidade Federal da Paraíba (Examinadora Interna)

Documento assinado digitalmente
 **DEBORA CRISTINA LOPEZ**
Data: 27/03/2026 15:22:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Debora Cristina Lopez
Universidade Federal de Ouro Preto (Examinadora Externa)

Aos filhos de uma mesma Paraíba

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Virgem Maria, por toda a força e proteção.

À minha digníssima orientadora Norma Maria Meireles Macedo Mafaldo, em nome de todos os docentes do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB), pela dedicação e total apoio.

Aos meus companheiros da turma 2023.1 do Mestrado Profissional em Jornalismo, pela parceria e aprendizados mútuos.

À Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior – SECTIES e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – FAPESQ, cujos subsídios me possibilitaram ir de encontro à Paraíba em terras de perto e de longe.

À minha família e amigos, por me ajudarem a alcançar o topo desta conquista.

Aos meus queridos entrevistados Eloá Souto, Coronel Arthur Vieira, Adriana Bischofberger, Kaline Basilio e Ronilson Clementino, por terem compartilhado comigo um dos seus maiores tesouros: as suas histórias de vida.

À Paraíba, essa mãe que ama e educa os que nascem das entranhas das suas cidades e essa casa que acolhe quem escolhe fazer dela morada. Agradeço a este maravilhoso estado por ter contribuído na formação de quem sou, especialmente sobre os braços e raízes da cidade de Massaranduba.

*Paraíba, o que somos.
De verdade, sim, “sinhô”.
Atravessamos a Porta do Sol
Pela estrada do amor,
Desta terra nascem sonhos
E um povo acolhedor.
(L. F. Bolis)*

RESUMO

Este relatório relata as fases de produção do livro-reportagem e podcast "Paraíba: quem somos - atravessando a Porta do Sol" e apresenta reflexões teórico-discursivas em torno destas. O projeto teve como objetivo entrevistar cinco pessoas naturais do referido estado e narrar as suas histórias de vida em formato de perfis, adaptados à linguagem do jornalismo impresso e do radiojornalismo em podcasts. Por outro lado, outro objetivo deste produto foi abraçar o jornalismo como meio de disseminação da Paraíba e dos seus paraibanos, a partir de um recorte de narrativas feito sobre os olhos do pesquisador e que revela, na abordagem singular das histórias de vida, um conjunto de realidades coletivas e individuais, de familiaridades com o local abordado, de superações, inspirações, conhecimentos e de outros aspectos dotados de valor simbólico. Esta pesquisa, de natureza qualitativa, apresenta uma revisão bibliográfica fincada em temáticas como narrativas jornalísticas, jornalismo de proximidade, jornalismo literário, radiojornalismo hipermidiático e rádio expandido. A elaboração deste produto jornalístico contou com entrevistas feitas no ano de 2024 com personagens paraibanos e visitas a campo pelo estado da Paraíba, partindo-se às cidades de Barra de Santa Rosa e João Pessoa, além de coberturas realizadas no continente europeu, em localidades como Genebra/Suíça, Roma/Itália e Braga/Portugal, como resultado da seleção do projeto no Edital 11/2024 do Programa Paraíba Sem Fronteiras Mestrado Sanduíche. Por meio da entrevista e da ida a campo, a construção da reportagem é percebida neste trabalho como a via direta rumo aos outros e às visões de mundo que estes guardam consigo. O jornalismo se faz ponte entre os sujeitos entrevistados e as pessoas e estabelece, a partir do produto jornalístico "Paraíba: quem somos - atravessando a Porta do Sol", conexões de um público amplo com histórias de vida selecionadas pelo jornalista em meio a uma torrente de outras narrativas pessoais. Espera-se, a partir deste ponto de partida, que o projeto contribua para o surgimento de olhares humanos e jornalísticos sobre a Paraíba e para a reverberação das riquezas do estado, através de narrativas que passem dentro e fora do reduto nordestino, mas sobretudo no interno de corações que pulsam de amor pela Paraíba que os torna paraibanos em berços socioculturais.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Podcast. Jornalismo literário. Rádio expandido. Paraíba.

Link do Podcast *Paraíba: Quem Somos*:

<https://open.spotify.com/show/3x2FZIGwZwLC9YxMDA70rP>

Link do Livro-reportagem *Paraíba: Quem Somos – Atravessando a Porta do Sol*:

<https://drive.google.com/file/d/1VIbL11syEvLhW-IYR3UtUp6JFAtxjofR/view?usp=sharing>

Link do vídeo dos entrevistados:

<https://youtu.be/eBsWJ68CSbE>

ABSTRACT

This report describes the production phases of the non-fiction book and podcast "Paraíba: who we are - crossing the *Sun's Door*" and presents theoretical-discursive reflections around these. The project aimed to interview five people from the state and tell their life stories in profile format, adapted to the language of print journalism and radio journalism in podcasts. On the other hand, another objective of this product was to embrace journalism as a means of disseminating Paraíba and its people, based on a selection of narratives made through the eyes of the researcher and which reveals, in the unique approach to life stories, a set of collective and individual realities, of familiarity with the location addressed, of overcoming, inspirations, knowledge and other aspects endowed with symbolic value. This research, of a qualitative nature, presents a bibliographical review based on themes such as journalistic narratives, proximity journalism, literary journalism, hypermedia radio journalism and expanded radio. The preparation of this journalistic product included interviews carried out in 2024 with characters from Paraíba and field visits throughout the state of Paraíba, starting in the cities of Barra de Santa Rosa and João Pessoa, in addition to coverage carried out on the European continent, in locations such as Geneva/Switzerland, Rome/Italy and Braga/Portugal. Through the interview and the fieldwork, the construction of the report is perceived in this work as the direct route towards others and the worldviews they hold within themselves. Journalism builds a bridge between the interviewed subjects and people and establishes, based on the journalistic product "Paraíba: who we are - crossing the *Sun's Door*", connections between a broad audience and life stories selected by the journalist in the midst of a torrent of other personal narratives. It is expected, from this starting point, that the project will contribute to the emergence of human and journalistic views on Paraíba and to the reverberation of the state's riches, through narratives that travel inside and outside the northeastern stronghold, but especially in the internal of hearts that beat with love for Paraíba that makes them "paraibanos" in sociocultural cradles.

Keywords: Non-fiction book. Podcast. Literary journalism. Expanded radio. Paraíba.

Link of Podcast: <https://open.spotify.com/show/3x2FZIGwZwLC9YxMDA70rP>

Link of Book Reportage: <https://drive.google.com/file/d/1VIbL11syEvLhW-IYR3UtUp6JFAtxjofR/view?usp=sharing>

Link of Video: <https://youtu.be/eBsWJ68CSbE>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Repórter Luiz Felipe Bolis e família de Eloá. Da esquerda para a direita, Sheila (mãe), Damon (pai) e a entrevistada Eloá Souto.....	34
Figura 2 - Entrevista com Eloá Souto, na casa da entrevistada.....	35
Figura 3 - Repórter Luiz Felipe Bolis e Coronel Arthur Vieira, em Cabedelo/PB.....	35
Figura 4 - Repórter Luiz Felipe Bolis e Adriana Bischofberger, em Genebra/Suíça.....	36
Figura 5 - Repórter Luiz Felipe Bolis e Kaline Basilio, em Roma/Itália.....	37
Figura 6 - Repórter Luiz Felipe Bolis e Ronilson Clementino, em Braga/Portugal.....	37
Figura 7 – Eloá, Arthur, Adriana, Ronilson e Kaline, respectivamente.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A memória individual e a memória coletiva no universo de cada entrevistado.....	19
Quadro 2 - Instrumentos de coleta para identificação de personagens (universo da pesquisa)...	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
1.1 Narrativas jornalísticas e os registros da memória.....	16
1.2 Jornalismo literário e as raízes do livro-reportagem.....	21
1.3 Diferentes perfis jornalísticos de uma mesma Paraíba.....	25
1.4 O radiojornalismo hipermidiático e a imersão em podcasts narrativos.....	26
1.5 Por um jornalismo multiplataforma e transmídia.....	31
2. ATRAVESSANDO A “PORTA DO SOL” SOB PASSOS METODOLÓGICOS.....	33
3. PROJETO EDITORIAL.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICES.....	49
APÊNDICE I - Scripts dos episódios do Podcast Paraíba Quem Somos.....	49
APÊNDICE II – Livro-reportagem “Paraíba: Quem Somos: Atravessando a Porta do Sol”.....	94
APÊNDICE III – Interface do Podcast Paraíba: Quem Somos no Spotify.....	185

INTRODUÇÃO

Em 07 de fevereiro de 2021, o mestrando e autor deste relatório começou a projetar a ideia de entrevistar paraibanos oriundos de diversas cidades e cujas histórias de vida pudessem pincelar memórias individuais e coletivas do retrato e do cotidiano do estado da Paraíba. Se tratava da gênese dos produtos transmídia desta iniciativa chamada *Paraíba: quem somos – atravessando a Porta do Sol*. Seria apenas um livro-reportagem no início, mas por meio de sugestões da orientadora, a Professora Doutora Norma Meireles, os trabalhos também se ampliaram para a produção de um podcast, com os mesmos entrevistados participantes do livro.

Eu previa realizar uma adaptação da proposta do livro-reportagem em audiolivro, entretanto foi mais convidativo ramificar o projeto para podcast. Observa-se que o formato podcast, como extensão contemporânea do rádio, consolida-se como meio relevante para difusão de narrativas locais em escala global e para a junção de pessoas com um mesmo interesse em comum: o de ouvir histórias de diferentes nichos e estilos. As produções se mostraram uma “vinda de trigêmeos”: livro, podcast e relatório, conforme as palavras da professora Fabiana Siqueira em uma de suas análises do trabalho nas aulas da disciplina Seminários de Trabalho Final.

Por meio de apuração, da produção de perfis jornalísticos, da narrativa em terceira pessoa, dos recursos literários e da humanização do relato, e de outro lado trazendo o podcast com seus scripts, estéticas e paisagens sonoras, o presente projeto apresenta o produto jornalístico *Paraíba: quem somos – atravessando a Porta do Sol*, que reúne histórias de vida de cinco paraibanos. Por meio do jornalismo em profundidade, busca-se aqui retratar ao menos um fragmento da face da Paraíba, revelada sobre os rostos e os relatos da “gente da terra”. O presente projeto conta com as contribuições de Camponez (2017), Carvalheiro (2023), Kischinhevsky (2021), Lima (2009), Lopez (2009), Martinez (2017), Medina (1986), Meireles (2024), Motta (2012), Travancas (2006), Thompson (1992), Viana (2022) e outros autores.

O primeiro capítulo do relatório apresenta o referencial teórico da pesquisa, com os seguintes tópicos: I) Narrativas jornalísticas e os registros da memória; II) Jornalismo literário e as raízes do livro-reportagem; III) Diferentes perfis jornalísticos de uma mesma Paraíba; IV) O radiojornalismo hipermediático e a imersão em podcasts narrativos; e V) Por um jornalismo multiplataforma e transmídia.

Os procedimentos metodológicos deste projeto desembocam em revisão bibliográfica, trabalho de campo envolvendo entrevista semiestruturada e apuração para a coleta de dados

com captação de áudios, fotos, vídeos, anotações e registros da história oral, análise e tratamento de dados e elaboração dos produtos. O universo da pesquisa *Paraíba: quem somos – atravessando a Porta do Sol* é composto por cinco “narrativas paraibanas” que seguem pela Paraíba e pela Europa retratando histórias de vida, emoções, gestos humanitários, comportamentos, experiências e singularidades. Os pés da pesquisa pisaram em solos internacionais devido ao fato de ela ter sido aprovada com uma bolsa de mestrado sanduíche por meio do Edital 11/2024 do Programa Paraíba Sem Fronteiras, partindo para entrevistas com paraibanos na Suíça, na Itália e em Portugal. Os custos da mobilidade internacional ficaram a cargo da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB) e da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior – SECTIES.

A “Porta do Sol”, um termo referido à Paraíba em seu caráter de ponto oriental das Américas, foi um dos primeiros berços da civilização brasileira após a chegada dos portugueses, em 05 de agosto de 1585. Paraíba, terra de Eloá Souto, Arthur Vieira, Adriana Bischofberger, Ronilson Clementino e Kaline Basílio, cujas narrativas de vida são contadas nas reportagens deste projeto. Ao percorrer o estado da Paraíba e territórios em Portugal, na Itália e na Suíça, busca-se a escuta do outro, aliado à permanência de três meses de mestrado sanduíche no Mestrado em Jornalismo da Universidade da Beira Interior (UBI) em Portugal, em parceria com o Mestrado Profissional de Jornalismo da UFPB.

A seleção dos personagens entrevistados para compor a obra *Paraíba: Quem Somos – Atravessando a Porta do Sol* foi orientada por critérios editoriais, socioculturais e representacionais, tendo como princípio estruturante a construção de um mosaico plural da identidade paraibana contemporânea. A escolha de cada perfil partiu de um esforço intencional de contemplar diferentes regiões do estado, vivências singulares, faixas etárias, trajetórias e formas diversas de pertencimento ao território paraibano.

Os cinco perfis apresentam rostos e histórias que, embora individuais, expressam coletividades, atravessando fronteiras sociais, culturais e geográficas. **Eloá Souto**, jovem estudante de Barra de Santa Rosa, foi selecionada por representar a juventude nordestina que se projeta internacionalmente através do mérito, da educação pública e da inovação social. Aos 16 anos, ela alcançou um espaço de prestígio global, que foram as simulações da Organização das Nações Unidas em Harvard, partindo da região do Curimataú. Eloá simboliza a esperança, a superação e o protagonismo juvenil, destacando a importância de políticas públicas de acesso à educação e à internacionalização para alunos da rede pública.

A inclusão do Coronel Arthur Vieira, do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba – CBMPB - foi motivada por seu papel de liderança em uma das maiores operações humanitárias

do país: o resgate de vítimas da enchente no Rio Grande do Sul em 2024. Sua narrativa de vida ilustra o papel do bombeiro em cenários de crise nacional, abordando temas como solidariedade, prontidão institucional, logística emergencial e serviço à vida e pondo em destaque a identidade paraibana do seu ofício humano e profissional. O Coronel Arthur representa o compromisso ético do Estado com a dignidade humana, mesmo fora de suas fronteiras geográficas.

Os três entrevistados seguintes a serem apresentados foram entrevistados no continente europeu, por meio do subsídio da bolsa de mestrado sanduíche do Programa Paraíba Sem Fronteiras 2024, enquanto os dois personagens anteriores relataram as suas histórias de vida ao mestrando em suas respectivas casas, nas cidades paraibanas de Barra de Santa Rosa e Cabedelo. **Adriana Bischofberger**, residente na Suíça e natural de Campina Grande, na Paraíba, foi escolhida por sua vivência internacional que conecta a cultura nordestina com os desafios da imigração e da integração cultural. Sua presença na obra aborda a preservação das próprias raízes em contextos internacionais. Ao resgatar tradições como o São João em terras estrangeiras, Adriana simboliza a resiliência cultural e o pertencimento afetivo mesmo em terras distantes.

Kaline Basílio alcançou projeção internacional na indústria da moda. Oriunda de um bairro humilde de Campina Grande, no final dos anos 2000 ela seguiu para a Itália, em busca de oportunidades para a sua carreira de modelo, que à época estava nos passos iniciais. Kaline propõe uma reflexão sobre identidade e visibilidade nordestina em espaços de elite profissional e midiática.

Ronilson, por sua vez, ou **Ronny Santos**, apresenta uma mescla entre futebol e o desejo de morar fora do Brasil, tendo escolhido Portugal como destino, onde reside com a esposa e o filho, também paraibanos. Sua vivência dialoga com os tempos de morador de um bairro periférico, com as primeiras oportunidades no futebol e com um contingente significativo de nordestinos que buscam no exterior a realização de projetos de vida, enfrentando barreiras socioeconômicas, culturais e emocionais.

A composição dos perfis priorizou o equilíbrio entre diversidade regional (Litoral, Brejo, Agreste, Curimataú e Sertão), vozes femininas e masculinas e amplitude temática que envereda por educação, meio ambiente, cultura, moda, esportes e outras editoriais. Os personagens foram escolhidos com o objetivo de não apenas narrar histórias singulares, mas de ativar memórias, revelar contrastes e provocar empatia social. Cada entrevistado se constitui como vetor de identidade e cidadania, permitindo que a obra dialogue tanto com o plano subjetivo das emoções quanto com o campo objetivo do jornalismo de interesse público.

Os personagens foram escolhidos estrategicamente com base em três eixos centrais: origem territorial – ou, em outras palavras, ter nascido dentro do território paraibano –, experiência de vida singular e contribuição simbólica ao imaginário social da Paraíba. Justifica-se a identidade transmídia deste trabalho, sob a produção de um livro-reportagem e de um podcast, como meio de expandir o universo narrativo, engajar diferentes públicos e buscar promover uma maior gama de experiências imersivas, tendo em vista que cada meio contribui com uma parte específica, complementar e significativa da narrativa. Pode-se pensar nas seguintes hipóteses: 1) Pessoas cuja preferência é pelo livro, pelo ato de ler a obra física ou em formato e-book; 2) Públicos com mais proximidade com os formatos em áudio, que tendem mais a ouvir histórias; 3) Um público misto, a quem apraz tanto ler quanto escutar narrativas.

Espera-se do presente produto que este seja um objeto de informação para todos os que desejam conhecer mais sobre a Paraíba e os paraibanos, ainda que apresente um recorte limitado, visto os milhões de pessoas que habitam o estado. A proposta de pesquisa apresentada tem a missão de promover sentimento de representatividade ao povo paraibano, a partir de histórias que evocam amor pelas raízes locais. Além disto, o projeto se lança ao dever de mostrar comprometimento com a missão de informar com ética, credibilidade e qualidade, trilhando caminhos transmídia para retratar locais e situações em meio a novas e tradicionais ambiências jornalísticas.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Narrativas jornalísticas e os registros da memória

O ato de narrar move desde sempre as relações humanas, sobre linguagens, dialetos e todas as comunicações. Aos olhos de Motta (2012), as experiências objetivas, subjetivas e intersubjetivas formam o caráter, a identidade, o pensamento e constituem significados retidos no imaginário e na memória. O autor refere-se à forma narrativa como uma condição de vida, uma metáfora, um recorte e uma nova leitura da realidade, e diz:

Se alguém nos indaga quem somos, arrolamos uma série cronológica de eventos que intencionalmente escolhemos para construir a imagem desejada de quem pretendemos ser. O julgamento já está implícito. Construimos um autossignificado singular: nosso eu se transforma em um conto, um relato valorativo (Motta, 2012, p. 24).

Motta (2012) pontua ainda que a descrição de si mesmo está embargada pela percepção e pelo relato de uma série de incidentes e “viradas” do passado, redirecionando vidas e dando espaço para atores, personagens, narradores e ouvintes de suas próprias narrativas. Ele sublinha: “Somos nossas narrações” (Motta, 2012, p. 24). Carlos Camponez informa que é cabível mesclar as riquezas do *jornalismo de proximidade* no fazer-jornalístico e apresenta uma proximidade comunicacional que vai além de espaços físicos; em outra mão indica que os media locais e as iniciativas pequenas de jornalismo preenchem um espaço que a comunicação em massa não abarca.

O jornalismo local ocorre quando “aqueles que o protagonizam como sujeitos, aqueles que o exercem como profissionais e aqueles que são os destinatários do objeto informativo partilham uma mesma comunidade” (Labella, 2010, p. 15). A Paraíba, por exemplo, representa uma grande comunidade geográfica formada por pessoas que se interligam por laços socioculturais e humanos dentro e fora do estado, nascidas ou não nesta terra.

A Paraíba é um território de múltiplas representatividades, onde confluem histórias ancestrais e expressões contemporâneas que moldam uma identidade singular e resistente. Desde os primeiros habitantes indígenas, como os povos potiguaras e tabajaras, que ainda hoje preservam suas línguas e rituais, passando pelos descendentes de africanos escravizados e de raízes europeias, pelos sertanejos, pelos artistas, forrozeiros, poetas, professores, agricultores e tantas mulheres e homens que compõem um mosaico de vozes e culturas do estado.

Cada canto do seu território — do Litoral ao Cariri, do Brejo ao Sertão — reverbera o som de um povo que se reconhece na diversidade, na criatividade e no orgulho de ser parte de um lugar que nunca deixou de contar sua própria história. O nome *Paraíba* vem do tupi-guarani e algumas interpretações sugerem que pode significar “rio ruim para navegar”, “braço de mar” ou até mesmo “grande rio”, fazendo referência ao rio Paraíba, que corta o estado. O estado é também a “Porta do Sol do Brasil”, uma vez que na capital João Pessoa está localizado o ponto mais oriental das Américas, onde o sol nasce primeiro no continente. Eis a inspiração para o título deste projeto.

A narrativa jornalística se insere nas marcas do tempo, eterniza momentos singulares na história de uma pessoa, de uma comunidade ou de um lugar e fundamenta comportamentos, gestos, hábitos culturais e conhecimentos. Maia e Tavares (2017) refletem o jornalismo como “agente de memória”, considerando que este campo, em sua essência, “aciona fatos passados significativos para a compreensão de determinados acontecimentos, intencionalmente para justificar fatos do presente e ou induzir a interpretações” (Maia e Tavares, 2017, p. 79). Além de apontarem a noção de tempo enquanto parâmetro jornalístico e a disseminação jornalística dos fatos como meio demarcação de um contexto temporal para o público-leitor, as autoras pontuam outra importante consideração:

A cultura jornalística, por sua vez, possui uma maneira própria de agir, falar e ver o mundo. Da mesma forma, os jornalistas têm uma maneira própria de sentir e experimentar o tempo em diversas circunstâncias que perpassam o processo produtivo: seja através dos preceitos que determinam o “novo” e “atual”, seja na corrida frenética pelo furo jornalístico em tempos instantaneidade, ou ainda, em virtude dos meios de apuração e da natureza do dispositivo (impresso, televisivo, radiofônico, digital), e, por fim, por meio dos mais variados formatos textuais verbo-visuais possíveis (Maia e Tavares, 2017, p. 79-80).

Na temporalidade reside a memória, elencada em dois tipos por Halbwachs (1990): uma individual e outra coletiva. Enquanto a memória individual evoca as lembranças pessoais do sujeito, a memória coletiva retrata os registros históricos e as marcas do tempo social vividas em grupo. Apesar de suas particularidades, Halbwachs (1990) aponta que a memória individual e a memória coletiva estão profundamente entrelaçadas e interdependentes. Segundo o autor, toda memória individual é construída no interior de um contexto social.

Le Goff (2003) compreende que, no tocante à identidade, a memória se torna um elemento essencial, seja esta individual ou coletiva, “cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (Le Goff, 2003, p. 49), ou seja, uma propriedade de conservar informações. Bosi (1979), por sua vez, comenta que: “A lembrança é a sobrevivência do passado” (Bosi, 1979, p. 15).

Nos anos 1950, Ryszard Kapuściński era um jovem repórter de um pequeno jornal polonês. Após longos trabalhos em seu ofício jornalístico, a sua editora-chefe o confiou uma importante – e, pode-se dizer, privilegiada – missão profissional: partir em viagem para outros países para retratar o cotidiano de grupos culturais e episódios históricos em nações como Índia e China. Surpreendendo ainda mais Ryszard, a editora-chefe presenteou o jornalista com um exemplar do livro *História*, obra de Heródoto, considerado o primeiro historiador do mundo, responsável pelas primogênicas disseminações de visões antropológicas da humanidade. Assim escreve Kapuściński (2006) no livro *Minhas viagens com Heródoto*:

No mundo de Heródoto, o único depositário da memória é o próprio ser humano. Para ter acesso a algo que ficou nela guardado, é preciso chegar a um homem e, quando esse homem vive longe de nós, temos que ir ao seu encontro, partir em viagem. Quando o encontrarmos, sentaremos ao seu lado e escutaremos o que ele tem para contar – ouvir, conservar na memória e, se possível, anotar. É assim que começa uma reportagem – é de uma situação como essa que ela nasce (Kapuściński, 2006, p. 90).

Tanto nas rotinas de produção convencionais do jornalismo diário quanto na execução da grande reportagem, jornalistas eternizam lapsos da memória individual e coletiva, registrando momentos, costumes, declarações, fatos e situações significativas. Em *Minhas viagens com Heródoto*, Kapuściński (2006) traz com profundidade a sua visão ante uma cena testemunhada em Calcutá/Índia: “As crianças não se atiraram sobre o arroz, pois ele pertencia à velhinha. Algo deve ter sido inculcado na mente delas – algo mais forte do que a fome” (Kapuściński, 2006, p. 40).

A partir dos escritos de Ryszard Kapuściński, é possível compreender de forma profunda como a memória individual e coletiva é eternizada pelo trabalho jornalístico e qual é o papel fundamental do jornalista nesse processo. Kapuściński destaca, inspirado por Heródoto, que a memória reside nas pessoas. Isso significa que cada indivíduo é portador de vivências únicas que, se não forem registradas, correm o risco de se perder. Portanto, o jornalista se torna uma ponte entre essas memórias e o mundo, alguém que viaja, encontra, ouve, compreende e registra.

Este projeto entrecruza memórias individuais e coletivas ao citar momentos significativos no ano de 2024 para a história da Paraíba e de cada um dos cinco entrevistados naturais deste estado brasileiro. Narrativas entrecruzadas por uma polifonia de relatos e fincadas em um mesmo solo: a Paraíba. O Quadro 1 apresenta trechos de como a memória individual e coletiva se apresenta em cada um dos entrevistados deste projeto.

Quadro 1- A memória individual e a memória coletiva no universo de cada entrevistado

Personagem	Memória individual	Memória coletiva
Eloá Souto	Eloá lembra de momentos como a primeira viagem de avião, o anúncio de sua seleção para a bolsa Diplomun, a emoção ao ver a neve pela primeira vez e a vivência na HMUN, em Boston-EUA.	Essas experiências pessoais ganham sentido porque estão ancoradas na memória coletiva da educação pública nordestina como um espaço de luta e conquista. A trajetória de sua mãe, Sheila, também alimenta sua construção de si: o esforço da mãe por estudar, as dificuldades do semiárido, a importância da escola como ponto de virada.
Coronel Arthur Vieira	O coronel recorda a sua missão no Rio Grande do Sul, das imagens de destruição, do frio extremo, dos salvamentos realizados, e da saudade da filha pequena ao partir em missão.	Sua trajetória está fortemente ligada à memória coletiva do Corpo de Bombeiros como instituição de proteção e solidariedade. Além disso, a narrativa coletiva sobre a catástrofe climática de 2024 e o papel da Paraíba no apoio humanitário moldam a forma como ele interpreta sua própria ação.
Adriana Bischofberger	Adriana guarda lembranças da infância paraibana, das festas juninas, das comidas típicas e do impacto cultural ao se mudar para a Suíça.	Essas lembranças dialogam com a memória coletiva da diáspora nordestina, que carrega seus símbolos culturais para outros

		continentes como forma de preservar a identidade. As festas juninas que ela promove na Europa são uma atualização viva da memória compartilhada de sua terra natal.
Kaline Basilio	Kaline rememora as dificuldades iniciais na carreira de modelo, do preconceito por ser nordestina, e das primeiras conquistas no cenário da moda internacional.	Sua vivência individual está relacionada à memória coletiva das mulheres nordestinas que desafiam padrões impostos e conquistam espaços de visibilidade. Há também uma conexão com a memória social do sertão como lugar de invisibilização e, ao mesmo tempo, de potência criativa.
Ronilson Clementino	Ronny relembra treinos, jogos, viagens e frustrações ligadas ao sonho de ser jogador profissional fora do Brasil.	Sua narrativa ecoa a memória coletiva da juventude nordestina que sonha com a mobilidade social através do futebol — um imaginário que é reforçado cotidianamente pela mídia, pelas conversas populares e pelas promessas do esporte.

1.2 Jornalismo literário e as raízes do livro-reportagem

Carvalho e Evangelista (2018) preferem usar o termo jornalismo literário para tratar das interconexões entre os campos do jornalismo, da literatura e de outras vertentes, como a antropologia. Nota-se, neste tipo de trabalho jornalístico que mescla elementos da ida a campo, uma intensa imersão em cotidianos sociais, processo de entrevistas e trabalho de observação, aliados a uma escrita narrativa, com minuciosa descrição e humanização dos personagens. Com isso, nascem reportagens capazes de retratar paisagens, cenas e relações humanas.

Nas décadas de 1960 e 1970, o jornalismo literário começa a ser posto em evidência, época em que Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote, Norman Mailer e outros autores norte-americanos passam a difundir o estilo de reportagem imersiva que se convencionou chamar de *novo jornalismo*. Desta pesquisa se apreende que o jornalismo literário se destaca do noticioso – predominante nos grandes veículos de comunicação – não somente em sua forma final, mas também em seus procedimentos de coleta e produção de informações: longos períodos de trabalho de campo vivenciados pelo repórter em lugares, entre personagens e ante relações que pretende retratar e convívio especial com seus interlocutores, segundo a visão de Lima (2009). Assim, este tipo de jornalismo foge dos olhares pré-formatados e das visões óbvias sobre a realidade, possibilitando uma rica coleta de detalhes e percepções.

Segundo Passos e Orlandini (2008), em meados dos anos 1960 e 1970 a crítica norte-americana via a ascensão do Novo Jornalismo com caráter de novidade e rompimento com as técnicas clássicas do jornalismo. Gomes (2018) reforça este pensamento ao afirmar:

A partir desse contexto, muitos jornalistas contemporâneos, tendo variadas possibilidades tecnológicas, buscam praticar em livros, revistas, sites e diferentes plataformas hipermidiáticas, o que autores dos anos 1960 e 1970 fizeram no meio impresso norte-americano: a mescla entre jornalismo e literatura. Observa-se, portanto, na aproximação do jornalismo com a literatura, a importância de olhar para a narrativa e o que emerge da figura do narrador, tendo em vista a sua capacidade de caracterizar social e culturalmente um determinado espaço e carregar em si uma crítica ao momento/acontecimento histórico de uma época (Gomes, 2018, p. 147).

No Brasil, a revista Realidade¹ foi a primeira a disseminar reportagens literárias sob inspiração no jornalismo literário, alcançando sucesso em seus dez anos de atuação no mercado (1966-1976). A partir de então emergiram outras publicações voltadas a um jornalismo de

¹ A revista Realidade foi criada em 1966 pela Editora Abril, de São Paulo, e circulou até 1976. Vendeu milhões de exemplares e se tratava de uma revista categorizada como generalista. É vista como um marco na história do jornalismo brasileiro, com sua escrita em profundidade, leve e conceituada.

profundidade e imersão por meio de revistas, jornais, livros-reportagens e - com a chegada da era computacional e tecnológica - de espaços digitais. Pode-se, a partir das considerações de Passos e Orlandini (2008), considerar cinco elementos abordados pelo Novo Jornalismo: “imersão, expansão, precisão, subjetivação, experimentação” (Passos e Orlandini, 2008, p. 85).

Versando a ampliação da notícia através das nuances da reportagem, esta que é citada como gênero informativo na “Classificação Marques de Melo”, Lima (2009) apresenta a possibilidade de “horizontalização do relato - no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes - e também sua verticalização - no sentido de aprofundamento da questão em foco” (Lima, 2009, p. 26), juxtapondo elementos literários, jornalísticos e sociais sob a mesma paleta narrativa. Nesse sentido, Santos (2013) compreende que:

Qualquer leitor poderá se identificar e encontrar características de si próprio ao se deparar com a história de vida da personagem. Ao evitar fontes oficiais e optar pelas anônimas na tentativa de um texto humanizado, o jornalista poderá se aproximar do seu leitor e, assim, despertar o seu interesse por sua produção (Santos, 2013, p. 63).

Em sua dissertação de mestrado, Santos (2013) expressa que a humanização do relato está junto à personagem anônima, além da amplitude de sentidos, da diversidade literária e jornalística e de um senso de identificação com os leitores. Este trabalho, por si só, enverga pela imersão, pela sensibilidade, pela dedicação e, na maioria dos casos, por uma entrega maior que o tempo, os limites e os formatos propostos pela factualidade.

A via jornalística pela qual Eliane Brum e outros profissionais do campo por vezes envergam é a das grandes narrativas e livros-reportagem. Lima (2009) analisa que:

o livro-reportagem é apenas um veículo de comunicação jornalística não-periódica. Mas se alçamos a vista para encarar o fenômeno completo, dinâmico, como um processo da comunicação social moderna, podemos entendê-lo como um *subsistema híbrido*, com ligações fundamentais com o *sistema jornalismo*, em primeiro plano, e com ligações secundárias com o sistema editorial (Lima, 2009, p. 38).

O jornalismo em profundidade – sublinha-se aqui jornalismo literário, jornalismo narrativo e outras nomenclaturas - vai além das estruturas do noticiário factual e inova em suas formas de narrar os fatos, aproximando-se das técnicas clássicas do “nariz de cera” e da pirâmide invertida ao invés do tradicional *lead*, na intenção de fisgar a atenção do leitor. Rocha e Xavier (2013, p. 144) analisam “o livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico” ante uma pesquisa bibliográfica e uma reflexão propositiva. Rocha e Xavier (2013) conceituam este formato de produção jornalística:

Considera-se um livro-reportagem quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias. No âmbito

da ciência, a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), considera o livro-reportagem como um campo de conhecimento dentro da área da Comunicação, que por sua vez pertence à grande área das Ciências Sociais Aplicadas (Rocha e Xavier, 2013, p.144).

Nesse aspecto, as autoras notam que o discurso na construção do texto dos gêneros interpretativo, investigativo e literário dialoga com os procedimentos da apuração (entrevista, observação, documentação, pesquisa e checagem) e com o próprio formato do livro-reportagem. São procedimentos semelhantes aos da construção das grandes reportagens, desde a seleção do tema, passando pela apuração, construção do texto, edição e veiculação.

Rocha e Xavier (2013) elucidam que a observação também faz parte da apuração e trata-se de uma das competências do profissional. O jornalista tem que estar atento a tudo, visto que gestos, atos, movimentos, cenas e ambientes também informam, e mesmo a ausência é uma informação. A observação do jornalista deve ser traduzida em dados na construção do texto, não de forma exaustiva e descritiva, mas agregando conteúdo ao tema reportado.

O senso apurado de observação capacita o repórter a apreender melhor os elementos que cercam a investigação. A ida a campo faz parte do processo de produção do livro-reportagem, sendo difícil imaginar sua inexistência na concretização desse suporte. A humanização é um outro procedimento implementado no livro-reportagem, segundo Rocha e Xavier (2013), com o intuito de aproximar o leitor à realidade do entrevistado, “fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto” (Rocha e Xavier, 2013, p. 150-151).

Antes mesmo da ida a campo, correspondendo à fase de produção, há a antecessora etapa da pré-produção, que envolve preparação de perguntas em uma pauta, estudos sobre o tema e a pessoa a serem reportados, contatos e outras atividades. Posteriormente a esses passos tem-se a pós-produção, com a realização do material em si e a finalização, seja para formatos do impresso, do rádio, da televisão, do digital ou quaisquer outros.

Martinez (2017) sublinha a pluralidade de vozes como uma das principais riquezas dos moldes literários do jornalismo: “(...) Todas estimulantes no sentido de não se contentarem com receitas de investigação comuns e, conseqüentemente, produzirem achados interessantes” (Martinez, 2017, p. 2). Desta forma, a grande reportagem e o jornalismo literário ampliam possibilidades de jornalistas e entrevistados compreenderem o próximo, o mundo e a si mesmos.

Herança da teoria literária para o jornalismo com moldes narrativos e também literários, o chamado *fluxo da consciência* é uma excelente técnica de escrita para narrar o complexo do pensamento e do agir humanos. No jornalismo tem-se exemplos como Caco Barcellos e Eliane

Brum quanto ao uso do fluxo da consciência, enquanto a literatura brasileira apresenta Clarice Lispector e Guimarães Rosa como grandes propagadores desta técnica que transparece as particularidades de cada personagem, que retrata detalhadamente os ambientes e busca situar os fatos de acordo com o tempo e espaço. Watt (2010) expõe que:

O romance de fluxo de consciência [...] se propõe apresentar uma citação direta do que ocorre na mente do indivíduo sob o impacto do fluxo temporal; em geral, porém, mais que qualquer outro gênero literário, o romance se interessou pelo desenvolvimento de suas personagens no curso do tempo. Por fim, a descrição detalhada que o romance faz das preocupações da vida cotidiana também depende de seu poder sobre a dimensão tempo (Watt, 2010, p. 23).

O jornalismo permite-se ir além das técnicas clássicas de sua escrita com o *fluxo da consciência*. É comum que aqui, em reportagens em profundidade, passado e presente sejam imbricados, que se quebre a estrutura usual de uma narrativa e se explore os cinco sentidos e as sensações de forma livre e espontânea – citando cheios, imagens, percepções, gostos e gestos, por exemplo, que guiem a mente -, tornando o texto mais autêntico e repleto de personalidade autoral.

Em comunhão à técnica citada anteriormente, José Ricardo Carvalheiro, professor e diretor do Mestrado em Jornalismo da Universidade da Beira Interior em Covilhã/Portugal, cita duas formas de subjetividade presentes na tradição literária e jornalística das terras lusitanas, mas também de outros países, a exemplo do Brasil: a crônica de tipo opinativo e a de tipo narrativo, formas intermédias “entre comentário (registo argumentativo ou avaliativo) e relato (registo narrativo)” (Carvalheiro, 2023, p. 30), e afirma:

Por sua vez, as crônicas narrativas do quotidiano correspondem a um eixo diferente de articulação do campo jornalístico com o exterior, onde a relação privilegiada é, por assim dizer, com o social espontâneo e não institucional. Este subgênero é o único lugar habitual na prática jornalística para notar e descrever o quotidiano não noticioso, para os episódios não associados à rutura ou à notoriedade, para questionar a normalidade social que as lentes jornalísticas predominantes (nos outros géneros) não costumam vislumbrar, ou para ver um tempo e um lugar através do que aparentemente não muda. A sua rarefação reduz a flexibilidade e a diversidade de articulações do jornalismo com a vida social (Carvalheiro, 2023, p.50).

Vargas (2018) sublinha que a entrevista baseia-se na mais duvidosa e rica das fontes: a palavra, sendo caminho de encontro com o outro. Neste método, o autor destaca a empatia como meio de o observador participante adentrar à realidade da pesquisa em suas entrevistas, e sugere:

O entrevistador deve possuir um raro grau de habilidades de objetivação e participação subjetiva. O que significa que o repórter deve estar à altura do papel de confessor leigo da vida moderna. Eis o motivo da entrevista, que vem da palavra francesa “entrevoir”, que significa “ver-se”, ou melhor, misturar-se, como acontece há séculos em Nossa América Mestiça (Vargas, 2018, p.45, **tradução nossa**).

O autor aponta que, ao descrever lugares e cenas no tempo, a metodologia-reportagem caracteriza-se como uma espécie de realismo mágico de uma realidade que é mágica por si só e cujos heróis são personagens reais de carne e osso, e mais ainda: Vargas (2018) elucida que a escrita de si e do próximo partem de dentro do coração. Borges (2018) explicita que o jornalismo literário, quando articulado com os textos biográficos, pode contribuir para a teorização e produção de trabalhos desse gênero, uma vez que combina elementos que transitam pelo campo do estético e que ultrapassam a condição de mero relato.

A pesquisa bibliográfica de Martinez (2016) se debruça nas aproximações entre o jornalismo e a história oral, explicitando o surgimento da história oral após a Segunda Guerra Mundial e os avanços tecnológicos para a captação, distribuição e armazenamento de áudios e imagens midiáticos. Além disso, reflete a noção da veracidade e de cada sujeito como testemunha, sabendo que suas narrativas orais não são menos verdadeiras. O método da história oral não busca pela "verdade" plena, mas diz que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade. A questão da autoria também é sumamente importante do ponto de vista ético, visto que o texto é de responsabilidade do repórter e certas escolhas podem acarretar positivamente ou não.

1.3 Diferentes perfis jornalísticos de uma mesma Paraíba

Cinco paraibanos. Cinco entrevistados. Cinco perfis que compõem o livro-reportagem *“Paraíba: Quem Somos – Atravessando a Porta do Sol”*. O perfil jornalístico é o ponto de partida deste projeto. Se trata de um gênero textual que combina elementos da reportagem com técnicas narrativas da literatura, com o objetivo de apresentar ao leitor um retrato aprofundado de uma pessoa. Mais do que uma simples biografia ou entrevista, o perfil busca revelar aspectos singulares do personagem retratado — sua trajetória, personalidade, ideologias, conflitos e contextos — por meio de uma narrativa envolvente, detalhada e humanizada. Maia (2022) é quem elucida melhor:

O cotidiano abriga histórias que muitas vezes passam despercebidas pelos meios de comunicação. Entretanto, muitas dessas narrativas acabam contempladas nas reportagens de perfis, visto que não há necessidade de um acontecimento de grande reverberação para que a escrita desse tipo de texto seja contemplada pelo jornalismo narrativo. Ao considerar pessoas no espaço e no tempo a partir de suas histórias de vida, o fazer jornalístico pode extrapolar uma leitura generalista da sociedade, considerando as particularidades dos sujeitos retratados (Maia, 2022, p. 181).

Alguns jornalistas captam narrativas unindo o mundo anônimo dos sujeitos sociais, a grande reportagem e os recursos da literatura, como é o caso da jornalista Eliane Brum e o seu livro *A vida que ninguém vê* (2006). Brum extrai o melhor das suas personagens e vai além dos registros de fatos históricos, psicológicos, físicos e sociais. Ela observa traços por vezes desvalorizados pela visão técnica e revela o que chama de “literatura da vida real”, aquela que é entoada pelos próprios entrevistados, e afirma: “(...) Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico” (Brum, 2006, p. 187).

As palavras e o estilo literário de Brum deram para *A vida que ninguém vê* (2006) o caráter de livro-reportagem perfil, no qual “o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personalidade anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (Lima, 2009: 51). Tratando-se sobre o citado gênero, Lima (2009) informa duas possibilidades para perfis jornalísticos: pautar celebridades cujo status é quase “olimpiano” ou pessoas anônimas e na representação de seus estilos de vida como forma de retratar um grupo social ou uma comunidade (Lima, 2009, p. 53). Assim se caracteriza o presente projeto, sob as nuances do perfil jornalístico e como livro-reportagem-perfil. Os textos produzidos trazem, na escrita em terceira pessoas, as cenas descritivas e os retratos dos paraibanos neles apresentados.

O perfil jornalístico exige do repórter apuração rigorosa, observação atenta, domínio da linguagem e sensibilidade para captar nuances da vida do personagem. Do ponto de vista técnico, o perfil jornalístico costuma apresentar uma estrutura narrativa mais flexível que a reportagem tradicional.

1.4 O radiojornalismo hipermediático e a imersão em podcasts narrativos

O conceito de “radiojornalismo hipermediático” é trazido por Lopez (2009), a qual sublinha que o rádio e o radiojornalismo não devem perder espaço em meio ao surgimento de novos aparatos tecnológicos, mas se adaptarem em processos de revisão e reestruturação, uma vez que dispõem de novas ferramentas para apuração e de novas dinâmicas. O ouvinte-internauta “busca outras fontes de informação, cruza, contesta, discute, corrige, atualiza, conversa com o jornalista que está no ar. Mais que nunca, o ouvinte participa” (Lopez, 2009, p. 202).

O jornalista, por sua vez e em caráter de exigência, perscruta formas de corresponder a este receptor-participativo em todos os aspectos, dispondo, para isto, de novos meios e técnicas, como o uso do telefone celular, por exemplo, que estabelece desde uma forma de comunicação entre ouvintes e emissora até a construção de narrativas multimídias centradas no áudio. A partir de novas rotinas e formatos, o rádio reflete a sua identidade, atualiza-se com frequência e relaciona-se com os demais meios de comunicação, pondo em destaque o ponto essencial de seu trabalho: a disseminação da notícia e a fidelidade com o público. Enfatizando as palavras de Lopez (2009):

A demanda por uma nova estrutura narrativa, multimidiática e multiplataforma, que busque a complementação e a ampliação do conteúdo, demanda do jornalista uma reformulação em suas rotinas e o investimento em novas habilidades e competências. O rádio onde este jornalista irá atuar também é novo. Trata-se do rádio hipermediático, que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco. Embora a produção do rádio através de múltiplas plataformas e linguagens seja crucial para o jornalista, para a emissora atrair uma nova parcela do público, o rádio em si precisa se manter como tal. O áudio precisa ser independente e, ao mesmo tempo, complementar. Nem todo ouvinte pode – ou quer – buscar um aprofundamento, uma multiplicidade de linguagens – seja através do rádio digital ou do suporte web da emissora (Lopez, 2009, p. 206).

Por meio do rádio hipermediático, multiplataforma e convergente, Lopez (2009, p. 222) apresenta uma nova possibilidade à transmissão sonora: a de “pensar a imagem para o rádio”. Com as suas potencialidades, hoje o podcast confere ao áudio esta dinâmica interativa de *videocasts*, por exemplo, como um adendo aos moldes tradicionais dos seus formatos. Desta forma, Débora Cristina Lopes Freire atesta que o rádio tem se mostrado disposto a recorrer a várias estratégias narrativas para manter contato e aproximação com este ouvinte-internauta (Freire, 2012). Apesar de imagens estáticas e em movimento, de infografia, do texto escrito e de outros formatos de comunicação, a autora afirma que o áudio permanece sendo o seu foco central e que “configura-se na espinha dorsal da informação disponibilizada ao usuário” (Freire, 2012, p. 84).

Considera-se o surgimento do podcast em 12 de fevereiro de 2004. Viana (2021a) elucida que o termo foi cunhado por Ben Hammersley no jornal inglês *The Guardian* e que:

O jornalista se referia a uma forma de transmitir dados por meio do RSS e os programas de áudio que eram distribuídos via podcasting passaram a se chamar podcast. Essa tecnologia permitia que outros formatos midiáticos também fossem transferidos, no entanto, o áudio ganhou protagonismo (Viana, 2021a, p. 3).

Em sua tese de doutorado, Lopez (2009) aborda o podcast como uma entre diversas outras ramificações do rádio hipermediático, destacando-o como um formato sonoro criado para

ser consumido sob demanda. Figura, então, o perfil do ouvinte ativo, que seleciona informações de seu interesse fora da tradicional grade de programação da emissora. Além disso:

Este ouvinte-internauta pode, através de um serviço de assinatura de *podcasts*, ter acesso ao conteúdo de colunistas ou reportagens, em pacotes temáticos ou especificamente seguindo a cada um deles. Além disso, outra característica do *podcast* é que ele não é concebido somente para consumo em leitores especializados, como iTunes, Google Reader ou PodSpider, mas também para o *download* deste conteúdo e o acesso a eles *offline*, fazendo com que o rádio passe a acompanhar o ouvinte também quando não houver alcance de sinal – seja ele analógico ou digital – ou conexão à internet (Lopez, 2009, p. 220).

Viana (2021b) testifica o áudio como formato principal do podcast e as muitas estratégias imersivas utilizadas por este, as quais, embora já utilizadas pelo rádio tradicional, proporcionam espaço/tempo ilimitado para abrigar as produções e um total de sete outras perspectivas: 1) Humanização do relato; 2) Narrativa em primeira pessoa; 3) Condução emocional; 4) Uso de sonoras; 5) Descrição de cenas e dos locais do acontecimento; 6) Ambientação do local; e 7) Metajornalismo (Viana, 2021b, p. 1).

A autora aborda a humanização do relato como forma de valorização das personagens do cotidiano e suas histórias. Em seguida, mostra como a fala do jornalista/apresentador em primeira pessoa e direcionada ao ouvinte é capaz de estabelecer uma relação de diálogo e laços de intimidade. Elucida, posteriormente, a importância dos elementos da linguagem radiofônica – falas, silêncios, músicas, efeitos sonoros – como linhas tênues para a condução emocional da história.

O rádio, como meio de comunicação tradicional, e o podcast, como formato contemporâneo e afluente do segmento radiofônico, possuem características em comum. A título de exemplificação, nota-se a oralidade como principal forma de comunicação; e se percebe também a acessibilidade e a portabilidade de ambos, o que permite ao ouvinte ouvi-los a partir de aparelhos de fácil manuseio e adaptação aos ambientes flexíveis.

Um outro ponto a se comentar é sobre os nichos e vertentes sob os quais os programas destas mídias são produzidos, atraindo públicos específicos. Viana (2021b) também destaca a descrição das cenas retratadas e dos locais do acontecimento, contribuindo para a construção imaginária do ouvinte, que seja capaz de se aproximar da forma mais fidedigna da realidade.

Sobre a “paisagem sonora”, José (2007) é uma das autoras cujos estudos se debruçam a respeito deste conceito referente às tessituras estéticas do rádio por meio da sonoplastia, com trilhas e/ou efeitos sonoros para a roupagem do fundo sonoro em que se emprega o texto verbal. Ou seja, “a Paisagem Sonora é uma composição sonoplástica para construir um fundo sonoro em que o texto verbal-oral é locado” (José, 2007, p. 1).

Por fim, Viana (2021b, p. 17) compartilha que por meio do metajornalismo é possível adentrar aos bastidores do processo de apuração e da produção da informação e gravação de podcasts, compreendendo escolhas e enquadramentos. A autora analisa o jornalismo imersivo em rádio a partir da compreensão de que “a sensação de intimidade já está enraizada nas produções radiofônicas”, a qual gera valor-experiência nas narrativas radiofônicas se emprega recursos como o uso do storytelling².

É interessante categorizar podcasts a partir de uma proposta preliminar estruturada por Viana (2021a), na qual ela sublinha oito eixos: I) Relato; II) Debate; III) Narrativas da realidade; IV) Entrevista; V) Instrutivo; VI) Narrativas Ficcionalis; VII) Noticiosos; VIII) Remediados. Tal classificação denota uma bússola para o caráter apresentado pelo podcast *Paraíba: Quem Somos – Atravessando a Porta do Sol*, podendo-o rotular em “relato”, com narração particular contendo informações direcionadas ao ouvinte, com uso de uma ou mais vozes, e também em “narrativas da realidade”, voltadas às histórias reais que utilizam personagens e enredo enveredado por conflitos e arcos narrativos, com apuração em profundidade (Viana, 2021a, p. 11).

Ao dialogar sobre as nuances do “rádio expandido”, Kischinhevsky (2016) observa a articulação de elementos sonoros e parassonoros neste, considera abordagens multimétodos e destaca uma imagem ilimitada do objeto eleito a partir da complexidade e das novas nuances apontadas por este meio de comunicação em expansão, “que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música” (Kischinhevsky, 2016, p. 13). É comum observar uma constante inovação no mundo dos podcasts e, conseqüentemente, nas roupagens técnicas com as quais o rádio expandido se veste.

O rádio, como praticamente todos os outros meios de comunicação, passa por constantes adaptações, atualizações e reformulações que convergem tendências passadas e desembocam em novos formatos. Canavilhas (2012) expõe esse fenômeno pelas linhas do termo “convergência”:

A história da mídia de massa mostra que cada nova mídia passa por um período vago até se estabelecer com características próprias. Isto significa que os novos meios de comunicação começam por misturar os conteúdos dos seus antecessores (remediação)

² Traduzindo o termo do inglês, “story” (estória) e “telling” (narrar), em si a palavra *storytelling* já denota o sentido de narrativa. A Digital Storytelling Association informa que *storytelling* define-se como o uso da linguagem, dos elementos da comunicação, da emoção, da expressão vocal, da psicologia do movimento e da construção abstrata de elementos e imagens de uma história em particular para um público específico (Yuksel, Robin & McNeil, 2011).

até se estabelecerem numa linguagem própria (convergência) (Canavilhas, 2012, p. 10, **tradução nossa**).

Podcasts apresentam aspectos de convergência, uma vez que se adaptaram de fases e técnicas do rádio anteriores ao apogeu tecnológico do final do século XX e início do século XXI e continuam atualizando-se em infinitas tendências. O radiojornalismo, quando abordado em podcasts, constrói pontes entre o ouvinte e o jornalista. A junção entre rádio, jornalismo e narratividades é feita por Kischinhevsky (2018) a partir de um único termo: “radiojornalismo narrativo”, considerando os produtos que abordam o jornalismo narrativo e abrem espaços de observação para o que vem sendo realizado, dentre tantos exemplos, a partir de produções de podcasts. Ele cita:

O radiojornalismo narrativo em podcasts pode trazer uma construção narrativa dos fatos relatados com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa pelos apresentadores é recorrente, tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados com o jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos (Kischinhevsky, 2018, p. 6).

A abordagem em profundidade e amplitude de tempo são algumas das características que por si demonstram a inovação apresentada pelo radiojornalismo narrativo em um mundo comunicativo repleto de rotinas movidas pelo caráter da instantaneidade e das limitações de várias esferas, a começar pelos limites do tempo. Toma-se um conhecido podcast da Rádio Novelo por exemplo, intitulado *Praia dos Ossos*³, que aborda o feminicídio da socialite Ângela Diniz, ocorrido em dezembro de 1976, apresentando episódios aprofundados, que chegam a durar mais de uma hora. A narrativa dos episódios da série *Praia dos Ossos* segue em primeira pessoa, conforme o modelo dito por Kischinhevsky (2018), e serve também de inspiração ao presente projeto seguir os scripts do podcast em construção a partir das pessoas do “eu” e do “nós”.

A compreensão de radiojornalismo é também elucidada pela Professora Doutora Norma Meireles. Ela aponta que este termo define-se como:

jornalismo feito especificamente para o rádio, considerando o meio e a linguagem radiofônica. A instantaneidade, a simultaneidade e a rapidez estão entre as principais características do rádio que se associam a outras, em especial o potencial de criar imagens mentais no ouvinte. Quanto à redação radiojornalística, deve-se considerar que a linguagem radiofônica engloba não apenas o texto escrito, mas a sua interpretação ou a performance vocal, ou seja, a fala; assim, na linguagem radiofônica, o texto escrito invariavelmente necessita da materialidade da voz, dando-lhe vida, corporeidade sonora cuja performance vocal colabora para o sentido da mensagem quanto ao aspecto da oralidade (Meireles, 2024, p.185).

³ <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>.

1.5 Por um jornalismo multiplataforma e transmídia

Diante do seu caráter multimídia, o projeto *Paraíba: quem somos – atravessando a Porta do Sol* tende a disseminar informações pelo impresso, pelo digital e pelo sonoro e, com isso, permitindo maiores experiências sensoriais ao público. Conforme observa Salaverría (2014), a própria comunicação humana é multimídia, uma vez que, de forma multissensorial, por múltiplas vias e com o uso dos cinco sentidos do corpo – visão, audição, tacto, olfato e paladar –, a informação é recebida e comunicada. Salaverría (2014) elucida que por multiplataforma, ramificado do conceito de multimídia, entende-se a articulação feita por distintos meios em suas respectivas coberturas informativas, como também em suas estratégias editoriais e/ou comerciais, para se alcançar um melhor resultado conjunto.

Vale ressaltar a identidade transmídia desta conjunção entre o livro-reportagem e o podcast. A expressão narrativa transmídia (*transmedia storytelling*) foi mencionada pela primeira vez em 2006, no livro “A Cultura da Convergência”, de Henry Jenkins. Entretanto, a essência da produção transmídia tem sido observada desde antes, pelo menos desde os anos 1990. Segundo Jenkins (2006), a proposta da narrativa transmídia é criar uma “experiência unificada”.

A título de exemplificação, a Rádio Novelo lançou em 2021 o podcast *A República das Milícias*⁴, uma série em oito episódios que se propôs a entender com o Rio de Janeiro se tornou um território em disputa. Pela primeira vez um livro foi adaptado para o formato de documentário narrativo em áudio, apresentado por Bruno Paes Manso, o mesmo autor da obra. Novas entrevistas e pesquisas foram adicionadas para a construção dos roteiros em áudio, com ambientações sonoras para tornar os episódios ainda mais instigantes aos ouvintes.

A pesquisa bibliográfica, as histórias de vida, a evocação da memória, a entrevista em profundidade, a observação participante e a vivência em campo são, no geral, essenciais quando o assunto é a grande reportagem, voltando-se à narrativa em livro-reportagem e podcast. Travancas (2006) assinala o papel de “mediadores” para jornalistas e antropólogos em suas práticas profissionais, sugerindo que estes saem de uma posição de “comodidade” rumo às práticas culturais de outros grupos e categorias sociais, buscando inserir-se de forma neutra em outras vivências cotidianas.

⁴ <https://radionovelo.com.br/noticias/a-republica-das-milicias/>.

Tendo a figura humana em destaque, a identidade individual e coletiva mantêm-se apostas, como aborda Hall (2011). Em seu próprio título o projeto transcorre três palavras iniciais que desembocam em aspectos identitários: *Paraíba: quem somos*. Somos, a primeira pessoa do plural, denotação de identidade coletiva. Mas, afinal, o que é ser Paraíba? E como a Paraíba se manifesta na identidade pessoal de cada entrevistado? O produto jornalístico em questão parte dessas premissas, tendo em vista o Estado em abordagem como um lugar imbricado à cultura nordestina, palco de realidades únicas e lugares de natureza singular.

A partir deste princípio, Hall (2011, p. 39), ao invés de compreender a identidade como ideia acabada, prefere falar de *identificação* em andamento, explicando que a identidade surge, na verdade: “...de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais imaginamos ser vistos por *outros*”. Por tais compreensões fica implícito que ser Paraíba, acima de tudo, parte do princípio de, em primeiro lugar, identificar-se com ela de corpo e alma.

2. ATRAVESSANDO A “PORTA DO SOL” SOB PASSOS METODOLÓGICOS

Na abordagem da pesquisa qualitativa, Stake (2011) entende que:

Não existe uma única forma de pensamento qualitativo, mas uma enorme coleção de formas: ele é interpretativo, baseado em experiências, situacional e humanístico. Cada pesquisador fará isso de maneira diferente, mas quase todos trabalharão muito na interpretação. Eles tentarão transformar parte da história em termos experienciais. Eles mostrarão a complexidade do histórico e tratarão os indivíduos como únicos, mesmo que de modos parecidos com outros indivíduos (Stake, 2011, p. 41).

Os procedimentos metodológicos aqui empregados são a revisão bibliográfica, a entrevista e a apuração para a coleta de dados com captação de áudios, fotos, vídeos, anotações e registros da história oral, a análise e tratamento de dados e a elaboração dos produtos. Enquanto outras áreas podem ter a entrevista como um “método extramuros”, o campo do jornalismo a toma por algo, diga-se de passagem, comum e familiar. A entrevista é aqui compreendida como um método de caráter profissional ao jornalista e que serve para coletar dados e informações.

Medina (1986, p. 8) entende a entrevista como:

uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano [...] O diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. Esta situação, que pode ser rotulada de ideal, se realiza no cotidiano, até mesmo em uma entrevista jornalística levada às últimas consequências.

Thompson (1992) afirma que a entrevista “*não é um diálogo, ou uma conversa*”, mas um ato de escuta e, no máximo, contestações, no qual o pesquisador deve sempre estar em segundo plano, “*não introduzindo seus próprios comentários ou histórias*” (Thompson, 1992, p. 271). Em entrevista à Mariano (2011, p. 310), a jornalista Eliane Brum sublinha um falar que ultrapassa as verbalidades do relato oral:

Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar. Essa escuta que é o nosso trabalho. A gente não está só escutando palavras, a gente está escutando toda a complexidade desse momento.

O universo da pesquisa *Paraíba: quem somos – atravessando a Porta do Sol* é composto por cinco “narrativas paraibanas” que seguem pela Paraíba e pela Europa retratando histórias

de vida, emoções, gestos humanitários, comportamentos, experiências e singularidades. Ao percorrer o estado da Paraíba e territórios em Portugal, na Itália e na Suíça, busca-se a escuta do outro. Relato abaixo os cinco personagens paraibanos do projeto, sendo duas entrevistas realizadas em território paraibano e outras três na Europa, em uma permanência de três meses de mestrado sanduíche na Universidade da Beira Interior (UBI) em Portugal, custeada integralmente pelo Programa Paraíba Sem Fronteiras, da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB) e da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior – SECTIES

Na Paraíba, até o mês de agosto de 2024, eu realizei as duas primeiras entrevistas. A primeira ida a campo foi realizada em 16 de maio de 2024, com destino à cidade de Barra de Santa Rosa, no Curimataú paraibano, ante a história de **Eloá Souto**, uma estudante de 16 anos do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), localizado em Picuí-PB. Eloá foi selecionada entre 1.200 jovens de todo o Brasil para uma bolsa de monitoria em simulações de debates da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em janeiro de 2024 na Universidade de Harvard/EUA. O pesquisador foi até a casa da entrevistada (ver Figuras 1 e 2) e passou cerca de três horas da manhã de quinta-feira na companhia de Eloá e de seus pais, escutando a jovem por mais de uma hora e observando aspectos do cotidiano da família, de caráter humilde e batalhador. Foram captados também áudios externos na cidade na ocasião, em virtude do considerável movimento de pessoas em torno das feiras populares, frequentes às quintas-feiras no local.

Figura 1 - Repórter Luiz Felipe Bolis e família de Eloá. Da esquerda para a direita, Sheila (mãe), Damon (pai) e a entrevistada Eloá Souto.



Fonte: Arquivos pessoais.

Figura 2 - Entrevista com Eloá Souto, na casa da entrevistada.



Fonte: Arquivos pessoais.

O segundo entrevistado foi o coronel **Arthur Vieira**, natural de Catolé do Rocha, no Sertão do estado, atuante no Corpo de Bombeiros da Paraíba. Este liderou um grupo de dezessete paraibanos e dois cães de busca em ações de resgate de vítimas nas enchentes do Rio Grande do Sul no mês de maio do presente ano. As operações coordenadas por Arthur foram bastante aplaudidas por governantes, representantes de várias frentes e populares. Os encontros do pesquisador com o entrevistado ocorrerão no começo de agosto. O mestrando realizou a entrevista em 22 de agosto de 2024, na residência do bombeiro militar, na cidade de Cabedelo-PB (ver Figura 3).

Figura 3 - Repórter Luiz Felipe Bolis e Coronel Arthur Vieira, em Cabedelo/PB.



Fonte: Arquivos pessoais.

No mês de setembro de 2024, entrevistei **Adriana Bischofberger**, 50 anos, campinense que mora na Suíça há mais de 35 anos e é a idealizadora de um São João fora de época na cidade de Genebra, no noroeste suíço. Em 2024, o evento de raízes inspiradas no São João de Campina Grande chegou à sua 10ª edição, ocorrendo fora de época, entre o fim de agosto e início de setembro. Pude relatar o início da vida de Adriana em terras suíças, onde chegou ainda em fase adolescente na companhia do ex-marido paraibano e jogador de futebol; falarei sobre a atualidade, do trabalho que Adriana exerce como educadora da educação infantil em parceria com o Governo Suíço e sobre a realização do São João de Genève em 2024, que conta com as apresentações de artistas paraibanos. A entrevista foi realizada em Genebra, no dia 26 de setembro de 2024 (ver Figura 4).

Figura 4 - Repórter Luiz Felipe Bolis e Adriana Bischofberger, em Genebra/Suíça



Fonte: Arquivos pessoais.

Em 19 de outubro de 2024 eu estive para Roma, na Itália, e pude entrevistar a campinense **Kaline Basílio**, 36 anos, modelo com mais de quinze anos de carreira em grandes desfiles de moda, ensaios e participações nas passarelas da Itália e de todo o mundo, tendo trabalhado também com nomes importantes como Jennifer Lopez e Naomi Campbell. Kaline é mãe, casada com um advogado italiano e recentemente concluiu em Roma o seu curso de graduação em Direito (ver Figura 5).

Figura 5 - Repórter Luiz Felipe Bolis e Kaline Basilio, em Roma/Itália



Fonte: Arquivos pessoais.

O entrevistado do mês de novembro estava em Braga/Portugal, a 54km da cidade do Porto e a 300km de Covilhã, onde fica a Universidade da Beira Interior, lugar de destino da minha mobilidade internacional. Conheci o cotidiano de **Ronilson Clementino**, 34 anos, paraibano de Campina Grande, que trabalha em uma concessionária de veículos em Braga e participa de torneios de futebol em Portugal (ver Figura 6).

Figura 6 - Repórter Luiz Felipe Bolis e Ronilson Clementino, em Braga/Portugal.



Fonte: Arquivos pessoais.

Enquanto a cobertura jornalística em torno de Eloá Souto e de Arthur Vieira se dá nos territórios paraibanos, os três entrevistados na Europa relatam suas experiências enquanto estrangeiros ante os desafios e as conquistas em solo internacional, suas lembranças da Paraíba e relações com o estado, e muito mais, evocando memórias importantes para a construção das reportagens. Na Figura 7 temos um painel com fotografias disponibilizadas pelos entrevistados.

Figura 7 – Eloá, Arthur, Adriana, Ronilson e Kaline, respectivamente.



Fonte: Arquivo pessoal dos entrevistados.

Eu segui produzindo em três importantes fases: pré-produção, produção e pós-produção. No processo de pré-produção foram feitas pautas com perguntas e estudos prévios sobre o entrevistado e o tema apresentados, sob orientação da orientadora e professora Norma Meireles (UFPB) do coorientador e professor José Ricardo Carneiro (UBI), além de um planejamento logístico de deslocamento até o local onde residem os entrevistados e de um cronograma de entrevistas e observações do cotidiano, ao decorrer de um período de dias. Tem-se a fase de produção, na qual ocorre de fato o encontro com o(a) entrevistado em seu local de moradia, acompanhando a sua rotina e captando dele(a) respostas, emoções, partilhas, momentos no

decorrer de alguns dias; aqui há captação de áudios, anotações em caderno, fotografias para o projeto e captação de vídeos para uma reportagem geral ao término de todo o projeto.

Some-se a isso, o Mestrado em Jornalismo da UBI, junto ao Mestrado Profissional de Jornalismo da UFPB, servem de base para apreensão de técnicas e procedimentos cabíveis à execução do jornalismo no processo de pós-produção e edição dos materiais do projeto após a obtenção das entrevistas, com acesso a recursos laboratoriais avançados. A fase de pós-produção é dedicada a transcrições de áudios e à escrita da reportagem para o livro em formato de e-book e, quanto ao podcast, esta fase também é voltada para a produção do *script*, gravação do roteiro e edição do áudio. Vale citar que o e-book é:

um tipo de livro digital que pode ser lido em dispositivos eletrônicos, como smartphones, tablets e computadores. Eles geralmente são disponibilizados em formatos como PDF, mas existem outras opções como ePub e MOBI, que podem ser lidos em dispositivos eletrônicos como computador, tablet e smartphone (Godoy, 2023).

O formato do presente projeto consiste em: livro-reportagem em formato e-book com 5 histórias de vida, intitulado *Paraíba: quem somos – atravessando a Porta do Sol*, e narrativas em podcast. A cada entrevistado, o pesquisador apresentou um Termo de Uso de Imagem e Voz para assinatura. Contratempos ambientais, de saúde, sociais, pessoais e geográficos também ocorreram, entretanto não impediram a realização dos trabalhos.

Vale citar que os instrumentos de coleta para identificação de personagens a comporem o universo da pesquisa contaram com inúmeros recursos, destacando como os principais: busca em portais, análises de perfis em redes sociais, mensagens via aplicativo, ligações telefônicas, conversas presenciais, além de indicações vindas de fontes pessoais, do ciclo pessoal de amizade e de observações cotidianas em todos os espaços. Em praticamente todos os casos de seleções de entrevistados houve a interseção destes instrumentos, por exemplo: informações sobre o entrevistado em matérias de portais de notícias e complementação de dados em posts de rede social pessoal.

Dezenas de pessoas foram localizadas e analisadas através destes meios. Todas as vezes, ao notar uma história interessante, se fez necessário anotar a ideia e investigar profundamente alguns dados de interesse da pesquisa, a começar pelas raízes dos entrevistados, comprovando se, de fato, eram paraibanos; em certa ocasião, o pesquisador inicialmente pensava que um médico que faz belos trabalhos sociais na Paraíba era natural do estado, mas ao realizar buscas mais acuradas constatou que este, na verdade, era baiano.

Antes da seleção dos personagens desta versão final do trabalho, alguns outros estavam no rol de entrevistados e precisaram ser substituídos, por motivos pessoais de desistência ou

por razões pertinentes. Pensava-se, para a primeira reportagem, contar a história de vida de um professor indígena potiguara de Baía da Traição/PB, mas com os inúmeros compromissos da sua profissão e da agenda indígena, este preferiu não dar prosseguimento à entrevista que seria marcada e prontamente recomendou outro professor indígena, o qual não pôde participar da pesquisa justificando estar impossibilitado pelo fim do seu mestrado e dedicação exclusiva a este.

Prestes a buscar um novo personagem indígena para representar os povos originários do estado, o pesquisador deparou-se com o edital do Programa Paraíba Sem Fronteiras e, já estando com duas entrevistas a caminho de serem realizadas no estado, decidiu manter as outras três para se concretizarem no continente europeu, diante de um cronograma de prazos corriqueiros ao longo do ano de 2024. Os personagens desta versão final substituem ideias de entrevistas anteriores.

Por exemplo, a Eloá ocupa o posto que antes seria ocupado pela entrevista a um professor universitário muito empenhado, mas o docente desligou-se de suas atividades acadêmicas este ano; o Arthur permanece no lugar de uma cozinheira de pamonhas, diga-se “pamonheira”, do Cariri paraibano, que pausou as suas atividades no corrente ano. Os entrevistados da Europa também dão vez a histórias que já não possuíam a mesma factualidade de antes, como a de uma ativista cultural das periferias de Campina Grande e de João Pessoa que já há muito tempo não promove aulas de teatro a pessoas carentes destas comunidade, que perdeu todos os registros fotográficos das suas peças de teatro e que, por conta das limitações da idade, não dispõe mais de tantas memórias no seu consciente. Em outro caso, um médico socorrista que promovia ações sociais pela Paraíba seria entrevistado, mas este mudou-se para os Estados Unidos da América no início do presente ano.

Ao inscrever-se e ser selecionado no Programa Paraíba Sem Fronteiras, um dos entrevistados do pesquisador residia ao sul de Portugal, e se tratava de um paraibano que trabalha em um centro de cuidados para idosos. Ao ser aprovado, o mestrando compartilhou a notícia da ida à Europa com este e averiguou a sua confirmação na pesquisa, como feito com as demais entrevistadas. Porém o antigo personagem pediu desculpas e respondeu que “não desejava mais participar do projeto em virtude de querer manter a sua vida em modo discreto e privado”. Por respeito e cumprindo as devidas cláusulas do termo de consentimento de uso de imagem e voz, que garante a desistência ao participante em qualquer tempo, houve empatia e acolhida com a decisão do personagem e prontamente uma troca pela história de vida de Ronilson, já nos últimos instantes do prazo dos ajustes do Programa Paraíba Sem Fronteiras,

indicação de um amigo em comum. Sendo assim, o Quadro 2 demonstra os instrumentos de coleta que permitiram localizar e selecionar os personagens do projeto:

Quadro 2- Instrumentos de coleta para identificação de personagens (universo da pesquisa)

Personagem	Instrumento	Temática
Eloá Souto	- Post da notícia do intercâmbio de Eloá no <i>feed</i> do Instagram do Portal T5⁵, pertencente ao sistema de comunicação da TV Tambaú; - Notícias no site do Jornal da Paraíba⁶ e no portal de notícias do IFPB⁷; - Instagram pessoal da entrevistada; - Mensagens por aplicativos (Instagram e WhatsApp da entrevistada).	Intercambista do <i>Harvard Model United Nations</i> , selecionada entre 1.200 jovens de todo o Brasil para uma bolsa de monitoria em simulações de debates da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em janeiro de 2024 na Universidade de Harvard (EUA).
Coronel Arthur Vieira	- Portal de notícia Mais PB⁸; - Instagram pessoal do entrevistado; - Mensagens por aplicativos (Instagram e WhatsApp do entrevistado).	Ele liderou um grupo de dezessete paraibanos e dois cães de busca em ações de resgate de vítimas nas enchentes do Rio Grande do Sul no mês de maio do presente ano

⁵ <https://www.instagram.com/p/C5RPt-fryWU/>.

⁶ <https://jornaldaparaiba.com.br/educacao/estudante-de-escola-publica-e-aprovada-em-bolsa-e-premiada-em-harvard-mundo-novo>.

⁷ <https://www.ifpb.edu.br/picui/noticias/2024/04/estudante-do-ifpb-conquista-bolsa-e-discute-em-boston-eua-questoes-de-relevancia-global>.

⁸ <https://www.maispb.com.br/722055/bombeiros-paraibanos-chegam-ao-rs-para-resgatar-vitimas-estamos-a-disposicao.html>.

Adriana Bischofberger	- Matérias do Sistema Paraíba de Televisão: portal⁹ e TV; - Página do São João de <i>Genève</i> no Instagram¹⁰; - Mensagens via aplicativo (Instagram da página São João de <i>Genève</i> e WhatsApp de Adriana).	Idealizadora de um São João fora de época na cidade de Genebra, no noroeste suíço.
Ronilson Clementino	- Indicação de um amigo em comum; - Mensagens via WhatsApp do entrevistado.	Ele trabalha em uma concessionária de veículos em Braga e participa de torneios de futebol em Portugal.
Kaline Basílio	- Entrevistada presente no ciclo de amizades do repórter-pesquisador desde 2022.	Modelo com mais de vinte anos de carreira em grandes desfiles de moda, ensaios e participações nas passarelas da Itália e de todo o mundo, tendo trabalhado também com nomes importantes como Jennifer Lopez e Naomi Campbell.

Em outras eras certamente não se conseguiria acesso a tantos dados, contatos e informações com tamanha rapidez e riqueza de detalhes. Deste círculo de entrevistados, os quatro primeiros citados no Quadro 1 não eram conhecidos do pesquisador, apenas a Kaline Araújo já desde 2022 pertencia ao ciclo de amizades do mestrando.

⁹ <https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/sao-joao-fora-de-epoca-na-suica>.

¹⁰ <https://www.instagram.com/saojoaogeneve/>.

3. PROJETO EDITORIAL

Inicialmente, a respeito do livro-reportagem, ele possui 91 páginas ao todo. Está dividido em Apresentação, com detalhes introdutórios da obra. As reportagens estão divididas pelos seguintes títulos: **1) Eloá: a menina que foi para Harvard; 2) Coronel Arthur: na linha de frente do resgate; 3) Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João; 4) Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo; 5) Ronny: a paixão pelo futebol e o sonho de imigrar entram em campo.** Esses mesmos títulos intitulam os episódios do Podcast.

O livro-reportagem faz aplicação da técnica de jornalismo literário e narrativo, moldando perfis aprofundados baseados em entrevistas e apurações. O jornalista faz uso da terceira pessoa, com imersão em espaços físicos, culturais, históricos e sensoriais, mesclando os textos com falas dos entrevistados em primeira pessoa.

As fontes primárias das produções se baseiam em entrevistas em profundidade com os personagens principais. Fontes secundárias também estão presentes, na forma de dados oficiais, relatórios de instituições públicas, registros históricos, notícias jornalísticas e referências bibliográficas clássicas e contemporâneas.

O livro apresenta um design minimalista e escolhas tipográficas que visam tornar a leitura fluida e confortável, diante de textos longos, escolhendo-se as fontes Garamond, Special Elite e Handsome. A capa foi produzida no Canva; no programa, algumas folhas do projeto editorial, mais elaboradas, também foram construídas. O processo geral de diagramação do livro ocorreu no Word Office 2013.

Os cinco episódios de Podcast, por sua vez, estão presentes na plataforma Spotify e foram colocados lá por meio de um recurso da plataforma para criadores de Podcast. O tempo total de cada podcast ficou estimado em: 1) Eloá: 22m32s; 2) Coronel Arthur: 23m46s; 3) Adriana: 26m39s; 4) Kaline: 27m30s; 5) Ronny: 21m32s.

Com os cinco scripts em mãos, as gravações dos áudios-narração do mestrando foram realizadas no Laboratório de Rádio do CCTA-UFPB, na manhã de 10 de julho de 2025, sob o apoio do estudante do curso de Radialismo José Mathias Barbosa, na operação e áudio. As edições de áudio foram realizadas no programa Audacity.

O projeto editorial conta ainda com um vídeo de 3m47s, com imagens e depoimentos de cada um dos cinco entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto "Paraíba: Quem Somos – Atravessando a Porta do Sol" nasce com o desejo de reforçar que o jornalismo pode ser um elo potente entre memórias individuais e coletivas, entre territórios físicos e simbólicos, e entre sujeitos diversos unidos por um traço em comum: a identidade paraibana. O livro-reportagem e o podcast revelam como as histórias de vida se tornam documentos afetivos e históricos de um povo, sobretudo quando narradas com escuta sensível, apuração rigorosa e cuidado ético.

A proposta buscou transcender os limites do formato tradicional ao construir um produto transmídia, capaz de dialogar com diferentes públicos por meio da leitura e da escuta. O livro oferece profundidade textual e sensorial; o podcast amplia a imersão sonora e emocional. Ambos se entrelaçam para formar uma narrativa ampliada sobre o que significa ser da Paraíba, do Litoral ao Sertão, ou até mesmo em terras estrangeiras, além-mar.

A escolha dos perfis priorizou pluralidade e representatividade, revelando que as vozes da Paraíba ressoam com força não apenas em seu território, mas também no cenário internacional. As histórias de Eloá, Arthur, Adriana, Kaline e Ronilson são, antes de tudo, atos de afirmação de identidade, e refletem os múltiplos rostos de um estado em constante transformação.

O jornalismo narrativo e de profundidade é um campo fértil para a valorização de subjetividades e da cultura local. É possível, desta forma, aliar rigor metodológico, estética narrativa e sensibilidade humana na construção de um jornalismo comprometido com o tempo e com a memória.

Por fim, espera-se que esta obra contribua para ampliar o repertório de representações sobre a Paraíba e que sirva como instrumento de empatia, escuta e pertencimento – para paraibanos, nordestinos, brasileiros e todos aqueles que desejam conhecer e sentir a força das histórias que nascem no coração do Nordeste e atravessam a Porta do Sol rumo ao mundo.

REFERÊNCIAS

BORGES, Rogério Pereira. Escrita do si, escrita do outro: jornalismo literário como parâmetro teórico para gêneros biográficos. **Braz. journal. res.**, Brasília, v. 14, n.3, dec. 2018. p. 806-831.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

RODRIGUES, Luiz Felipe Bolis. **Diários pessoais**. Massaranduba: [s.I.], 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. São Paulo: Editora T. A. Queiroz, 1979.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de Proximidade**. Minerva: Coimbra, 2002.

CANAVILHAS, João. From remediation to convergence: looking at the Portuguese media. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 7–21, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v8n1.2012.406>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CARVALHEIRO, José Ricardo; MORAIS, Ricardo; RAMOS, Giovanni. Imprensa regional, meios digitais e a (nova) diáspora. **Observatorio (OBS*) Journal**, v. 15, n. 3, p. 89-109, 2021. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1714/pdf>.

CARVALHEIRO, José Ricardo. Por onde anda o cronista? Explorando a Crônica Narrativa em Diários de Referência. **Interações: Sociedade e as Novas Modernidades**, Covilhã, 2023, n. 44, p. 29-52. Disponível em: <https://doi.org/10.31211/interacoes.n44.2023.a1>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CARVALHO, Beatriz Guimarães de; EVANGELISTA, Rafael de Almeida. Coletores do cotidiano: o jornalista literário, o antropólogo e suas idas ao campo. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 3, dez. 2018, p. 832-849.

CRUZ, Adriano (Org.). **Dicionário de comunicação organizacional**. Parnamirim: Editora Bibliotca Ocidente, 2024

DAROS, Otávio. Prehistory of journalism studies: Discovering the Brazilian tradition. In: **Journalism**, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/14648849231200325>. Acesso em: 16 out. 2023.

FREIRE, Débora Cristina Lopes. Rádio com imagens: uma proposta de sistematização do uso de vídeos em páginas de emissoras de rádio. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n. 2, p. 80–96, 2012. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br>. Acesso em: 20 jul. 2025.

GODOY, Fabio. O que é um ebook e como usar? Porque, quando e como fazer?. **EAD Plataforma**, 27 fev. 2023. Disponível em: <https://blog.eadplataforma.com/infoprodutos/o-que-e-um-ebook/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

GOMES, Jaqueline Frantz de Lara. As vozes que narram em O olho da rua, de Eliane Brum. In: MAIA, Maia; MARTINEZ, Monica (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018. p. 147-159.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York, London: New York University Press, 2006

JOSÉ, Carmen Lucia. Paisagem sonora: o som nas ondas do rádio. **Revista Ghrebh-**, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 176-195, 2007.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. **Minhas viagens com Heródoto: entre a história e o jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LABELLA, L. I. **Manual de periodismo local**. Madrid: Fragua, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419-477.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. 2009. 301 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.

MAIA, Marta Regina; TAVARES, Michele da Silva. As temporalidades no jornalismo: do acontecimento às narrativas. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin. **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. p. 73-85.

MAIA, Marta Regina. A composição textual de perfis pelo jornalismo narrativo. **Cadernos de Subjetividade (C&S)**, São Bernardo do Campo, v. 44, n. 1, p. 179–203, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/16830>. Acesso em: 20 jul. 2025.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Eliane Brum e a arte da escuta. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 307-322, jan/jul. 2011.

MARTINEZ, Monica. Reflexões sobre Jornalismo e História Oral: um campo com mais convergências do que dissonâncias. In: **Revista Observatório**, Palmas, v. 2, n. 1, jan.-abr. 2016.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. Intercom – RBCC, São Paulo, v.40, n° 3, p.21-36, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v40n3/1809-5844-interc-40-3-0021.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2024.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista** – o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MEIRELES, Norma. Radiojornalismo. In: CRUZ, Adriano (Org.). **Dicionário de comunicação organizacional**. Parnamirim: Editora Bibliotca Ocidente, 2024. p. 192-193.

MELLO, José Octávio de Arruda; FARIAS, Arion; MELLO, Humberto; CABRAL, Heitor (org.). **História da Paraíba e sua capital**. João Pessoa: Imprell Editora, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Por que estudar narrativas?. In: MOTA, Célia Ladeira; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra (Orgs.). **Narrativas midiáticas**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 23-32.

PASSOS, Mateus Yuri; ORLANDINI, Romulo Augusto. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do Jornalismo literário. **Contracampo**. n.18, p.75-96, jan./jun. 2008.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Rumores, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>>. Acesso em: 05 jul. 2024.

ROVIDA, Mara Ferreira. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica. **Líbero**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun. 2015.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. ISBN 978-989-654-144-6 (pdf). Covilhã: Livros Labcom. 2014. p. 25-52.

SANTOS, Kássia Nobre dos. **Quando a fonte vira personagem: análise do livro-reportagem A vida que ninguém vê da jornalista Eliane Brum**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A. e DUARTE, J. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

VARGAS, Raúl Hernando Osorio. Reportaje: metodología del periodismo literario. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 14, n. 3, dez. 2018, p.750-771.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luan. Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. **Anais do XIII Encontro Nacional História da Mídia**, ago/2021a.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. **Comunicação Pública**, v. 16, n. 31, 2021b.

VIANA, Luana. *Podcasting* e a nova ecologia de mídia. In: O Podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

YUKSEL, P., Robin, B. & McNeil, S. Educational uses of digital storytelling all around the world. In M. Koehler & P. Mishra (Eds.), **Society for Information Technology & Teacher Education International Conference**. Chesapeake: Association for the Advancement of Computing in Education (AACE), 2011, p. 1264-1271.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Scripts dos episódios do Podcast “Paraíba: Quem Somos”

- **Eloá Souto**

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 01
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – SOM FADE IN E SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 05:41 - 05:45. TEMPO: 04”. DEIXA INICIAL: “‘TAVA’ LÁ” / DEIXA FINAL: “E ERA”.

LOC. 1 - Essa voz que você acabou de ouvir é de uma paraibana de 16 anos.//

TÉC. - SOM DE ÔNIBUS POR ” E SILÊNCIO.

LOC. 1 - Olá! Eu sou Luiz Felipe Bolis e o caminho de hoje nos conduz até Barra de Santa Rosa, no Curimataú paraibano./ Indo de ônibus pela BR 104, fui conhecer a história de Eloá Maria Casado Souto, que é filha do Damon e da Sheila e irmã caçula da Lavínia./ Sejam bem-vindos ao Episódio Um do podcast “Paraíba: Quem Somos”.//

TÉC. - VINHETA DE ABERTURA - COLLAGE: “MUITAS PESSOAS FALAM AO MESMO TEMPO ‘PARAÍBA’, E A VOZ DO JORNALISTA DIZ: ‘QUEM SOMOS’

TÉC. – SOM “FOCO” FORTE E DEPOIS SILENCIAR

LOC. 1 - Eloá: a menina que foi para Harvard.//

TÉC. - SOM TRILHA Forró POR 5”, DE 0:07 A 0:12, EM SEGUIDA SOLTA ARQUIVO EM MP3 “PROPAGANDA” DE 0:33 A 0:39

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 02
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Manhã de quinta-feira./ 16 de maio de 2024./ Céu azul na região do Curimataú paraibano.//

TÉC. - SOLTA ARQUIVO EM MP3 “FEIRA” DE 0:00 A 0:20

TÉC. - SOLTA ARQUIVO EM MP3 “FEIRA” DE 0:00 A 0:20

LOC. 1 - Há mais de 130 anos, feiras públicas acontecem em Barra de Santa Rosa, sempre às quintas-feiras./ Feira de gado, de trocas e vendas, de frutas, legumes e outros artefatos./ Vejo ruas repletas de feirantes, bancas, produtos e clientes./ A feira, além de ser um lugar de comércio, é também um ponto de interações entre bons e velhos amigos./ E eu vou seguindo rumo à casa de Eloá./ Será a primeira vez que verei a santarosense pessoalmente.//

LOC. 1 - Certo dia eu estava conferindo algumas postagens no feed do meu Instagram, quando em um perfil de notícias vi que uma paraibana havia ido até Boston, nos Estados Unidos, participar de uma conferência em janeiro de 2024./ O evento, que em inglês é chamado de *Harvard Model United Nations*, reúne jovens do mundo todo, que possuem espírito de diplomacia, com o intuito de que estes formem comitês de debates entre eles./ As simulações são promovidas pela ONU e nelas os participantes discutem a respeito de temas globais.//

LOC. 1 - Eloá conseguiu ir para a HMUN por meio da Bolsa Diplomun, oferecida Instituto Diplomun, subsídio este que cobre desde passagens aéreas, hospedagem e alimentação até muitas outras despesas./ Eu fiquei surpreso com a quantidade de candidatos que concorreram juntos a esta bolsa no ano de 2023: mais de 1200 concorrentes de todo o Brasil./ Eloá ficou sabendo sobre a Bolsa em 2021 em um vídeo no TikTok./ Em 2023, ela decidiu concorrer, e venceu./ Na hora em que a notícia saiu, Eloá estava inclusive jantando ao lado de seus pais./ A

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 03
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

emoção veio forte, e ela chorou naquele momento./ Querendo saber mais sobre os passos que levaram Eloá a conquistar a Bolsa Diplomun, eu fui até Barra de Santa Rosa.//

LOC. 1 - Eloá está concluindo o Ensino Médio no Instituto Federal da Paraíba, campus Picuí./ As aulas estão paralisadas há algumas semanas por causa da greve dos professores que repercute nos institutos federais de todo o país, ainda sem previsão de retorno.//

TÉC. - SOM TRILHA Instrumental POR 6”, DE 2:28 A 2:34

LOC. 1 - Na primeira das duas etapas, cada candidato deveria comprovar participação em atividades extracurriculares, demonstrar fluência em inglês e enviar uma redação embasada em experiências pessoais./ De todas as submissões, apenas 10 seriam selecionadas para a etapa final.//

TÉC. - SOLTA SOM AMBIENTE DE ALGUM RECORTE DA ENTREVISTA POR 2”

LOC. 1 - Eu sou recebido por Eloá e por seus pais Damon e Sheila./ Eles me acolhem com um delicioso café da manhã, composto por bolo, leite, pão, manteiga, queijo e café./ Sheila é professora e está concluindo o Doutorado./ Damon é formado em Pedagogia e trabalha como agente de serviços gerais./ Lavínia, a filha mais velha do casal, estuda medicina veterinária em João Pessoa, capital do estado da Paraíba.//

LOC. 1 - Eloá relembra a primeira vez que andou de avião./ A viagem faz pouco tempo, foi em 2023 e teve São Paulo como destino./ Ela, os colegas Júlio e Iara e os professores Antonio e Dayane se tornaram finalistas da FEBRACE - Feira Brasileira de Ciências e Engenharia, que aconteceu na USP (Universidade de São Paulo)./ No projeto, a equipe do IFPB idealizou um site intitulado *GATES (Grupo de Apoio Tático Educacional de Suporte Cognitivo)* - O portal *inteligente*, com a finalidade de promover uma rede social da educação inclusiva, com

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 04
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

conteúdos e interações sob o intuito de garantir a aprendizagem de alunos com dislexia e TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade)./ O *GATES* levou o prêmio de projeto de excelência e ainda foi indicado para participar da FENADANTE (Feira Nacional de Ciência e Tecnologia das Nações), em São Paulo.//

LOC. 1 - Em 2023, assim que ela chegou de viagem da FEBRACE, foi logo se inscrevendo na Bolsa Diplomun.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 04:56 - 05:45. TEMPO: 49”. DEIXA INICIAL: “QUANDO EU PASSEI” / DEIXA FINAL: “E ERA”.

LOC. 1 - A segunda fase do processo seletivo consistia em uma entrevista individual, que durou cerca de 40 minutos, de forma virtual para ela e para os outros nove candidatos.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 07:13 - 07:37. TEMPO: 24”. DEIXA INICIAL: “MAS FOI UMA ENTREVISTA” / DEIXA FINAL: “TEM PARA ENTREGAR”.

TÉC. - SOM BG

LOC. 1 - Eloá sempre quis fazer um intercâmbio./ Ela aprendeu inglês sozinha, aos 10 anos de idade, assistindo séries./ Em seguida vieram as músicas, os livros e as várias formas de treinar o inglês de forma autodidata./ Foi assim que ela adquiriu a fluência em inglês, quesito necessário para concorrer à bolsa./ Quando o resultado final saiu, ela e os pais estavam na mesa em horário de jantar.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 31:19 - 31:29. TEMPO: 10”. DEIXA INICIAL: “MEU PAI FALOU” / DEIXA FINAL: “JANTAR ANTES”.

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 05
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - O celular tocou./ Na ligação, o Presidente do Instituto Diplomun perguntou inicialmente se Eloá possuía roupa de frio.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 33:03 - 33:30. TEMPO: 27”. DEIXA INICIAL: “EU NÃO SEI” / DEIXA FINAL: “VOCÊ VAI PARA HARVARD”.

LOC. 1 - Eloá alcançou o objetivo tão sonhado./ Assim que veio a aprovação na Bolsa Diplomun, a Câmara Municipal de Barra de Santa Rosa dedicou uma moção de aplausos à cidadã santarrosense./ O evento estava previsto para acontecer entre os dias 25 a 28 de janeiro de 2024, em Boston.//

LOC. 1 - Durante todo o ano de 2023, Eloá participou de mentorias online, promovidas pelo Instituto Diplomun, tendo aulas de Inglês Diplomático e outros assuntos./ Ela adquiriu o visto de viagem para os Estados Unidos após ter sido entrevistada no Consulado dos EUA em Recife/Pernambuco, acompanhada pelos pais.//

LOC. 1 - Eloá tem na mãe Sheila e no pai Damon as suas maiores inspirações./ A sua mãe nasceu em um lar com uma situação alarmante de pobreza, e em seguida foi adotada por uma família da zona rural do município paraibano de Damião./ Sheila tinha o sonho de estudar, mas enfrentou resistência dentro de casa, principalmente da parte do pai adotivo./ Para poder adquirir conhecimento e independência, ela precisou sair de casa e trabalhar em lares de famílias./ Ao conhecer Damon, eles se casaram e ela concluiu os estudos, formando-se em Letras-Português e podendo finalmente trabalhar como professora.//

LOC. 1 - Eloá conta que seu pai, que também veio de um contexto de vida bastante humilde, conseguiu cursar Pedagogia./ No tempo em que a mãe estudava para passar em concursos, a jovem se lembra dos cuidados redobrados que o pai passou a ter com ela e a irmã para a mãe poder estudar.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 06
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - 20 de janeiro de 2024./ Eloá foi para a conferência em Harvard, partindo de João Pessoa, na Paraíba./ De João Pessoa viajou para São Paulo, depois seguiu Miami, passou pela imigração em e pegou o último voo, a caminho de Boston.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 33:01 - 33:27. TEMPO: 26”. DEIXA INICIAL: “FOI UM VOO” / DEIXA FINAL: “VOLTEI SOZINHA”.

LOC. 1 - A garota paraibana andou de aeroporto em aeroporto entre tantas outras garotas de outras partes do mundo.//

LOC. 1 - Aterrissagem.//

TÉC. – SOM DE AVIÃO ATERRISSANDO, SEGUIDO POR UM SOM “LADIES AND GENTLEMEN, WELCOME TO UNITED STATES OF AMERICA”

LOC. 1 - Eloá chegou em Boston, bem pertinho das simulações da ONU.//

TÉC. – Som americano POR 3”

LOC. 1 - Diferentes países, etnias, línguas e coletividades se encontravam no mesmo espaço./ As juventudes globais./ O rosto multicultural da nova geração./ O Hotel Le Meridien foi o lugar que acolheu as delegações dos cinco continentes, incluindo grupos do Brasil./ Além das simulações da ONU dentro do Le Meridien, Eloá e os seus amigos também puderam visitar a Universidade de Harvard e um aquário em Boston.//

LOC. 1 - O primeiro dia de debates não foi bem como Eloá planejava./ Já nos primeiros trinta minutos de comitê, um grupinho de meninas dos Estados Unidos e jovens da Índia estava notando o potencial da paraibana e decidiram interrompê-la sempre que Eloá tentava se expôr./ Além disso, eles começaram a falar inverdades sobre Eloá na frente dos avaliadores.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 07
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – BG INTENSO

LOC. 1 - Após uma sessão de quatro horas sem intervalos, a frustração, a tristeza e a sensação de fracasso se instalaram no coração da menina de Barra de Santa Rosa.//

TÉC. – TRANSIÇÃO DO BARULHO AO SILÊNCIO

LOC. 1 - No silêncio do banheiro, Eloá chorou./ Amigos lhe deram apoio emocional./ Logo ela se viu sozinha, diante de uma janela gigantesca no hotel, onde lançou preces e pediu forças a Deus.//

LOC. 1 - No segundo dia de debates, faltando quinze minutos para o comitê, uma forte crise de ansiedade se abateu sobre ela.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 14:04 - 15:09. TEMPO: 1'05". DEIXA INICIAL: “EU DISSE” / DEIXA FINAL: “E DEU MUITO CERTO”.

LOC. 1 - Aquele começou a se tornar o maior entre os blocos do comitê, atraindo a atenção de muitas pessoas, inclusive de líderes que vinham de outros comitês para tentar calar Eloá e barrar a desenvoltura da jovem./ Ante as provocações, ela se posicionou./

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 15:20 - 15:31. TEMPO: 11". DEIXA INICIAL: “EU DISSE” / DEIXA FINAL: “AQUELA HARMONIA”.

LOC. 1 - O diferente captava a atenção dos avaliadores do comitê./ Eloá escolheu não ser igual aos demais, mas seguir caminhos de bondade, gentileza e diplomacia./ E além disso ela recuperou todo o ânimo que parecia ter perdido.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 08
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Quase setenta anos após a Conferência de Bandung, o comitê de Eloá Souto evocou este encontro histórico e o tema da autoidentificação dos povos./ A conferência em questão havia sido realizada na Indonésia em 1955, em um contexto de Guerra Fria, unindo vozes de 23 países asiáticos e de 6 países africanos./ Nações antes relegadas ao submundo da geopolítica, sem poder de participação em decisões globais./ Eloá e os jovens de seu bloco discutiram sobre interferências internacionais, instrumentos de manipulação global, xenofobia e outras temáticas relacionadas.//

LOC. 1 - Através da jovem de Barra de Santa Rosa, pela primeira vez a Paraíba se fez presente na simulação da ONU em Harvard./ A Paraíba falou./ A Paraíba mostrou o seu potencial./ A postura de Eloá lhe rendeu, inclusive, a segunda maior premiação da conferência como líder de bloco./ São lembranças que se resumem em uma única palavra: superação.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 01:03:55 - 01:05:07. TEMPO: 1'12". DEIXA INICIAL: “ENTÃO A GENTE” / DEIXA FINAL: “A GENTE PLANTA”.

LOC. 1 - Eloá sentiu o preconceito na pele por ser paraibana e foi subestimada por vir de uma cidade pequena./ Tais atitudes não vieram de estrangeiros, mas sim de pessoas do Brasil.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 55:04 - 56:24. TEMPO: 1'20". DEIXA INICIAL: “UMA PRÓPRIA BRASILEIRA” / DEIXA FINAL: “O NOSSO ESTADO”.

LOC. 1 - Em Boston Eloá também viu a neve cair pela primeira vez./ Ali, entre amigos, ela foi tomada pela emoção e até chorou./ Eloá, “a menina que foi para Harvard”, viveu experiências incríveis e guarda amizades no coração que perduram até hoje.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 09
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. - SOM TRILHA POR 6”, DE 0:01 A 0:06

LOC. 1 - Quinze dias após voltar para a Paraíba, Eloá foi convidada pelo Instituto Diplomun para atuar como superintendente da educação integrada./ Mais uma notícia feliz e uma das suas primeiras oportunidades de trabalho, em um cargo que a permite aprender diariamente e fazer o que gosta./ Ela produz vídeos, prepara documentos com cerca de quarenta páginas, é mentora para novos jovens que vão embarcar nas simulações da ONU em Harvard e realiza outras atividades, e inclusive foi recrutadora no novo processo de seleção da Bolsa Diplomun.//

LOC. 1 - Os registros da Escola Municipal José Eudenício Correa Lins, bem diante da Praça Frei Martinho, guardam nos cadernos de chamada o nome de Eloá Maria Casado Souto./ Além do IFPB, Eloá estudou em outras escolas públicas e sente que participar delas moldou o que ela é, mostrando uma realidade da juventude paraibana ainda mais aprofundada.//

LOC. 1 - Em 2023, ela organizou a primeira simulação da ONU do Seridó e do Curimataú./ Junto à equipe, convocou jovens de Barra de Santa Rosa, Cuité, Picuí e outras localidades no campus do IFPB onde ela estuda./ As prefeituras das cidades proporcionaram ônibus para ida e regresso dos participantes./ A ideia foi mostrar a esses estudantes o leque de oportunidades que existem e falar de protagonismo juvenil.//

LOC. 1 - Estando em fase de pré-vestibular, a Eloá reflete que deseja seguir por algum curso que a permita, sobretudo, servir ao próximo./ Ela tem muitos sonhos e busca discernir da melhor forma possível a sua carreira acadêmica./ Mais do que “a filha do Damon e da Sheila”, mais do que “a menina que foi para Harvard”, mais do que “cidadã santarrosense”, Eloá é a palavra revestida de autonomia, é a coragem de ser protagonista da própria história.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 10
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio I – Eloá: a menina que foi para Harvard	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ELOÁ- ARQUIVO EM MP3 DE 33:30 - 33:52. TEMPO: 22”. DEIXA INICIAL: “E COINCIDENTEMENTE” / DEIXA FINAL: “ESPECIAL PARA MIM”.

TÉC. - SOM TRILHA Forró **POR 5”, DE 0:15 A 0:20**

LOC. 1 – Os trechos de música utilizados neste programa correspondem a canções de uso livre.//

LOC. 1 – Este foi o Episódio Um do Podcast “Paraíba: Quem Somos”./ Eloá: a menina que foi para Harvard./ Produção geral e locução de Luiz Felipe Bolis./ Supervisão de Norma Meireles./ Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba./ Apoio: FAPESQ/PB.//

- **Coronel Arthur Vieira**

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 01
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – COLLAGE (COM EFEITOS ESPECIAIS DE TRANSIÇÃO) - TEMPO: 1'01":

1. **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=HIHLV5VqI7w>

(JORNAL DA RECORD) 0:00 - 0:08. DEIXA INICIAL: “VOLTAMOS A FALAR” / DEIXA FINAL: “INVADIU PORTO ALEGRE”.
2. **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=IEzcL4kTFfQ>

(FANTÁSTICO) 0:04 - 0:12. DEIXA INICIAL: “DIMENSÃO DA TRAGÉDIA” / DEIXA FINAL: “O CAOS”.
3. **Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=3VOk4FzcyWY>

(BAND NEWS PORTO ALEGRE) 36:27 - 36:46. DEIXA INICIAL: “COMEÇA A CHOVER NO VALE DOS SINOS”. / DEIXA FINAL: “MOTORISTAS”.
4. **Link:** https://www.youtube.com/watch?v=Schci_nLsg8

(JORNAL DA BAND) 0:03 - 0:14. DEIXA INICIAL: “A SITUAÇÃO”. / DEIXA FINAL: “ESVAZIADOS”.
5. **Link:** https://www.youtube.com/watch?v=j_dUhMVxn3k

(CBN PARAÍBA) 4:14 - 4:30. DEIXA INICIAL: “TEMOS FALADO”. / DEIXA FINAL: “JOÃO PESSOA”.

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 02
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – SOM DE RADIOESCUTA (NA VOZ DE UM BOMBEIRO): “COMANDANTE, PARECE QUE A GENTE TÁ INDO PARA UM CENÁRIO DE GUERRA”./

TÉC. - SOM DE RADIOESCUTA (NA VOZ DO CORONEL ARTHUR VIEIRA): “CARA, ESSA OPERAÇÃO VAI ENTRAR NA HISTÓRIA”

TÉC. - SOM DE TRANSIÇÃO E SILÊNCIO

LOC. 1 - Olá! Eu sou Luiz Felipe Bolis e esse é o Episódio Dois do podcast “Paraíba: Quem Somos”./ Sejam bem-vindos!./

TÉC. - VINHETA DE ABERTURA - COLLAGE: “MUITAS PESSOAS FALAM AO MESMO TEMPO ‘PARAÍBA’, E A VOZ DO JORNALISTA DIZ: ‘QUEM SOMOS’

TÉC. – SOM “FOCO” FORTE E DEPOIS SILENCIAR

LOC. 1 - Coronel Arthur: na linha de frente do resgate.//

TÉC. - SOM “TRANSIÇÃO”

LOC. 1 - Entre a última semana de abril e os primeiros dias de maio de 2024, o Rio Grande do Sul viveu horas de muita tensão e sofrimento./ Uma enchente assolou as terras gaúchas em decorrência das chuvas intensas e persistentes que caíram no estado naquele período, provocando “a maior catástrofe climática” de todos os tempos no Rio Grande do Sul./ Especialistas apontam que a enchente foi ainda mais intensificada pelo bloqueio atmosférico e pelo El Niño, além das falhas em sistemas de drenagem e diques, que excederam a capacidade de contenção hídrica do estado e agravaram os danos.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 03
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. - SOLTA ENTREVISTA ARTHUR - ARQUIVO EM MP3 DE 13:04 - 13:38. TEMPO: 34”. DEIXA INICIAL: “A GENTE VIU” / DEIXA FINAL: “ESPERANDO”.

LOC. 1 - Essa entrevista foi gravada em 22 de agosto de 2024 com o Coronel Arthur Vieira em sua residência na cidade de Cabedelo, na zona metropolitana de João Pessoa, capital da Paraíba./ Naquela manhã de quinta-feira pude escutar os relatos do Coronel, que havia sido designado para ser o Comandante da Força-tarefa em terras gaúchas./ Uma missão confiada a ele pelo Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, ou CBMPB./ Ele coordenou o grupo, formado por outros 16 bombeiros e 2 cães de trabalho./ Ao longo deste podcast, talvez você ouça alguns ruídos referentes a obras de construções civis./ Os ruídos, por si só, nos falam do ritmo intenso dos novos edifícios que vêm sendo levantados em cidades como Cabedelo, em João Pessoa e em toda a região metropolitana.//

LOC. 1 - Agora voltando a dois meses antes da entrevista: antes de seguir viagem, a equipe se reuniu no Quartel para separar materiais, fazer manutenção em viaturas e providenciar mantimentos como água, alimentação, barracas e medicamentos./ A autonomia plena da operação é, para os bombeiros, uma das doutrinas de atendimento a desastres./ No dia 6 de maio, eles partiram de João Pessoa rumo a Porto Alegre./ Uma viagem de 5 dias pela frente os aguardava./ O Coronel Arthur se despediu de sua família, de sua mãe Edinalva e da sua filha Lara, de apenas 4 anos e seguiu os rumos da missão.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 04
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Até abril de 2024, o maior índice pluviométrico registrado na história do Rio Grande do Sul havia sido o da enchente de 1941./ Naquele ano, a água atingiu 4,75 metros na capital, o que deixou um quarto da população porto-alegrense sem abrigo, segundo os registros da época./ Mas em 2024, sobre proporções ainda mais desastrosas, o Rio Grande do Sul assistiu a chegada de outra enchente, classificada pelo governo gaúcho como “a maior catástrofe climática” da história do estado. Pela primeira vez o nível do Guaíba ultrapassou a altura dos 5 metros, chegando à marca dos 5,37 metros no dia 5 de maio.//

TÉC. - SOLTA ENTREVISTA ARTHUR - ARQUIVO EM MP3 DE 16:58 - 18:01. TEMPO: 1’03”. DEIXA INICIAL: “TODO O PERCURSO” / DEIXA FINAL: “NESSE TRAJETO”.

LOC. 1 - Em paradas para refeições e necessidades básicas, os cães da corporação também se beneficiavam dos momentos de intervalo./ Por serem cães muito ativos, os mascotes da operação também tinham necessidade de brincar e se alongar em algum lugar, geralmente em postos de combustível./ E assim foram seguindo viagem, enxergando com os olhos da alma os solos dos muitos Brasis./ Os condutores da viatura tratavam de dirigir com cautela para evitar danos e acidentes, vencendo quase 4 mil quilômetros de estradas que cada vez mais levavam a um cenário de dores, perdas e também esperanças.//

LOC. 1 - Os prejuízos de um evento calamitoso como este são incalculáveis, tornando-se árdua a tarefa de enumerá-los em escala humana, socioeconômica, ambiental e sob outras perspectivas./ Nas áreas afetadas houve falta de luz, interrupção do abastecimento de água e, ante as inundações, a única forma de se locomover era através de barcos e canoas./ Foram afetados 478 dos 497 municípios do estado, nas regiões administrativas de Caxias do Sul, Erechim, Lajeado, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria e Soledade.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 05
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Segundo dados da Defesa Civil gaúcha, a enchente atingiu cerca de 2,4 milhões de pessoas, deixou quase 389 mil desalojadas e levou mais de 10 mil pessoas a procurarem abrigos./ A tragédia resultou em um número de 806 feridos e 28 desaparecidos./ 183 óbitos foram confirmados até agosto de 2024.//

TÉC. - SOM DE UM CARRO EM UMA RODOVIA

LOC. 1 - À 1h da manhã de uma sexta-feira, dia 10 de maio de 2024, as viaturas do CBMPB finalmente tocaram em solo porto-alegrense./ Enquanto a população buscava meios de deixar a cidade e salvar a vida, os bombeiros do CBMPB faziam o percurso contrário, enfrentando os obstáculos que surgiam pelo caminho./ A luz de muitos faróis em fuga vinha na contramão, revelando o incessante desejo por sobrevivência daqueles desconhecidos condutores e passageiros./ À frente, uma estrada gaúcha quase que totalmente solitária e ocupada pelas cinco viaturas que partiram da Paraíba./ Vias alagadas, cidades sem eletricidade, caminhos precários, bombeiros levando segurança a muitas vidas em risco.//

LOC. 1 - Vencendo dificuldades pelo caminho, a equipe finalmente chegou ao endereço do Quartel do Comando Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Sul, no número 300 da Avenida Silva Só./ Ali se apresentaram ao Posto de Comando do Incidente, receberam orientações e lhes foram dados remédios para proteção contra leptospirose, tétano e outras doenças que circulam em águas contaminadas./ Nos dias seguintes, os bombeiros paraibanos seguiram para cidades como São Leopoldo, Novo Hamburgo e Encantado, onde realizaram ações de resgate.//

TÉC. - SOLTA ENTREVISTA ARTHUR - ARQUIVO EM MP3 DE 9:15 - 9:40. TEMPO: 25". DEIXA INICIAL: “A GENTE VIA NAS JANELAS” / DEIXA FINAL: “RIO GRANDE DO SUL”.

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 06
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Em maio, os 17 bombeiros paraibanos e as 2 cadelas de trabalho se dividiram em dois grupos operacionais, que se alternavam em dois turnos de trabalho./ Havia a Equipe Alfa e Equipe Bravo./ Já a Equipe K-Sar eram dois binômios, cada um desses formado por um bombeiro militar com treinamento e por um cão treinado para busca e resgate./ Com o auxílio de cinco viaturas e três embarcações, as ações realizadas pelo grupo envolveram uma recuperação de corpo, 13 resgates de pessoas, 42 resgates de animais e 127 vítimas assistidas./ Os binômios se responsabilizaram pelas buscas em áreas de deslizamento.//

LOC. 1 - Manter o próprio corpo imerso nas águas gélidas das inundações por várias horas e atravessar ruas alagadas se tornou um dos maiores desafios de resistência para os bombeiros do CBMPB, enfrentando temperaturas que beiravam os 6 °C pela manhã./ Nos instantes em que o restante do Brasil ainda despertava para mais um dia de rotina, a saga cotidiana dos bombeiros já estava em execução sob os ares da manhã, nos caminhos entre o insólito e o imprevisível, realizando vários resgates.//

LOC. 1 - Nesses relatos, o Coronel testemunha fatos que só quem esteve de perto nas operações do Rio Grande do Sul pôde ver.//

TÉC. - SOLTA ENTREVISTA ARTHUR - ARQUIVO EM MP3 DE 25:05 - 25:58. TEMPO: 53". DEIXA INICIAL: “APESAR DE TODA” / DEIXA FINAL: “MUITO CARINHO”.

LOC. 1 - O Coronel Arthur Vieira fez da sua conta no Instagram um canal de comunicação com internautas./ Antes mesmo de ele se encaminhar ao Rio Grande do Sul, autoridades da Paraíba o pediram para ele gravar o dia a dia das operações na enchente e compartilhar nas redes./ Daí a receptividade do público com as publicações revelou o interesse coletivo em acompanhar os bastidores dos resgates.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 07
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - No dia 15 de maio de 2024, um dos vídeos publicados pelo coronel alcançou mais de 28 mil visualizações./ Se tratava do resgate de uma égua que, há dez dias, estava presa no 3º andar de um prédio em uma área alagada em São Leopoldo, de acordo com o síndico do local./ Ela foi salva com segurança um dia antes, depois de uma operação que durou sete horas./ O Coronel Vieira fez parte dessa ação, junto a bombeiros da Paraíba, do Rio Grande do Sul e de outros estados./ Veterinários acompanharam os militares e deram a confirmação de que o equino se tratava de uma égua, e não de um cavalo como se acreditava inicialmente.//

TÉC. - SOLTA ENTREVISTA ARTHUR - ARQUIVO “2” EM MP3 DE 1:40 - 2:11. TEMPO: 53”. DEIXA INICIAL: “E JÁ TINHA” / DEIXA FINAL: “MUITO CARINHO”.

LOC. 1 - Naquela situação, a égua se mostrava debilitada e desidratada./ Os bombeiros se preocuparam em como as medicações poderiam agir no animal para anestesiá-lo e para sedá-lo, sem causar riscos à vida do animal./ Quando finalmente a égua estava amarrada e sedada, suspenderam o animal até a janela e a lançaram para fora do prédio na tirolesa./ A operação foi um sucesso e a égua recebeu os tratamentos devidos.//

LOC. 1 - Em meio aos sofrimentos que inundavam as almas dos filhos das terras sul-rio-grandenses, ainda era preciso se proteger contra os perigos iminentes que poderiam atingir o corpo./ O Coronel Arthur me contou que um dos mais altos riscos que eles enfrentavam era uma bactéria muito agressiva que fica em contato com cadáveres./ Ela é responsável por putrefação no organismo e que pode entrar através de qualquer via aberta, como feridas, olhos ou boca./ Para se protegerem, eles usavam luvas e todo tipo de proteção./ As memórias do Coronel Arthur Vieira guardam o quanto a fragilidade humana era visível em todos os cenários daquela tragédia.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 08
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Mas contratempos também visitaram os bombeiros paraibanos./ Durante uma atividade de resgate de animal, o Tenente Carvalho, colega de Arthur, sofreu uma queda do pavimento superior, caindo sobre uma lixeira que estava parcialmente submersa./ Ele sofreu uma lesão leve no peito e no joelho esquerdo, o que o levou a ser dispensado das atividades de salvamento no dia seguinte./ As medicações lhe foram prescritas por uma equipe médica e, após o período de repouso, o militar apresentou uma boa recuperação e pôde retornar às suas funções.//

LOC. 1 - A tragédia veio de forma silenciosa e obrigou o humano e o desumano a andarem juntos./ O humano se manifestava em ações de solidariedade, em empatia, em atitudes de nobreza./ O desumano assistia o apedrejamento da dignidade./ Viu a desigualdade social ganhar corpo, quando uns tinham mil saídas à frente e outros acabavam por ficar sem chão./ O desumano constatou que, enquanto manifestações de apoio vinham do lado dos que também se identificavam com a dor de um próximo que sofria com mortes, perdas, angústias e dificuldades, na outra margem a indiferença esfriava a compaixão de muitos sujeitos e propagava a banalização da calamidade./ O desumano falou ainda sobre rupturas forçadas entre laços humanos e lembranças, sobre sentidos que tomaram outros rumos, sobre passados que seguiam o curso natural da vida e que, de repente, foram arrastados pela enchente./ Assim, sem avisar.//

LOC. 1 - Ao final da operação, os bombeiros do CBMPB constataram bons resultados com o apoio institucional dado ao Rio Grande do Sul./ A interação com outras Corporações do Brasil agregou novas experiências e vínculos para os membros da Força-tarefa, o acolhimento do povo gaúcho deu à missão um caráter muito mais humano e solidário, a instalação de um sistema de comando de incidentes permitiu uma melhor andamento para a operação e o sentimento de dever cumprido guiou os dezessete paraibanos de volta ao seu estado de origem.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 09
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. - SOLTA ENTREVISTA ARTHUR - ARQUIVO EM MP3 DE 37:39 - 38:22. TEMPO: 43". DEIXA INICIAL: “O SÍMBOLO” / DEIXA FINAL: “RESOLUÇÃO MELHOR”.

LOC. 1 - Às 5h da manhã do dia 17 de maio de 2024, o Coronel Arthur partiu de Porto Alegre junto aos bombeiros da Paraíba e aos cães de trabalho./ Na garupa das viaturas e nos caixotes dos corações paraibanos, as lembranças, os abraços, as despedidas, os aprendizados e os anseios por reencontros nordestinos com aqueles que há tantos dias não viam.//

LOC. 1 - No dia 21 de maio, as viaturas finalmente chegaram ao seu destino./ Por volta das 3 da tarde, fortes palmas percorreram os ares do Quartel do Comando Geral do CBMPB, em João Pessoa, como um sinal da recepção de tantas autoridades, veículos de imprensa, familiares e dezenas de pessoas./ Um desejo emana do interior do paraibano Arthur: o de que os voluntários e ajudantes anônimos não sejam jamais esquecidos, e que estes pudessem receber as mesmas palmas e glórias que foi dedicada aos bombeiros./ Para Arthur, os voluntários e populares realizaram um trabalho que foi igualmente necessário para a revitalização das famílias do Rio Grande do Sul.//

LOC. 1 - Dos 17 bombeiros militares presentes na Força-tarefa, oito apresentaram alterações clínicas em exames, com indicadores de possíveis infecções./ Eles fizeram uso da medicação prescrita por sete dias, a qual também foi recomendada para os demais militares, mesmo estando assintomáticos, como forma preventiva./ Alguns se queixaram de problemas dermatológicos, a exemplo de manchas e coceiras, por conta da exposição a águas contaminadas, também recebendo o devido tratamento médico.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 10
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - A história do Coronel Arthur Vieira se assemelha a de tantos bombeiros, que carregam entre os seus pertences a marca de um sonho./ Por trás de cada fardamento, ressoa a essência de homens e mulheres com sede de sucesso em todas as suas missões, profissionais que lidam com a pressão de não errar jamais, porque até o menor dos equívocos, para eles, pode ser fatal para as vidas que buscam salvar.//

LOC. 1 - Natural do Sertão da Paraíba, o bombeiro de 42 anos nasceu em Catolé do Rocha, cidade dos seus pais e de muitos de seus parentes./ Foi na fase da adolescência que ele, junto aos pais e aos dois irmãos, mudou-se para a zona metropolitana de João Pessoa.//

LOC. 1 - Há 25 anos, Arthur decidiu que iria prestar o concurso do CFO – Curso de Formação de Oficiais./ Inicialmente queria ser policial militar, seguindo o exemplo do seu pai Francisco./

TÉC. - SOLTA ENTREVISTA ARTHUR - ARQUIVO EM MP3 DE 48:13 - 49:19. TEMPO: 1'06". DEIXA INICIAL: “ISSO FOI 1999 PARA 2000” / DEIXA FINAL: “FIZ”.

LOC. 1 - Arthur passou de primeira no concurso./ Pela primeira vez a formação para novos oficiais bombeiros da Paraíba não seria realizada fora, em lugares como Distrito Federal ou Rio de Janeiro, mas sim nas próprias terras paraibanas./ Arthur não seguiu a carreira de policial militar como o pai, mas homenageou Francisco nas letras do seu nome de guerra de bombeiro: Coronel Vieira./ Na casa da família, a alegria e a saudade dividem espaço./ Francisco Vieira faleceu em 2023.//

TÉC. - SOLTA ENTREVISTA ARTHUR - ARQUIVO EM MP3 DE 50:33 - 49:19. TEMPO: 1'06". DEIXA INICIAL: “EU TENHO A FELICIDADE” / DEIXA FINAL: “FIZ”.

Podcast: Paraíba: Quem Somos – Atravessando a Porta do Sol	Página: 11
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 22/08/2024
Episódio II – Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Com uma graduação em Direito, pós-graduação em Educação e mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, o paraibano acumula um currículo de vastas experiências./ Dentre estas, uma das mais marcantes foi a de integrar a equipe da Força Nacional por cinco anos, participando de operações em várias partes do Brasil./ O conhecimento do militar sobre procedimentos de salvamento aquático vem sendo compartilhado na prevenção contra afogamentos./ Na Paraíba, o Coronel é um dos instrutores do Projeto Surf Salva, que ensina técnicas básicas de resgate e primeiros socorros a surfistas e pessoas com experiência em nado marítimo.//

LOC. 1 - A força que emana da Paraíba sempre acompanha o Coronel Arthur Vieira, ou simplesmente Arthur para os de casa, no coração, na bandeira do fardamento, em seu sotaque ou em relatos que falam de um estado onde brotam frutos de bravura.//

TÉC. - SOLTA ENTREVISTA ARTHUR - ARQUIVO EM MP3 DE 01:00:56 - 01:02:20. TEMPO: 1'24". DEIXA INICIAL: “SE EU TIVESSE” / DEIXA FINAL: “PARA TODO MUNDO”.

LOC. 1 - Os recortes utilizados no começo deste programa são de trechos de reportagens do Jornal da Record, do Fantástico, da Band News Porto Alegre, do Jornal da Band e da CBN Paraíba.//

LOC. 1 – Este foi o Episódio Dois do Podcast “Paraíba: Quem Somos”./ Coronel Arthur: na linha de frente do resgate./ Produção geral e locução de Luiz Felipe Bolis./ Supervisão de Norma Meireles./ Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba./ Apoio: FAPESQ/PB.//

- **Adriana**

• Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 01
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 26/09/2024
Episódio III – Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – SOM FADE IN E SOLTA ENTREVISTA ADRIANA - ARQUIVO “PERGUNTA ESPECÍFICA” EM MP3 DE 0:05 - 0:46. TEMPO: 41”. DEIXA INICIAL: “ADRIANA, O QUE” / DEIXA FINAL: “DESTE MUNDO”.

TÉC. - SOM TRILHA Forró **POR 5”, DE 0:01 A 0:05**

TÉC. - SOM OFF DE AVIÃO

LOC. 1 - Olá! Sejam todos bem-vindos a Genebra, chamada de “capital mundial da paz”./ Eu sou Luiz Felipe Bolis e este é o Episódio Três do podcast “Paraíba: Quem Somos”, diretamente da Suíça.//

TÉC. - SOM OFF DE GRAVAÇÕES E VOZES EM GENEBRA

LOC. 1 - Sob o frio e a chuva de uma manhã de outono suíço, estamos agora no dia 26 de setembro de 2024./ Eu encontro Adriana Bischofberger, uma paraibana que entende muito de São João, de festa de qualidade, de Paraíba, de Suíça e de vida no exterior.//

TÉC. - VINHETA DE ABERTURA - COLLAGE: “MUITAS PESSOAS FALAM AO MESMO TEMPO ‘PARAÍBA’, E A VOZ DO JORNALISTA DIZ: ‘QUEM SOMOS’

TÉC. – SOM “FOCO” FORTE E DEPOIS SILENCIAR

LOC. 1 - Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 02
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 26/09/2024
Episódio III – Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. - SOM TRILHA Música Francesa **POR 8”, DE 0:01 A 0:18**

LOC. 1 - Muitos conhecem a Adriana, mas apenas os parentes e os amigos de longa data conhecem a Rossila./ Rossila é o nome de batismo da Adriana, mas desde muito nova a chamam de Adriana, e assim perdura até hoje, em seus 50 anos de vida, sob uma história paraibana que começa lá em Campina Grande e nos traz até aqui, do outro lado do mundo, na Suíça.//

LOC. 1 - As lembranças de Adriana seguem rumo ao seu passado na cidade que é conhecida com o nome de Rainha da Borborema, especialmente no bairro do Centenário, onde ela cresceu.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS 2”, DE 0:03 - 0:37. TEMPO: 34”. DEIXA INICIAL: “COMO ERA” / DEIXA FINAL: “MENOS PERIGO”.

LOC. 1 - A mãe de Adriana não confiava a cozinha do seu restaurante a outra pessoa que não fosse ela mesmo./ Essa era a razão pela qual o estabelecimento fazia tanto sucesso e atraía celebridades, autoridades e muitos cidadãos campinenses, fossem ou não figuras pessoas conhecidas./ Foi nesse período, ali pelo fim dos anos 1980, que a jovem conheceu um jogador de futebol, também paraibano, por quem se apaixonou e com quem iniciou um relacionamento.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS 2”, DE 07:16 - 10:03. TEMPO: 2’47”. DEIXA INICIAL: “E AÍ, VOILÀ” / DEIXA FINAL: “COMPLICADO”.

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 03
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 26/09/2024
Episódio III – Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Adriana chegou à Suíça em 1989./ No começo, a saudade era tanta que chegava a apertar no peito./ Era saudade dos pais, da família, dos amigos./ Saudade até dos alimentos da Paraíba./ Sempre na volta de uma viagem à Paraíba, ela levava consigo duas bagagens de 32 quilos cada cheias de itens e comidas do seu estado de origem, como era permitido na época./ Ela levava consigo cuscuz, feijão, carne de charque, carne de sol e um montão de frutas, principalmente goiabas./ Nos primeiros anos, Adriana viajava ao Brasil pelo menos duas vezes a cada ano, só por conta de tamanha saudade.//

LOC. 1 - Ao redor dela, todos falavam francês, um dos idiomas oficiais da Suíça./ Os ares da francófona cidade de Genève faziam Adriana querer aprender a língua o mais rápido possível, e também repercutiam situações embaraçosas.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS 2”, DE 11:28 - 12:49. TEMPO: 1’21”. DEIXA INICIAL: “ENQUANTO ELE JOGAVA” / DEIXA FINAL: “PAGAR UM MICO”.

TÉC. – SOM “JARDIN ANGLAIS”

LOC. 1 - No coração de Adriana, os dois lugares mais especiais e importantes estão guardados para a filha Lorraine, de 29 anos, e para o Brian, seu filho de 26 anos.//

TÉC. – SOM “JARDIN ANGLAIS”

LOC. 1 - As rosas da história de Adriana revelam também os espinhos das fases mais difíceis para ela no passado./ Os sofrimentos dos quais ela extrai uma palavra: superação.//

TÉC. – SOM “JARDIN ANGLAIS”

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 04
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 26/09/2024
Episódio III – Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Aos 21 anos de idade, Adriana teve Lorraine, e o relacionamento com o jogador de futebol, que já estava ficando insustentável, teve um ponto final.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS 3”, DE 0:37 - 02:38. TEMPO: 2’01”. DEIXA INICIAL: “FOI AÍ QUE EU” / DEIXA FINAL: “UMA FAMÍLIA SUÍÇA”.

LOC. 1 - Em seus 35 anos de vida na Suíça, Adriana diz que o país em que vive oferece muitas oportunidades para estrangeiros./ Ela aconselha quem deseja imigrar a fazer essa experiência sem medos e sem a necessidade de confiar em quem seja, mas sempre acreditando na própria capacidade de alcançar o sucesso, tendo um objetivo certo em mente.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS 4”, DE 01:03 - 01:12. TEMPO: 9”. DEIXA INICIAL: “QUEM SE DEDICA” / DEIXA FINAL: “LONGE MESMO”.

LOC. 1 - Lá no início da sua trajetória profissional na Suíça, Adriana uniu a sua paixão por Moda e foi trabalhar justamente com o ramo que gostava em lojas de roupas, também chamadas de “boutiques” em um linguajar francês./ A campinense se destacou tanto no trabalho que o pessoal da loja explicou para Adriana que ela poderia fazer um curso de 5 anos para obter um diploma federal em moda, junto a um salário que seria bem maior do que o piso para vendedores no país./ Depois de 22 anos de experiências acumuladas no ramo, Adriana decidiu abrir a sua própria loja./ O nome escolhido para o seu negócio foi “Natura Chic”./ Na época de verão a marca das vendas eram os produtos brasileiros, com shorts, vestidos, sandálias e vários itens com a cara do Brasil.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 05
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 26/09/2024
Episódio III – Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - No inverno as vendas caíam, já que a moda da vez passavam a ser os casacos e roupas de inverno./ Foi aí que Adriana teve a ideia de investir em bijuterias que têm o capim dourado como matéria-prima, um achado que ela descobriu em Palmas, no Tocantins./ Se trata de um tipo de capim que, de fato, já nasce dourado e que é exclusivamente brasileiro, mais especificamente do Jalapão, em áreas tocantinenses, com o qual a comunidade local produz artesanatos, bijuterias e vários artigos./ Desde 2013 Adriana importa essas produções do Brasil para a Suíça, realizando vendas e muitas exposições, feiras e inúmeras formas de disseminar os trabalhos oriundos do seu país de origem./ Com isso, ela ainda consegue ajudar várias famílias do Tocantins, que têm o capim dourado como fonte de renda.//

TÉC. - SOM TRILHA Festa Junina **POR 8”, DE 0:01 A 0:08**

LOC. 1 - Mas agora bora falar de São João!./ E daí eu te pergunto: o que há em comum entre a Paraíba, a Suíça e a época mais junina do ano?./ A resposta é simples: praticamente tudo./ E Adriana Bischofberger, como uma boa paraibana na Suíça, foi capaz de realizar essa união.//

LOC. 1 - Há 10 anos a cidade em que Adriana mora é palco de um festival junino com a cara da Paraíba, idealizado e organizado por ela./ Bora agora ouvir a criadora do São João de Genève nos contar como surgiu a iniciativa.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS 4”, DE 21:29 - 22:55. TEMPO: 1’26”. DEIXA INICIAL: “EU TIVE A OPORTUNIDADE” / DEIXA FINAL: “VOU CONTINUAR”.

Podcast: Paraíba: Quem Somos – Atravessando a Porta do Sol	Página: 06
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 26/09/2024
Episódio III – Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Na edição de 2024, em comemoração aos 10 anos do evento, o São João de Genève aconteceu em 3 dias, de 30 de agosto a primeiro de setembro./ E sabe quem foi a protagonista da festa?./ É claro que foi ela: a Paraíba, representada em vozes de vários artistas do estado que se apresentaram na Suíça./ Entre as atrações, cantores como Fabiano Guimarães, Gitana Pimentel, Anderson e Matheus, Jonny Garotinho e Ruan Forrozeiro./ No São João de Genève teve touro mecânico, espaço exclusivo para crianças, comidas típicas do São João nordestino e muito mais!./ E para a festa ficar completa, o evento ainda vendeu lembrancinhas que vieram diretamente da Paraíba, a exemplo de chapeuzinhos de couro.//

LOC. 1 - Adriana me contou que ela começa a organizar o evento com seis meses de antecedência, tempo muito propício para lidar com as autorizações e as burocracias do país./ A cada ano, o público aumenta, e daí se iniciam as buscas por um novo local, que seja maior e capaz de acomodar toda a gente./ Nos primeiros anos, o São João de Genève reunia cerca de mil pessoas, mas os números se multiplicaram./ Os números indicam que em 2024 6 mil pessoas passaram pelo evento, desde brasileiros até europeus e participantes de vários continentes, pagando uma entrada simbólica de 10 francos suíços mais 1 quilo de alimento./ Segundo as cotações da época, podemos converter o valor da entrada em torno de 66 reais./ As doações somaram mais de 1 tonelada de alimentos, que por sua vez foram destinados a uma instituição suíça chamada Foundation Partage, com a finalidade de ajudar pessoas em situações de vulnerabilidade.//

LOC. 1 - E na festa Adriana permanece atenta a cada detalhe e em intenso trabalho./ Ela só descansa quando chega a meia-noite do dia do encerramento, que no caso é o domingo./ Aí é que começa outra missão árdua: a hora da desmontagem./ Nessa fase, o objetivo é entregar o terreno onde ocorreram os festejos da mesma forma em excelente estado.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 07
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 26/09/2024
Episódio III – Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS 4”, DE 01:00 - 01:57. TEMPO: 57”. DEIXA INICIAL: “EU SEMPRE GOSTEI” / DEIXA FINAL: “MINHA ÉPOCA”.

TÉC. – SOM “JARDIN ANGLAIS”

LOC. 1 - Eu e Adriana estamos na parte interna da área de conveniência dos *Bains des Pâquis*, em português Banhos des Pâquis, diante da ponte que dá acesso aos banhos no lago de Genebra./ Mas nesse dia frio só uns poucos turistas têm a coragem de dar uns mergulhos na água./ Adriana ousa dizer que se tratam provavelmente de ingleses./ Nós esperamos o nosso *fondue* chegar, um tesouro da culinária suíça e que reúne o melhor do país quando o assunto é o queijo nacional.//

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS 4”, DE 19:39 - 21:10. TEMPO: 1’31”. DEIXA INICIAL: “TEM GENTE” / DEIXA FINAL: “FAZ PARTE”.

TÉC. – SOM “JARDIN ANGLAIS”

LOC. 1 - O *fondue* de queijo chega em uma panela vermelha de ferro esmaltado, posicionada sobre um *rechaud* preto, um suporte com aquecedor por baixo./ Dentro da panela, a mistura espessa e cremosa de queijo derretido forma bolhas e pequenas ondas, mostrando que está bem quente e pronto para ser apreciado./ No estabelecimento construído acima do Lago Léman, a mesa de cor azul clara e os bancos refletem um autêntico estilo alpino.//

LOC. 1 - Vai se aproximando a hora do almoço e o espaço vai ficando cada vez mais cheio./ A clientela conversa e o francês domina os ares./ Mas por aqui o português também divide o lugar, e é um português com o toque especial da Paraíba na voz da entrevistada e nas perguntas do repórter./ A maioria das pessoas veste jaquetas bem acolchoadas, inclusive os dois paraibanos./

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 08
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 26/09/2024
Episódio III – Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	
Professora orientadora: Norma Meireles	

Adriana divide o pão rústico em pedacinhos, essa é a forma como ela gosta de levar o pão para a panela com o garfo e saborear o *fondue*./

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS”, DE 04:30 - 05:33. TEMPO: 1’03”. DEIXA INICIAL: “NÃO TINHA” / DEIXA FINAL: “O MESMO”.

LOC. 1 - Nesse papo sobre comida, Adriana me fala sobre a fama da Suíça em relação ao queijo, um tipo de alimento que também reaviva lembranças paraibanas./ Por melhores que sejam os queijos suíços, Adriana ama um queijo de manteiga e um queijinho coalho./ E para matar a saudade do queijo coalho, ela recorre ao feta, que é um queijo grego feito à base de leite de cabra./

LOC. 1 - A memória paraibana de Adriana Bischofberger fala sobre as quadrilhas juninas nos anos 1980./ Ela se lembra das suas participações na quadrilha Virgens da Seca, na qual homens se vestiam de mulher e mulheres se vestiam de homens./ As apresentações agitavam a Grande Campina, e a quadrilha ainda era apadrinhada pelo cantor e compositor Genival Lacerda./ O espírito junino e campinense de Adriana se reaviva no São João de Genève./

TÉC. – SOLTA ENTREVISTA ADRIANA- ARQUIVO EM MP3 “JARDIN ANGLAIS 2”, DE 30:00 - 31:49. TEMPO: 1’49”. DEIXA INICIAL: “A EVOLUÇÃO É IMPRESSIONANTE” / DEIXA FINAL: “SOU MAIS DE AGIR”.

LOC. 1 - Adriana jamais nega as suas raízes paraibanas e ama o seu lugar de origem./ E quando o assunto é forró, ela afirma, com alegria, que vem de Campina Grande, da terra do Maior São João do Mundo./ Em Genebra, Adriana trabalha na função de assistente educacional em uma escola do governo suíço./ Agora em setembro, ela está disfrutando de algumas férias./ Os caminhos da lembrança vão e vem, recordando também os parentes e os amigos que ela pôde levar para conhecer a Suíça; passear por Genebra com a mãe certamente é um dos momentos

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 09
Produção: Luiz Felipe Bolis Rodrigues	Data: 26/09/2024
Episódio III – Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	
Professora orientadora: Norma Meireles	

mais marcantes para Adriana./ E também há os que, motivados pela paraibana, fizeram da Suíça uma nova morada.//

LOC. 1 - A campinense Adriana é a prova viva de que um sonho, quando fincado em propósito e determinação, prepara os caminhos mais surpreendentes e que levam até a concretização do objetivo almejado, por mais difíceis que sejam./ A mulher do São João de Genève mostra que o sonho, quando parte do coração, edifica pontes tão grandes como essa que, por meio dela, liga a Paraíba e a Suíça no ritmo mais animado, mais festeiro e mais junino.//

TÉC. - SOM TRILHA Música Francesa **POR 9”, DE 2:14 A 2:23, DEPOIS DESCE SOM**

LOC. 1 – Os trechos de música utilizados neste programa correspondem a canções de uso livre.//

LOC. 1 – Este foi o Episódio Três do Podcast “Paraíba: Quem Somos”./ Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João./ Produção geral e locução de Luiz Felipe Bolis./ Supervisão de Norma Meireles./ Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba./ Apoio: FAPESQ/PB.//

- **Kaline**

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 01
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 4 – Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – SOM FADE IN E SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 02:13 - 02:32. TEMPO: 19”. DEIXA INICIAL: “EU VIVI” / DEIXA FINAL: “MUITO FELIZ”.

LOC. 1 - Kaline Basilio de Sousa./ 37 anos./ Paraibana nascida em Campina Grande./ Uma modelo em Roma, capital da Itália./ Filha do José e da Eliane./ Esposa do Maurizio./ Mãe da Sveva Maria./ É a filha de 8 anos quem nos conta mais detalhes sobre a sua mãe Kaline./

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 01:11:21 - 01:11:49. TEMPO: 28”. DEIXA INICIAL: “MINHA MÃE” / DEIXA FINAL: “COM PACIÊNCIA”.

TÉC. - SOM DE CARROS “ÁUDIO AVENIDA ESQUILINO” E SILÊNCIO.

LOC. 1 - Roma./ Outubro de 2024./ Olá! Eu sou Luiz Felipe Bolis e este é o Episódio Quatro do podcast “Paraíba: Quem Somos”.//

TÉC. - VINHETA DE ABERTURA - COLLAGE: “MUITAS PESSOAS FALAM AO MESMO TEMPO ‘PARAÍBA’, E A VOZ DO JORNALISTA DIZ: ‘QUEM SOMOS’

TÉC. – SOM “FOCO” FORTE E DEPOIS SILENCIAR

LOC. 1 - Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 02
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 4 – Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 01:12:04 - 01:12:20. TEMPO: 16”. DEIXA INICIAL: “EU SOU PARAIBANA” / DEIXA FINAL: “É ISSO”.

TÉC. - SOM TRILHA SANFONA + VIOLA ITALIANA POR 10”

LOC. 1 - De Campina Grande para Roma, do algodão colorido até a alta costura internacional, a história de Kaline Basílio vai da infância humilde no bairro Monte Castelo de Campina Grande à vida atual no bairro Prati, em Roma./ Paraíba, para Kaline, é sinônimo de infância, pais, família, irmãos, sobrinhos, avós, primos, forró, pamonha, canjica, São João./ Paraíba é o que representa o que ela é hoje./ Uma Paraíba-casa.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 03:54 - 04:13. TEMPO: 19”. DEIXA INICIAL: “CACHORRO E GATO” / DEIXA FINAL: “GENTE”.

LOC. 1 - Uma vida simples e digna./ Uma casa repleta de amor./ Pai, mãe e três crianças: duas meninas e um rapaz./ Na Rua Mato Grosso, Kaline aprendeu o valor das pequenas coisas./ A antiga casa./ O pé de goiaba onde as reflexões sobre o futuro ganhavam vida./ A Dona Lúcia, uma segunda mãe para a campinense e para os seus irmãos, vizinha que cuidou deles quando os pais precisavam trabalhar fora./ O contato com os animais e com a natureza./ A estrada para Massaranduba, o município vizinho e a terra de origem do José e da Eliane, onde a modelo também trilhou momentos marcantes em passeios e visitas a parentes.//

LOC. 1 - Aos 15 anos, ela começou a trabalhar com cerimonial de festas universitárias./ Um trabalho que nasceu da vontade de contribuir com a família./ E foi ali que os primeiros comentários surgiram, de quem dizia para ela: “Você devia ser modelo”./ Aos poucos, a timidez foi dando lugar ao sonho e à esperança de ter na carreira de modelo uma chance de melhoria de vida, para ela e toda a sua família.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 03
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 4 – Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – SOM DE MÁQUINA DE COSTURA + FLASH DE CÂMERA

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 05:45 - 06:19. TEMPO: 34”. DEIXA INICIAL: “POR ISSO” / DEIXA FINAL: “COLORIDO”.

LOC. 1 - O algodão colorido é um produto cujo tipo mais conhecido e valorizado atualmente é a variação que brota do solo da Paraíba, apesar de esta espécie de algodão nascer em algumas outras regiões do planeta./ O algodão colorido dispensa corantes químicos pelo fato de já crescer com uma coloração natural, a exemplo de cores como marrom, verde ou bege.//

LOC. 1 - Nessas terras europeias, faz poucos dias que Kaline voltou de uma viagem a Londres, onde participou de um evento global que reuniu marcas e profissionais no ramo de cabelos./ No encontro, o desfile de penteados foi um dos principais momentos, no qual a paraibana e outros modelos apresentaram uma variedade de cortes e cores em passarelas britânicas./ Além dos projetos da vida de modelo e das tarefas domésticas, Kaline concilia a sua rotina com o estágio obrigatório de 18 meses da pós-graduação./ Já sendo graduada em Direito em uma faculdade de Roma, em menos de um ano ela irá concluir mais uma etapa da sua jornada acadêmica: o Mestrado em Governança e Gestão das Administrações Públicas.//

LOC. 1 - Foi em 2007 que Kaline chegou à Itália pela primeira vez, decidida a construir a sua carreira internacional./ Ela viajou sozinha, sem nenhuma grande agência por trás para ajudá-la a encontrar uma vaga no mundo das passarelas internacionais, e passou a viver em Roma./ Começou a procurar oportunidades por conta própria enquanto morava na capital italiana./

TÉC. - SOM DE AVIÃO

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 04
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 4 – Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Com o tempo veio a oportunidade de ir para Milão na esperança de ser contratada por uma famosa e conceituada agência de modelos de lá.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 09:51 - 11:51. TEMPO: 2’00”. DEIXA INICIAL: “E FOI BEM INÉDITO” / DEIXA FINAL: “PRINCIPALMENTE COM ELES”.

LOC. 1 - A marca contratante ficou tão satisfeita com a participação dela na campanha publicitária que renovou, por mais três anos, o contrato e os direitos de imagem de Kaline.//

TÉC. – TOCAR Música de Passarela POR 5”

LOC. 1 - Kaline percorreu um caminho diferente das trilhas convencionais de muitos que alcançam visibilidade no universo fashion./ Os brasileiros que conheceu em sua área, em sua grande maioria, primeiro foram contratados por alguma grande agência em São Paulo, e esta, por sua vez, os encaminhou para agências estrangeiras na China, na Itália, nos Estados Unidos e em outros pontos do planeta./ Kaline deixou as suas próprias pegadas sobre a areia.//

TÉC. – TOCAR Música Sentimental POR 5”

LOC. 1 - E ao longo de mais de 20 anos de estradas profissionais, a arte da vida foi também modelando trabalhos no cinema pelas veredas romanas de Kaline, na cidade em que ela se fez italiana sem perder a sua essência paraibana./ Entre as esculturas de Michelangelo, Bernini, Caravaggio e de outros artistas sobre a paisagem urbana, ela atuou em filmes italianos e americanos./ Em meio aos cenários renascentistas, barrocos e aos demais retratos de Roma, Kaline descobriu novos talentos em si.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 05
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 4 – Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 31:00 - 33:37. TEMPO: 2’37”. DEIXA INICIAL: “TRABALHEI” / DEIXA FINAL: “PERSONAGEM”.

LOC. 1 - Com os olhos da experiência, ela enxergou de perto os pontos positivos e negativos do mundo fashion.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 20:17 - 21:11. TEMPO: 54”. DEIXA INICIAL: “ENTÃO, OS PONTOS” / DEIXA FINAL: “COM O TEMPO”.

LOC. 1 - Longe de casa, a dor da distância bate à porta, a saudade dos que ficaram em Roma e daqueles que estão na Paraíba./ Mas foi na lonjura dos seus passos que Kaline aprendeu a ser mais madura, responsável e a agir com mais independência./ Foi na lonjura dos passos que ela encontrou meios de beneficiar-se e de contribuir com o bem-estar dos pais./ Estes cujo endereço residencial em Campina Grande, já há alguns anos, passou a ser o bairro Jardim Paulistano, e não mais o Monte Castelo.//

LOC. 1 - A paraibana fala do rigor da rotina e das cobranças direcionadas aos modelos, e afirma que é preciso contar com bastante preparo emocional e psicológico para lidar com as questões do dia a dia da profissão./ Além disso, ela cita o quanto é importante manter uma vida saudável, o hábito de dormir cedo e o costume de frequentar academias sempre que possível para os profissionais que atuam na área.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 02:39 - 03:17. TEMPO: 2’37”. DEIXA INICIAL: “DEPOIS QUE” / DEIXA FINAL: “QUE TER”.

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 06
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 4 – Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - A paraibana fala do rigor da rotina e das cobranças direcionadas aos modelos, e afirma que é preciso contar com bastante preparo emocional e psicológico para lidar com as questões do dia a dia da profissão./ Importante é também o fato de ter muita atenção com as propostas e as ofertas que parecem fáceis, mas que vêm de pessoas mal intencionadas./ Além disso, ela cita o quanto é importante o hábito de uma vida saudável, de dormir cedo e de frequentar academias sempre que possível para os profissionais que atuam na área.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 26:00 - 29:53. TEMPO: 3’53”. DEIXA INICIAL: “VOCÊ ME” / DEIXA FINAL: “MODELO DE LÁ, SIM”.

LOC. 1 - Na capital italiana, eu, Kaline e Sveva Maria estamos em uma confeitaria no bairro Prati, onde elas residem./ É noite de outono romano, e por aqui as temperaturas variam de 12 a 22 graus.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 15:23 - 16:38. TEMPO: 1’15”. DEIXA INICIAL: “QUAL FOI” / DEIXA FINAL: “DE PRIMEIRA”.

LOC. 1 - Boa culinária, saborosos gelatos, edifícios em estilo neoclássico, e história, muita história./ Essa é Roma.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 17:37 - 20:07. TEMPO: 3’30”. DEIXA INICIAL: “ENTÃO” / DEIXA FINAL: “SATISFATÓRIO, NÉ?”.

TÉC. – SOM CONTEMPLATIVO VATICANO POR 5” DEPOIS BAIXA PARA BG

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 07
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 4 – Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Kaline considera a sua filha um verdadeiro milagre./ A resposta de um pedido feito no Santuário da Santa Casa de Loreto, no leste da Itália./ Em maio de 2015, Kaline, acompanhada por sua mãe e por uma amiga paraibana, depositou a sua prece na caixinha de intenções, dentro da igreja./

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 38:46 - 39:46. TEMPO: 1’00”. DEIXA INICIAL: “E NA ÉPOCA” / DEIXA FINAL: “ERA ELA”.

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 01:02:17 - 01:04:04. TEMPO: 1’47”. DEIXA INICIAL: “E UMA DAS MINHAS VONTADES” / DEIXA FINAL: “TODO MUNDO”.

LOC. 1 – À curta distância de onde estamos, partindo da Via Emilio Faà di Bruno, estão pontos turísticos como a Basílica de São Pedro e os Museus Vaticanos./ De outro lado está a Via Cola di Rienzo com as suas boutiques e cafeterias, o Mercado Trionfale exalando a essência italiana ao longo de centenas de bancas de alimentos, o Castelo Sant’Angelo às margens do Rio Tibre, o Palácio da Justiça e, à frente deste edifício que abriga a Corte Suprema de Cassação da Itália, a Praça Cavour./ São incontáveis os lugares de visita no lado romano do globo.//

LOC. 1 - Kaline pretende substituir a carreira de modelo pela de advogada nos próximos anos./ Já sendo formada em Direito, ela está concluindo o seu mestrado nos próximos meses em uma instituição romana./ Assim ela deseja poder expandir ainda mais o seu conhecimento jurídico e concorrer em um concurso público da área./ A partir da estabilidade futura esperada, o seu coração de mãe assim quer ter mais tempo para estar na companhia da filha e acompanhar o desenvolvimento de Sveva Maria.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 08
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 4 – Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Uma modelo é mais do que a imagem que desfila, mais do que um manequim humano, e que./ Kaline corresponde ao tipo da top model alta e magra, de cabelo curto e preto./ A campinense mostra que, na verdade, uma modelo é a soma da persistência e do equilíbrio na passarela da vida./ O passo certo./ O movimento preciso./ A autenticidade na medida necessária./ Em meio ao sucesso que ela obteve na carreira e do retorno financeiro que a vida de modelo a proporcionou, Kaline afirma que a verdadeira alegria está nas relações humanas que se constrói, e que o dinheiro, apesar de suprir necessidades importantes, não supre a felicidade.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA KALINE - ARQUIVO EM MP3 DE 58:53 - 01:00:03. TEMPO: 1’10”. DEIXA INICIAL: “E POR FALAR” / DEIXA FINAL: “FAZER POR ELES”.

LOC. 1 - Como diz o velho ditado: Todos os caminhos levam a Roma./ E foram as passarelas um dos principais caminhos que levaram Kaline até a Cidade Eterna./ Por mais que a Itália seja a sua atual casa, a modelo afirma que o lugar de pertença do coração sempre será a Paraíba.//

TÉC. – TOCAR Música Italiana POR 5”

LOC. 1 – Os trechos de música utilizados neste programa correspondem a canções de uso livre.//

LOC. 1 – Este foi o Episódio Quatro do Podcast “Paraíba: Quem Somos”./ Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo./ Produção geral e locução de Luiz Felipe Bolis./ Supervisão de Norma Meireles./ Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba./ Apoio: FAPESQ/PB.//

- Ronny

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 01
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 5 – Ronny: o sonho de imigrar em campo e a paixão pelo futebol	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. – SOM FADE IN E SOLTA SOM CAMPO DE FUTEBOL/APITO + Música POR 7”

LOC. 1 - Braga, Portugal./ Segunda-feira./ 18 de novembro de 2024./ Eu estou no estádio do Realense, um clube de futebol da freguesia de Real./ Entre os jogadores do time, está um paraibano./ Ronilson Clementino dos Santos, mais conhecido como Ronny Santos./ Nascido em Campina Grande e filho do bairro Pedregal, Ronny mora há 3 anos em Portugal.//

LOC. 1 - Fui acompanhar de perto o treino do Realense Futebol Clube e conhecer o meu conterrâneo paraibano Ronny Santos, o esposo da Cassiana e o pai do Ravi, de 10 anos./ O outono está com os dias contados aqui pelo continente europeu e a cada dia o frio se intensifica./ A neblina se faz presente no Estádio.//

LOC. 1 - Olá! Eu sou Luiz Felipe Bolis e o Episódio Cinco do podcast “Paraíba: Quem Somos” entra em campo.//

TÉC. - VINHETA DE ABERTURA - COLLAGE: “MUITAS PESSOAS FALAM AO MESMO TEMPO ‘PARAÍBA’, E A VOZ DO JORNALISTA DIZ: ‘QUEM SOMOS’

TÉC. – SOM “FOCO” FORTE E DEPOIS SILENCIAR

LOC. 1 - Ronny: a paixão pelo futebol e o sonho de imigrar entram em campo.//

TÉC. - SOM APITO 3”

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 02
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 5 – Ronny: o sonho de imigrar em campo e a paixão pelo futebol	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA RONNY - ARQUIVO EM MP3 DE 0:25 - 03:48. TEMPO: 3’23”. DEIXA INICIAL: “O TREINO DE HOJE” / DEIXA FINAL: “SÁBADO”.

LOC. 1 - “Perder” é um verbo que não existe no vocabulário de Ronilson./ Para ele nunca se perde./ Ou se ganha ou se aprende./ Mesmo que o resultado não seja dos melhores e que a conquista não seja alcançada, Ronny diz que a mentalidade do atleta deve estar sempre direcionada para a vitória.//

LOC. 1 - Hoje o paraibano teve uma rotina comum que é comum nos dias de sua semana./ Deixou o filho na escola e foi para o seu emprego em uma concessionária de carros, onde trabalha no turno da manhã e da tarde./ Além de ser um jogador não profissional em Portugal, Ronny tem neste outro trabalho um meio de complementar a renda de casa./ Sai da concessionária às 18 horas e 30 minutos e passa em casa para ver a esposa e o filho./ E logo depois, às 20 horas, ele começa os treinos no Realense Futebol Clube./ É assim todos os dias.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA RONNY - ARQUIVO EM MP3 DE 30:11 - 31:23. TEMPO: 1’12”. DEIXA INICIAL: “IR EM CASA” / DEIXA FINAL: “TEM TREINO”.

TÉC. - SOM CAMPO DE FUTEBOL

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA RONNY - ARQUIVO EM MP3 DE 33:19 - 33:57. TEMPO: 38”. DEIXA INICIAL: “ELES” / DEIXA FINAL: “AMIGOS”.

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 03
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 5 – Ronny: o sonho de imigrar em campo e a paixão pelo futebol	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - A paixão pelo futebol surgiu desde a infância na vida de Ronny./ A família dele é fã dos times de futebol, desde a mãe aos irmãos e tios./ E um tio dele, em específico, foi também jogador de futebol e incentivou o sobrinho Ronilson a aprender a jogar./ Era nas ruas do Pedregal que ele brincava de bola na infância com as outras crianças, naquele bairro de boas lembranças e de pessoas humildes, acolhedoras e esforçadas./ Aos 12 anos, o menino Ronilson foi estudar em uma escola que oferecia aulas de futsal.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA RONNY - ARQUIVO EM MP3 DE 05:30 - 08:13. TEMPO: 2’43”. DEIXA INICIAL: “E O PROFESSOR” / DEIXA FINAL: “PARA LÁ”.

LOC. 1 - Desde o primeiro dia em que pisou em Portugal, Ronilson afirma sentir consigo o agir de Deus a cada momento./ Mudar-se para o novo país com a esposa e o filho era a esperança de uma vida melhor./ Diante de episódios de insegurança e violência, eles viram que imigrar era uma escolha favorável no momento./ Primeiro criminosos tentaram invadir a casa em que eles moravam na Paraíba, e em momentos posteriores o carro e a moto quase iam sendo furtados./ Portugal veio como uma das primeiras opções na lista de países./ Eles se organizaram e partiram para a Europa, levando no coração a fé e na mente apenas os pensamentos positivos.//

LOC. 1 - Inicialmente não era Braga a cidade que Ronilson tinha como destino, mas sim Guimarães./ Só que um amigo dele e antigo vizinho de Campina Grande estava morando em Braga, e foi esse amigo que sugeriu que Ronny e a sua família ficassem em Braga.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 04
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 5 – Ronny: o sonho de imigrar em campo e a paixão pelo futebol	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Ronny encontrou muitas dificuldades em alugar um apartamento em Braga por fatores como a alta demanda, impulsionada por estudantes, imigrantes e famílias locais, com uma oferta de imóveis acessíveis bastante limitada./ Mas depois de vários dias e de uma intensa busca, ele encontrou o tão sonhado espaço para viver com a esposa e o filho.//

LOC. 1 - Depois dos 3 anos da mudança do jogador, parte da sua família decidiu seguir o mesmo caminho./ Da sua casa, quem também se mudou para Portugal à procura de novas oportunidades de emprego foram os seus pais, o irmão, a cunhada e os sobrinhos./ Hoje a mãe é funcionária em um restaurante próximo ao Santuário do Bom Jesus do Monte, um dos pontos turísticos de Braga; o seu pai trabalha para uma empresa terceirizada, o seu irmão trabalha em um hotel na cidade de Viana do Castelo e a esposa Cassiana é gerente de uma clínica.//

LOC. 1 - Quando Ronny conseguiu o seu emprego na Concessionária, ele ia a pé até o trabalho./ Sete quilômetros indo e outros sete voltando./ Sem veículo próprio nem com a possibilidade de pegar transporte diário, ele começou na empresa lavando carros./ Mas ele tinha bem pertinho de si o maior apoio de todos: o incentivo da sua esposa Cassiana.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA RONNY - ARQUIVO EM MP3 DE 13:22 - 14:49. TEMPO: 1'27". DEIXA INICIAL: “E COMO É” / DEIXA FINAL: “ESSA PESSOA”.

LOC. 1 - Era 2013 e, naquele período, a sua atual esposa era noiva de um outro rapaz./ Ronny conhecia Cassiana e o irmão dela das convivências da igreja, e foi através de uma postagem dela no Facebook dela que ele ficou sabendo do término do seu noivado./ Se aproximaram a partir daí, construindo uma sólida amizade que depois se concretizou em um casamento de 11 anos./ No dia 06 de setembro de 2014, Ravi veio ao mundo.//

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 05
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 5 – Ronny: o sonho de imigrar em campo e a paixão pelo futebol	
Professora orientadora: Norma Meireles	

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA RONNY - ARQUIVO EM MP3 DE 18:03 - 20:52. TEMPO: 2'49". DEIXA INICIAL: “EU SEI DE ONDE” / DEIXA FINAL: “TUDO”.

LOC. 1 - No começo de 2023, o pequeno Ravi fez um pedido a Deus para o ano que estava se iniciando./ Ele queria ver Cristiano Ronaldo jogar./ E não é que o sonho do filho se realizou em terras europeias!./

LOC. 1 - Além disso, a adaptação do Ravi em Portugal aconteceu de forma extremamente rápida e fácil./ Logo após a sua chegada no país ele já se enturmou com os tuguinhas e fez vários amigos./ Igualmente o pai, o filho também é apaixonado por futebol e joga no Sub 10 do Braga, em Portugal, que é a categoria para crianças da idade do Ravi./

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA RONNY - ARQUIVO EM MP3 DE 25:45 - 26:34. TEMPO: 49". DEIXA INICIAL: “EU DIGO A ELE” / DEIXA FINAL: “ESSE”.

LOC. 1 - Para Ronilson Clementino, o sucesso vem por meio de caminhos como a disciplina, o foco nos objetivos e a fé em Deus./ Segundo ele, por maiores que sejam as dificuldades, desistir é uma palavra que não existe no seu dicionário./

TÉC. – SOLTA SOM POR 5” Fado Português

LOC. 1 - Talvez o futuro leve Ronny e a sua família a outras cidades de Portugal, da Europa e até do mundo./ Mas por ora eles estão em Braga, e um dos motivos pelos quais o paraibano gosta muito da cidade é o fato de o clima lembrá-lo de sua Campina Grande com as suas temperaturas agradáveis./

Podcast: Paraíba: Quem Somos	Página: 06
Produção: Luiz Felipe Bolis	Data: 16/05/2024
Episódio 5 – Ronny: o sonho de imigrar em campo e a paixão pelo futebol	
Professora orientadora: Norma Meireles	

LOC. 1 - Ele recebeu uma propostas para jogar em times da Alemanha e do Caribe./ Mas nos contratos dizia que a família não poderia ir junto, e por isso ele recusou todos./ É impensável para Ronny ficar longe da mulher e do filho, as pessoas que ele mais ama no mundo.//

LOC. 1 - A respeito de ataques xenofóbicos, Ronny se recorda de uma vez em que estava jogando e escutou um “volta para o teu país”./ Mas ele logo retrucou o autor dessas palavras e seguiu adiante.//

LOC. 1 - Em Portugal, até as senhorinhas de idade gostam de futebol.//

TÉC. –SOLTA ENTREVISTA RONNY - ARQUIVO EM MP3 DE 37:21 - 38:12. TEMPO: 51”. DEIXA INICIAL: “AQUI ELES” / DEIXA FINAL: “ESTÁDIO”.

LOC. 1 - E assim, o jogador Ronny Santos vai deixando a sua marca e a marca da Paraíba aonde quer que vá./ Essa Paraíba que representa para ele o seu berço, a manjedoura onde nasceu, o lugar onde cresceu, a escola que o preparou para o mundo./ Pelas ruas de Campina Grande ele aprendeu a caminhar na estrada dos seus sonhos e a buscar cada um dos seus objetivos.//

TÉC. - TOCAR Música POR 5”

LOC. 1 – Os trechos de música utilizados neste programa correspondem a canções de uso livre.//

LOC. 1 – Este foi o Episódio Cinco do Podcast “Paraíba: Quem Somos”./ Ronny: a paixão pelo futebol e o sonho de imigrar entram em campo./ Produção geral e locução de Luiz Felipe Bolis./ Supervisão de Norma Meireles./ Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba./ Apoio: FAPESQ/PB.//

APÊNDICE II – Livro-reportagem “Paraíba: Quem Somos: Atravessando a Porta do Sol”

LUIZ FELIPE BOLIS

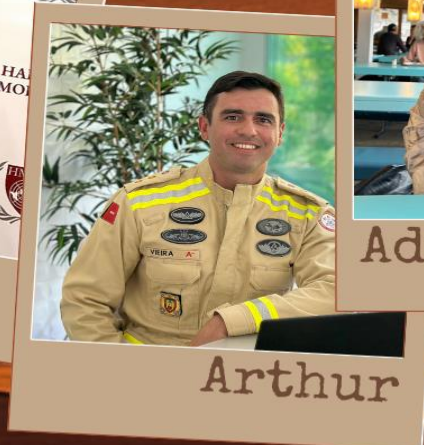
NEGO

PARAÍBA:

QUEM SOMOS



Eloá



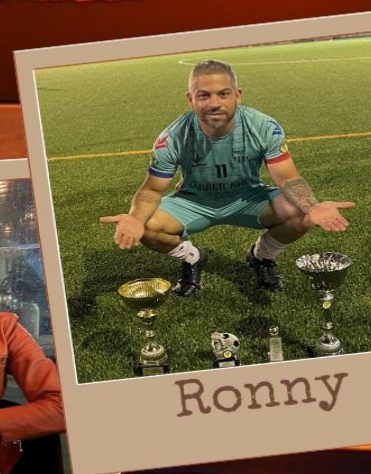
Arthur



Adriana



Kaline



Ronny

atravessando a Porta do Sol



SECRETARIA DE ESTADO
DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO
E ENSINO SUPERIOR



GOVERNO
DA PARAÍBA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
- CCTA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
JORNALISMO - PPJ/UFPB

SECRETARIA DE ESTADO DA CIÊNCIA,
TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E ENSINO SUPERIOR
- SECTIES

FAPESQ - FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA DO
ESTADO DA PARAÍBA

JOÃO PESSOA - PB
2025



NEGO

Paraíba, o que somos.
De verdade, sim, “sinhô”.
Atravessamos a Porta do Sol
Pela estrada do amor,
Desta terra nascem sonhos
E um povo acolhedor.
(L. F. Bolis)

Agradecimentos

A Deus e à Virgem Maria, por toda a força e proteção.

À minha digníssima orientadora Norma Maria Meireles Macedo Mafaldo, em nome de todos os docentes do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB), pela dedicação e total apoio.

Aos meus companheiros da turma 2023.1 do Mestrado Profissional em Jornalismo, pela parceria e aprendizados mútuos.

À Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior – SECTIES e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – FAPESQ, cujos subsídios me possibilitaram ir de encontro à Paraíba em terras de perto e de longe.

À minha família e amigos, por me ajudarem a alcançar o topo desta conquista.

Aos meus queridos entrevistados Eloá Souto, Coronel Arthur Vieira, Adriana Bischofberger, Kaline Basilio e Ronilson Clementino, por terem compartilhado comigo um dos seus maiores tesouros: as suas histórias de vida.

À Paraíba, essa mãe que ama e educa os que nascem das entranhas das suas cidades e essa casa que acolhe quem escolhe fazer dela morada, agradeço por ter me contribuído na formação de quem sou.

Apresentação

“Não troco o meu ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém!”. Dedico ao escritor Ariano Suassuna (1927-2014) os primeiros enunciados dessa apresentação, porque, na condição de paraibano, ele demonstra, de forma plausível, reconhecer as nuances e as raízes do seu estado de origem.

As cinco pessoas de alma paraibana que você encontrará neste livro também valorizam o seu “oxente”, e não o trocam por nenhum “*pois*”, ou “*right*”, ou “*giusto*”, ou “*d'accord*”, ou por qualquer outra expressão que fuja às feições do falar nordestino. Te convido a percorrer estradas e veredas talhadas na terra onde o Sol faz morada, a adentrar à casa das histórias de vida dessas pessoas pela porta do jornalismo e a escutar o que elas têm a nos ensinar.

Eloá, Arthur, Adriana, Kaline, Ronilson. Uma Paraíba que caminha em diferentes rostos e narrativas, do Litoral ao Sertão, por lugares como Barra de Santa Rosa, Cabedelo, Catolé do Rocha e Campina Grande. Uma Paraíba que migrou para longe, levando nas malas a saudade, seja por um curto tempo ou pelo tempo de uma vida. Uma Paraíba que deixou a sua marca registrada nos Estados Unidos da América, no Rio Grande do Sul, na Suíça, na Itália e em Portugal. *Paraíba: Quem Somos – Atravessando a Porta do Sol* é a porta de entrada para um panorama, certamente compacto – mas com sede de eficácia –, do rosto da nossa gente.

Mais *do que somos*, e sim *quem somos*. Não são vozes estrangeiras as responsáveis por tais relatos. São os falares nascidos sobre o mesmo solo onde brota a conceituada pedra Turmalina Paraíba, o algodão colorido e os frutos que dão gosto à culinária local. São os pés que primeiro sentiram as veredas por onde correram tropeiros, forrozeiros, artistas, homens e mulheres de tantas graças e tantas gentes conduzidas pelos ares de um sonho, de um destino ou de uma peleja. São filhas e filhos que saíram pela Porta do Sol para desbravarem o mundo, mas que sempre retornam por ela ao entrar no lugar que aprenderam a chamar de casa desde a infância.

São diferentes histórias, passados, presentes e futuros, mas todas elas unidas por uma identidade, por um belo e marcante sotaque local e pelo amor dedicado à unidade federativa que soprou nas suas narrativas um sopro de vida, de determinação, de autenticidade. Entre os cinco paraibanos que você conhecerá, a Paraíba ocupa o seu lugar de destaque, o seu protagonismo. Oxente!

Sumário

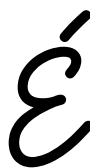
Eloá: a menina que foi para Harvard	8
Coronel Arthur: na linha de frente do resgate	28
Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João	47
Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo	62
Ronny: a paixão pelo futebol e o sonho de imigrar entram em campo	77
Referências	89

Eloá



*a menina que foi
para Harvard*

Perfil escrito em maio de 2024



manhã de quinta-feira em Barra de Santa Rosa. Mais precisamente 16 de maio de 2024 por essas bandas do Curimataú paraibano.

O sol desce até a Barra pelas frestas de um céu azul. Lampeja um tanto de vida e mais um punhado de esperança. Parece que a luz pairou nesse pedaço de Caatinga em busca de sombra nos corações. Pelo visto resolveu ficar.

Luz que se lança como tapete fluorescente sobre a água de um açude em tempo de fartura. Luz que, quando respinga por esses verões, é tão forte que até encandeia. Basta pisar aqui, nativo ou estrangeiro desses mundos, e receber na alma o carimbo dessa luz.

Esta segue sendo a terra dos encontros, ainda que vez ou outra o estopim dos desencontros também se desencadeie por esses céus. Mas aqui os protagonistas da narrativa são sempre os encontros, e é por esses arredores que a Paraíba se abraça. Vem gente do Brejo, do Sertão, do Seridó, do Agreste, do Litoral, do Cariri e principalmente de todo o Curimataú.

Os rios Santa Rosa e Poleiros se entrecruzaram em algum instante da eternidade do passado e, a partir daquele fenômeno, ao qual chamam barra, alguém nomeou o mais novo povoado. Barra de Santa Rosa.

Era manhã de quinta-feira. Mais que um dia a mais entrando pela Porta do Sol, um plausível marco histórico por entre as veias da Caatinga paraibana em pleno 1888. Aos pés da antiga quixabeira, uma feira livre nasceu no local, numa propriedade às margens do Rio Curimataú. O povoado que surgiu das entranhas da feira, transformado em cidade tempos depois, e a cidade - a quinta maior em extensão territorial da Paraíba - que ultrapassa as alfândegas de um sonho e que deixa a sua marca no mundo por meio de pegadas adolescentes.

A feira pública segue até hoje, sempre às quintas-feiras. Feira de gado, frutas, legumes, trocas, vendas e de vários tipos se organizam em pontos de Barra de Santa Rosa.

A feira tem cheiro, som, imagem, textura. É uma espécie de vida que, de tanto decidir engatinhar, aprendeu a andar pelas ruas das décadas, pelos becos dos séculos, pelas veredas de tantos que chegaram e partiram pela BR 104.

Desde os cantos que ecoam as vozes dos feirantes até as ruas onde serpenteiam os silêncios de uma manhã, a moça de 16 anos é conhecida, senão pelo seu nome de batismo, ao menos pelo feito primoroso que imprimiu na história de Barra de Santa Rosa. O repórter reverbera o nome *Eloá* para alguns moradores, nos entornos da Praça Frei Martinho, com arbustos podados em forma de animais e de figuras que traduzem o sentido da palavra talento. Os populares procuram entre os galhos de alguma quixabeira genealógica quem seja Eloá. Pensam nas casas lá de cima e nas de baixo, nas da cidade e nas dos sítios. Decifram. “Ah, a filha do Damon e da Sheila”. Eles dizem também: “...*a menina que foi para Harvard*”.

Ruas de paralelepípedos e outras cuja terra espera por um possível calçamento, e a poeira que às vezes forma penumbras de uma possível esperança. Na boleia do destino segue-se à procura da residência e dos mesmos trajetos de quem, com seus esforços, caminhou bastante para acalcar novas conquistas no estrangeiro. No Centro de Barra de Santa Rosa, o portão à frente se abre. À primeira vista, juntos, um pai, uma mãe e uma filha. Este é o retrato do cotidiano na parede deste lar: a união.

Em uma casa paraibana, o pão nosso de cada dia está geralmente ali pelos recantos da cozinha, aguardando os de casa e os de fora. O pão que é nosso mas também do próximo, um sinal de elo. O pão que é alimento para o corpo, acompanhados do pão das partilhas e das escutas, alimento para a alma. Amizades firmadas como parentescos de consideração.

A janela dá vista para um pé de manga na lateral da casa. Sobre a mesa, bolo, café, leite, pão, manteiga, queijo. O casal Damon e Sheila expressa admiração pelas filhas Lavínia e Eloá. Lavínia, a primogênita, está na capital, a uma distância de aproximadamente 180 km que separam Barra de Santa Rosa e João Pessoa, onde busca graduar-se em Medicina Veterinária. Eloá está concluindo o 3º ano do Ensino Médio no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), além de um curso de Edificações no campus, localizado em Picuí/PB. Há mais de um mês, uma greve realizada por professores e servidores técnico-administrativos da

instituição têm mantido as aulas suspensas; os grevistas pedem por recomposições salariais, reajuste imediato dos auxílios, melhorias nas bolsas dos estudantes e outras reivindicações.

A serena, alegre e expressiva Eloá relembra a primeira vez que andou de avião. A viagem faz pouco tempo, foi em 2023 e teve São Paulo como destino. Ela, os colegas Júlio e Iara e os professores Antonio e Dayane se tornaram finalistas da FEBRACE - Feira Brasileira de Ciências e Engenharia, e marcaram presença no evento realizado na USP (Universidade de São Paulo). No projeto, a equipe do IFPB idealizou um site intitulado *GATES (Grupo de Apoio Tático Educacional de Suporte Cognitivo) - O portal inteligente*, com a finalidade de promover uma rede social da educação inclusiva, com conteúdos e interações sob o intuito de garantir a aprendizagem de alunos com deficiência cognitiva.

A sigla foi inspirada em Bill Gates, empresário americano diagnosticado com TDAH. No Brasil, segundo dados de 2021 apresentados pela Associação Brasileira do Déficit de Atenção, aproximadamente 2 milhões de pessoas são diagnosticadas com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) e cerca de 8 milhões com dislexia. Nesse contexto, o *GATES* mostrou a sua relevância para o cenário nacional, ganhou o prêmio de projeto de excelência e ainda foi indicado para participar da FENADANTE (Feira Nacional de Ciência e Tecnologia das Nações), em São Paulo.

“Quando a gente faz o que gosta, isso transparece na nossa face”, reluzem as palavras de um pai cheio de satisfação. Mais ainda reluz o olhar dele e o da esposa. É como se as pupilas do casal quisessem bradar um dia tão inigualável para eles. Os dois lá em Cuité, cidade de boa vizinhança com Barra de Santa Rosa, e de repente a vida lhes presenteava com uma nova vida naquela maternidade. É que, nessas redondezas, ou se nasce em Cuité ou em Picuí. Mas a Barra é a verdadeira manjedoura de todos eles. Ela. Eloá. No calendário, era 04 de janeiro de 2008. No coração, a eternidade de um momento. São instantes que não passam. São instantes que ensinaram novamente a Damon e a Sheila o significado da palavra “filha”.

Na porta da geladeira de cor grafite, o sorriso estampado de uma criança que, aos 10 anos, já vinha aprendendo a falar inglês de maneira autodidata e de um jeito bem atípico, conforme ela mesmo frisa: assistindo seriados sem dublagem, e sim no idioma original. Os mesmos capítulos, as mesmas séries, o tempo inteiro, ao ponto de até decorar as falas. Em

seguida, músicas em inglês, traduções, uma palavra conectada à outra e o significado das conjunções reverberado no cérebro em outros dizeres, em uma nova comunicação. De repente, o inglês se tornou uma língua natural para Eloá. Mais que isso: uma ponte que vem ligando a paraibana ao resto do mundo. Eloá já não mais passou tão despercebida em Barra de Santa Rosa depois que, pela primeira vez, ela cruzou essa ponte em escala internacional.

Considerada a mais prestigiada e maior simulação da ONU - Organização das Nações Unidas no mundo, a Harvard Model United Nations - HMUN ocorre anualmente em Boston, Massachusetts, Estados Unidos. O evento reúne milhares de estudantes e recém-formados em comitês de debate em torno de questões globais, nos quais estes jovens assumem os papéis de diplomatas de diversos países para solucionar problemas mundiais e promover a paz e a cooperação internacional.

Debaixo do teto das novas oportunidades, Eloá tomou ciência sobre as simulações da ONU. Era um dia comum de 2021, daqueles em que as manhãs são sonorizadas por crianças passando nas calçadas a caminho da escola, como quem diz, ainda aprendendo a formular frases completas, que o Brasil está a poucos passos do seu mais breve futuro. Entrededos uma sequência de vídeos rolava sobre a tela quando, diante de uma iniciativa do Instituto Diplomun¹¹, ela se atentou em cada detalhe daquela chance ímpar de participar da HMUN.

O vídeo convocava candidatos brasileiros a concorrerem a uma vaga na Bolsa Diplomun, sendo necessário possuir 13 anos ou mais no período da viagem para a HMUN, prevista para o mês de janeiro do ano seguinte; ser estudante do 8º ou 9º do Ensino Fundamental II, 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Médio, ou estar realizando ano sabático ou um curso universitário; além de outros requisitos. A Bolsa se propunha a cobrir todas as despesas, a exemplo de passagens aéreas, hospedagem e alimentação, e também oferecia mentorias à distância como parte da preparação para o intercâmbio, com treinamentos personalizados.

Ela, Eloá, rendeu-se ao sonho. Nas lonjuras das grandes metrópoles, de um metrô a não sei quantos metros de distância, imagine-se então falar de congestionamentos ou fatos

¹¹ O Instituto Diplomun é uma organização que se originou em Salvador-Bahia, com a missão de democratizar o acesso às simulações da ONU a jovens de todo o mundo, à diplomacia e ao desenvolvimento de habilidades como oratória, liderança e negociação.

do cotidiano da cidade grande, o caos desconhecido em contrapartida a outros tipos de caos conhecidos de um município do interior. Mas nas graças e nas intempéries da vida cotidiana, a rota mais reta - e por ora a mais desafiadora - para se chegar a um lugar feliz no pódio do sucesso e da autorrealização: o sonho.

Lá tem o barulho, aqui corre o silêncio, é o que contam. O silêncio, para quem é dessas bandas e o vê bem correr pelos ares, sabe que costuma ser traiçoeiro por calar, às vezes, jovens cheios de energia e boa disposição na tentativa de crescerem firmemente como árvores frondosas, daquelas sempre dispostas a dar muitos frutos. Eloá fez do silêncio o seu amigo de um processo de paciências e perseveranças. Enxergou-o como quem também não deixa de sentir o toque da voz que intima a uma confiança sem medidas nas vitórias ainda não de todo vistas e muito menos faladas por esses lados. Dizem que essa é a fé que move as mais íngremes montanhas, até mesmo aquelas que tentam inclinar-se sobre o coração.

Com apenas 13 anos e no começo da estrada da adolescência, Eloá fundou, em 2021, a sua própria organização de simulações de debates globais. A sua falecida avó Carmelita foi a grande homenageada da instituição, cujo nome batizou a *Carmel Academy*, democratizando as dinâmicas da HMUN de norte a sul do Brasil. O ano seguinte foi a porta de entrada no ensino médio para a neta da Carmelita, que garantiu uma vaga no IFPB graças ao seu desempenho escolar. Em 2022 o futuro vestibular captou o seu foco mais do que qualquer outro objetivo, deixando as simulações da ONU em segundo plano naquele período.

Quando o ano de 2023 dobrou a esquina, tornaram a despertar os desejos jamais adormecidos por mudança social, aquela ânsia de desbravar o mundo e aquele compromisso de mover um oceano de transformações para os povos, sendo apenas assim: uma gota, mas uma gota com sede de unir-se a outras gotas nos meandros de uma mobilização internacional com rosto jovem. No processo das novas inscrições para a Bolsa Diplomun, aplicáveis para a viagem em janeiro de 2024, cerca de 1200 jovens de todo o Brasil concorreram a uma vaga nas simulações da ONU em Harvard com todas as despesas pagas. Entre estes, Eloá Maria Casado Souto.

A paraibana recorda que, na primeira das duas etapas, cada candidato deveria comprovar participação em atividades extracurriculares, demonstrar fluência em inglês e enviar uma redação embasada em experiências pessoais. De todas as submissões, apenas 10 seriam selecionadas para a etapa final.

Expectativa e apreensão andaram de mãos dadas. Será que, entre aquelas inscrições, a dela estava ao menos entre as cem melhores? Os documentos que enviou tinham peso suficiente para se obter uma excelente pontuação? A redação havia cumprido todos os requisitos necessários? Ela, que havia tido menos de 48 horas para se inscrever na primeira fase da Bolsa Diplomun, visto que antes estava em São Paulo, participando da FEBRACE.

“Eu fiquei logo aperreada, mas eu falei: ‘eu não posso perder essa oportunidade’. Eu não pensava que eu ia passar, justamente por ter sido em cima do prazo. Eu nem ia olhar o e-mail, para você ter noção, porque eu *tava* tão nervosa, e eu vi no Instagram deles as bandeirinhas e os estados que estavam presentes na segunda fase. *Tava* lá a bandeira da Paraíba. E, daí, eu falei: ‘meu Deus, será que sou eu?’. E era. Passei para a segunda fase. Fiquei muito feliz.” A seguir, uma entrevista virtual aguardava ela e os outros nove candidatos. A garota recorda-se bem dos recursos necessários para se sobressair naqueles quarenta minutos de perguntas pessoais e profundas. Concentração, preparo, mas sobretudo bastante controle emocional. “Porque é muito fácil você escutar uma pergunta dessas e ficar muito nervoso, e não conseguir desenvolver nada, sendo que no momento normal você conseguiria, entende? Então é você ficar mais tranquilo mesmo. Ter confiança no que você tem para entregar”.

A videochamada terminou. Candidata e recrutadores se despediram. Incertezas, medos e ansiedades percorreram os varadouros do pensamento. “No momento que eu desliguei do link da chamada, eu falei: ‘acho que enlouqueci’, porque eu cheguei a cantar uma música na minha entrevista. Mas talvez eles acharam bem autêntico, e eu com aquela ideia de ‘me encaixar dentro da métrica’ tão forte, que eu pensei que não tinha nenhuma chance”. As curvas dessa experiência ensinaram Eloá sobre as vitórias que surpreendem justamente por virem sob passos mansos, dessas que não retumbam de cara o primeiro lugar do pódio, dessas que, nos dizeres oriundos da terra de Barra de Santa Rosa, transformaram Eloá de *a filha do Damon e da Sheila* em *a menina que foi para Harvard*.

Nas nuances do ontem, não o ontem metafórico, mas o ontem 15 de maio, a virada dos 365 dias alertou Eloá sobre o ano que se passou, naquela chance que não se fez míope para a jovem do interior da Paraíba e a enxergou entre os cerca de 1200 outros jovens. Mais que isso, eram 1200 expectativas, 1200 sonhos, 1200 histórias de um bem-querer: conquistar a única Bolsa Diplomun.

Há exatamente um ano e um dia atrás, na data marcada para a divulgação do resultado da bolsa, o pai Damon teve uma ideia estratégica para que a ânsia não impedisse a filha de comer: ‘é melhor você jantar antes de sair o resultado, porque, se você for negada, você não vai comer, e se você for aprovada, você vai ficar tão feliz que você não vai comer também; então é melhor você jantar antes’. Era bem mais cedo do que o horário que comumente a menina fazia a refeição noturna. Pai e mãe juntos na mesa. A pedido deles, Eloá consultou uma informação no celular. *Ops*. Oito chamadas perdidas do Instituto Diplomun. O que isso significava?

“Eu, toda nervosa, entrei na ligação. E eu não esqueço nunca: o meu mentor, também presidente do Instituto Diplomun, ele falou bem assim: ‘Eloá, você tem roupa de frio?’. Eu não sei se eu respondi sim ou não, eu estava tão confusa naquele momento. Ele comentou: ‘providencie, porque você vai para Boston em janeiro; você foi a escolhida para ser a bolsista Diplomun 2023’. E a emoção que veio em mim, eu não tenho nem palavras para explicar. Foi uma felicidade tão grande. E a única coisa que eu consegui falar foi: “mãe, eu passei!”, porque ela ‘tava’ bem do lado”. Aquela esperança guardada há tanto tempo nas terras de dentro floresceu como lágrima. Eloá chorou. “E agora, gente?”, lançou a dúvida para a recrutadora, ainda buscando materializar o sonho que, de ideal, tornou-se uma realidade premiada, exclusivamente dela. E a resposta que ouviu foi: “você vai para Harvard!”.

À medida que se passavam os meses daquele ano de 2023, mais se aproximava a hora em que a passagem de ida para Boston estaria em suas mãos. A cada semana, entre os temas abordados nas mentorias, as aulas de Inglês Diplomático se destacavam, com palavras específicas a serem utilizadas nos debates e vocábulos novos para se expressar de forma mais assertiva frente a assuntos globais. Assim que veio a aprovação na Bolsa Diplomun, a Câmara Municipal de Barra de Santa Rosa dedicou uma moção de aplausos à cidadã santarrosense pelo seu feito.

Em Recife, onde está o Consulado dos EUA mais próximo de Barra de Santa Rosa e das cidades da Paraíba, Eloá foi em busca do seu visto para adentrar à terra do Tio Sam. Por ser menor de idade, os pais a acompanharam. “Fala inglês?”, indagou-a a oficial consular. “Falol!”, disse a paraibana. Foi apenas escutar um “a entrevista será em inglês” da parte da oficial para os pais serem perscrutados de tamanha preocupação. Mas ela, vestida até a alma com retalhos de coragem, expôs os fatos da sua história pessoal, narrou o processo de admissão na Bolsa Diplomun e atendeu os questionamentos. Ao final, o passaporte de Eloá ganhou um visto americano de um ano de duração. “Ela até parabenizou e disse aos meus pais: ‘nossa, vocês devem ter muito orgulho da filha de vocês, né!’. Ela foi bem fofa”.

Em um documento prévio à Harvard Model United Nations, marcada para o período de 25 a 28 de janeiro de 2024, a secretária-geral do evento, Angela Dela Cruz, frisou palavras de acolhida aos participantes dos mais de cinquenta países confirmados no evento. Sublinhando a importância do diálogo em meio a instabilidades, conflitos e divisões, ela disse, em inglês: “devemos escutar um ao outro diante das circunstâncias das dificuldades globais, reconhecer e abraçar nossas diferenças, e trabalharmos juntos para fazer o progresso acontecer enquanto seguimos as nossas metas”.

A secretária-geral, esperançosa da chegada de “jovens promissores de todo o mundo” aos comitês, ainda citou a importância de estes almejem os mais altos padrões em todos os aspectos, destacando que uma das principais funções de um delegado frente às questões globais é a de “ampliar vozes não ouvidas”. Vozes de todos os continentes e os mais distintos idiomas estavam prestes a se unirem na 71ª edição da HMUN. Uma comunidade global. Sobre cada jovem, os traços de uma história, as linhas de uma fronteira cruzada, as incontáveis outras vozes de um só povo.

Eloá. Na singularidade da sua narrativa, escolheu, antes de tudo e de todos, as entrelinhas de cada membro da família para dar vida ao novo capítulo da sua história. Eles em destaque. Um homem e uma mulher substantivados como pais e fortalecidos por um adjetivo: batalhadores. As primeiras “vozes não ouvidas” que Eloá poderia levar consigo para o comitê internacional, das quais a secretária-geral se referia, eram justamente aquelas que ouvira desde os primórdios da sua fase de bebê, aquelas vozes que ecoavam constantemente pelos cômodos e paredes brancas da casa e que cingiram na jovem delegada

o poder da fala. Essa fala que agora era o grande trunfo que ela possuía, para ser ela mesma, para ser uma representante da Paraíba entre milhões de Paraibas-vozes, para ser a conjunção do amor de um lar.

Inspiração é semente que se cultiva na casa dos Casado Souto, de cujos frutos Eloá alimenta o rumo da sua estrada. Acreditou ser possível, porque antes, em meio às adolescências dos anos 1980, os seus pais, nos tempos em que nem se conheciam, ansiavam por oportunidades. A perder de vista os caminhos por essas bandas sempre foram puro semiárido, desde que o mundo é mundo, mas a terra dos sonhos de pessoas como Damon e Sheila é boa e frutífera.

Se nos dias de hoje é longa a peregrinação até alcançar o topo das vitórias, diga-se então há trinta ou quarenta anos atrás. Por meio de analogias, observa-se que há os chegam até lá facilmente, com elevadores sempre disponíveis para a sua ascensão; outros só podem contar com uma tão íngreme escada, com uma subida pesarosa e de difícil acesso; outros, ainda, tiram forças dos recônditos da alma para construírem degraus de crescimento, e os fazem com o que poderia ser facilmente descartado: as pedras lançadas pelos desafios da vida, uma a uma, até as que tentam derrubar os mais valentes.

“Eu, definitivamente, tenho no meu cotidiano muitas pessoas que são inspiradoras, que conseguiram muita coisa, mas a pessoa que mais me inspira em relação a isso é a minha mãe. As pessoas acabam tendo a oportunidade na vida e já têm um histórico, têm muita coisa para impulsionar; a minha mãe não”. Ainda bem pequena e em meio à pobreza extrema, Sheila fora adotada por uma família em uma comunidade rural chamada Chupadouro, na cidade de Damião/PB.

A vida no Curimataú não fora nada fácil para a criança e logo a adolescente que sonhava poder estudar e obter o conhecimento, um desejo que o pai adotivo dela rejeitava, criticava e sobre o qual impunha a sua total desaprovação. A filha caçula delineia a trajetória da mãe: “ela veio aqui para Barra, trabalhou como empregada doméstica de casa de família. E, mesmo assim, ela sempre teve esse inconformismo, e o que eu mais admiro numa pessoa é um inconformismo de querer mudar uma situação que não tá boa, e eu vejo muito disso nela”.

A Sheila de 18 anos de idade conheceu o Damon de 26. E em Damon, ela conheceu não apenas o amor mas também um refúgio para as suas esperanças. Naquele rapaz que, assim como ela, vinha de origem humilde, Sheila enxergou porto seguro. “Era o único jeito que ela tinha de sair desse contexto de empregada doméstica”, explana a entrevistada adolescente. Namoraram e firmaram o matrimônio. Finalmente, entre os dedos de Sheila, pousara a caneta do destino, com a qual podia escrever o seu futuro com mais autonomia, ao lado do companheiro que havia escolhido e sobre o teto de uma história toda deles.

Em um mar de sonhos possíveis, agora lhes era permitido estudar. Ela formou-se em Letras - Português, ele cursou Pedagogia. “Minha mãe, mesmo grávida, ela estudava, ela ‘tava’ ainda com a minha irmã pequena quando ela passou em um primeiro concurso. A partir disso, eu ‘tava’ mamando, ainda criança, e ela fazendo concurso, estudando e balançando criança”. As mulheres deste Curimataú são tão resistentes quanto macambira que cresce em meio à queimada, à escassez de chuvas, ao solo petrificado por natureza e à solidão pelos que se foram.

Sheila buscou, mais perto da sua coragem e mais longe de desânimos intrusos, a sua vaga no mestrado. Uma, duas, três vezes. Um, dois, três anos. Na quarta vez, no quarto ano, no quarto interno dos seus objetivos, fora selecionada em um mestrado e, nessa fase atual, já está prestes a concluir o seu doutorado. “Meu pai também fez muito sacrifício. Ele criou eu e minha irmã para que minha mãe pudesse estudar, então eu vejo, dentro da minha própria casa, inspirações muito significativas”.

Eloá também cita o nome de Felipe Carvalho como pessoa exemplar para ela, soteropolitano de 20 anos e presidente do Instituto Diplomun. “Apesar de ele ter tido um contexto um pouco mais favorável do que os meus pais, ainda assim você nascer no Brasil e no Nordeste - e para procurar uma oportunidade no exterior -, acaba sendo muito difícil, e ele me ensinou muito sobre usar a bondade e o seu bom caráter a seu favor”.

O que Eloá e essas pessoas têm em comum é o fato de terem trocado probabilidades por possibilidades. Se, para a jovem, a probabilidade de ela haver nascido em Barra de Santa Rosa era tão pequena - ao pensar nos cerca de 15 mil habitantes da cidade em comparação às cerca de 8 bilhões de pessoas ao redor do mundo -, então seria, sim, possível, a vitória da Bolsa Diplomun chegar até as suas mãos.

“Existe perspectiva, e a gente perde essa perspectiva de que existe futuro quando as dificuldades começam a aparecer. Eu posso contar a minha jornada de uma forma muito romantizada e linda, mas chegaram momentos em que eu só chorava, porque, por exemplo, acontecia alguma coisa na minha escola que me deixava muito triste ou porque eu tirei nota baixa, mas isso nunca definiu exatamente o resultado final”. Para Eloá, tudo acontece por alguma razão, os próprios desafios podem ser parte do processo de um sonho à vista e cada semente de esforço se colhe posteriormente em forma de frutos de vitória.

20 de janeiro de 2024. Portas abertas para a aguardada viagem. Partindo da capital paraibana, três voos rumo ao evento da HMUN: João Pessoa/PB a Guarulhos/SP, Guarulhos/SP a Miami/EUA e Miami/EUA a Boston/EUA. “Foi um voo muito longo o de Guarulhos para Miami. Eu lembro que não acabava nunca. Eram 14 horas de viagem e o avião estava dando turbulência, e eu: ‘meu Deus!’. Eu não sabia nem como usar o banheiro do avião direito, porque era muito diferente”. Neste trajeto, em específico, ela viajou na companhia de outra participante brasileira do evento. Graças ao subsídio do Instituto Diplomun, aquela experiência se tornara possível para Eloá. Assim como milhares de pessoas inscritas no encontro, a sua colega arcou com os custos pessoais e taxas da HMUN.

A garota paraibana andou de aeroporto em aeroporto entre tantas outras garotas de outras partes do mundo. Em aeroportos os visíveis são todos invisíveis aos olhos de outros viajantes, ao menos que estes sejam pessoas famosas e de fácil reconhecimento. Semelhante ao fato de “ser só mais um no meio da multidão” era o livro que Eloá carregava entre os pertences durante os dias fora do país, intitulado *A Vida Invisível de Addie LaRue*, escrito por V. E. Schwab. “É um livro excelente, eu recomendo para qualquer pessoa, porque ele conta a história de uma menina do século XIV; ela mora em cidade pequena e tem um sonho de conhecer muitos lugares. Eu me vejo muito em Addie LaRue”. A obra ficcional mostra uma personagem fadada ao esquecimento e que, a partir de um enredo que se desdobra ao longo dos capítulos, conseguiu selar a sua identidade e perpetuar o seu legado de geração em geração.

Aterrissagem. “*Ladies and gentlemen, welcome to the United States of America*”, anunciara o piloto. Em português, “senhoras e senhores, sejam bem-vindos aos Estados Unidos da América”. Passaporte em mãos. Os oficiais da imigração o conferem. “Ah, você vai para a

simulação da ONU em Harvard!”, bradara uma voz americana, em tom de acolhida à imigrante.

Em solo estadunidense, a alegria acompanhada do primeiro “perrengue chique”, ou seja, de uma situação desafiadora: a falta de internet para entrar em contato com pessoas importantes, a exemplo da mãe na Paraíba e do presidente do Instituto Diplomun, que já estava em Boston, para avisar-lhe sobre a chegada dela e da amiga, visto que seriam recebidas por ele. “Foi um ‘perrengue’ muito legal, porque nós estávamos perdidas em Miami”, as risadas vêm em seguida. No aeroporto de Miami a aconselharam a procurar o portão do seu próximo voo, rumo a Boston, onde haveria um estande da sua companhia aérea, no qual poderia pedir ajuda. “Daí eu falei lá com as moças: ‘eu preciso muito fazer uma ligação, só uma’, aí eu consegui fazer a ligação para a moça da agência de viagem da Diplomun, ela me ensinou como conectava a internet do meu chip e eu pude falar com todo mundo”.

Diferentes países, etnias, línguas e coletividades se encontravam no mesmo espaço. As juventudes globais. O rosto multicultural da nova geração. Eloá percebia cada detalhe. O Hotel Le Meridien e as suas gigantescas proporções para acolher delegações dos cinco continentes, incluindo grupos do Brasil, que contabilizavam em torno de cem brasileiros, segundo a paraibana. Eloá viu lojas de grife diante dos seus olhos, espalhadas ao longo de dois shoppings dentro do hotel, salas bem equipadas para reuniões administrativas com a sua delegação e um universo bastante diverso de tudo o que conhecera até então. Além das simulações da ONU dentro do Le Meridien, Eloá e os seus amigos também puderam visitar a Universidade de Harvard e um aquário em Boston.

Tudo parecia sob controle para as simulações. O discurso inicial, o roteiro, os assuntos. Os estudos, mentorias online e preparações ao longo do ano de 2023 em mente. Mas, na abertura do evento, esse tudo escorreu pelos dedos. “Foi um dia muito ruim. Nos meus primeiros trinta minutos de comitê, no primeiro debate não moderado, começaram a se formar os blocos. Eu fui ‘cancelada’, porque juntou um grupo de meninas que viram que eu tinha potencial, e elas começaram a falar inverdades na frente dos avaliadores”. Se tratava de um bloco formado por moças dos Estados Unidos e por jovens da Índia.

“Sempre que eu queria falar no comitê, eles me interrompiam: ‘você já disse demais’, ou tentavam colocar como se eu estivesse ditando alguma coisa, o que não era verdade. Eu só havia conseguido falar ‘duas palavras’”. Após uma sessão de quatro horas sem intervalo, a frustração, a tristeza e a sensação de fracasso acompanharam a menina de Barra de Santa Rosa. “O meu mentor assistindo tudo, porque eles podem, os *advisors*, e eu me sentindo sem poder algum”.

No silêncio do banheiro, o eco das lágrimas falava sobre inconformismo. Eloá não buscava apenas cumprir uma participação na HMUN, ela tinha sede de resultados. Tentava encontrar dentro de si mesma rastros de maturidade emocional. Amigos ao redor davam-lhe força. Aonde havia partido o “fogo da animação e do entusiasmo” de sempre? Ela quisera descobrir. Preferiu ficar sozinha. “Fui para uma janela gigantesca no meu hotel, com uma vista para Boston, e eu só rezei. Eu disse: ‘eu só peço que eu consiga, mesmo sem força e sem absolutamente nada que me faça pisar o pé lá com ânimo, eu só quero conseguir fazer o que eu ‘tô’ na minha cabeça agora, mesmo sem força, mesmo que não chegue nunca esse ‘fogo’ de volta...’”.

No segundo dia da HMUN, faltando quinze minutos para o comitê, Eloá fora visitada por uma forte crise de ansiedade. O desconforto acompanhado pelo pensamento recorrente: “eu não vou conseguir”. Conselhos do mentor: “Eloá, você é muito forte e você vai conseguir, sim, e eu vou estar aqui para te ajudar”. Logo a jovem pôs-se de pé, colocou o planejamento em ação e iniciou um diálogo com cada membro da sala, permitindo todos escutados no bloco. Guiando a liderança, ela decidiu que todos teriam poder de voto, de escuta, de fala e de atuação igualitária na redação de um documento em conjunto. E deu certo.

Aquele começara a se tornar o maior entre os blocos do comitê, atraindo a atenção de muitas pessoas, inclusive de líderes que vinham de outros comitês para tentar calar Eloá e barrar a desenvoltura da jovem. Ante as provocações, ela se impôs, dizendo-lhes: “olha, esse tipo de funcionamento não funciona dentro desse bloco. A gente tem que cuidar de funcionar como uma democracia”. Quando os responsáveis pelos conflitos decidiram se debandar, os participantes que restaram formaram um bloco harmônico e igualitário.

O diferente captava a atenção dos avaliadores do comitê, e Eloá escolheu não ser igual aos demais. “Eu não atribuo essa força a nenhuma coisa assim carnal que eu possa ter. Eu acho que só o sobrenatural mesmo poderia explicar o que acontece. É como se Deus realmente tivesse colocado na minha boca as palavras”. Nas simulações, optou por seguir caminhos de bondade, gentileza e diplomacia. “Lembra que eu falei que eu ‘tava’ sem ânimo algum? No segundo dia eu ganhei ele totalmente de volta”.

Em 1955, em um contexto de Guerra Fria, *vozes não ouvidas* se reuniram em uma conferência na Indonésia. Vozes de 23 países asiáticos e 6 países africanos, relegadas ao submundo da geopolítica, sem poder de participação em decisões globais. Quase setenta anos após a Conferência de Bandung, o comitê de Eloá Souto evocou este encontro histórico e a autoidentificação dos povos.

“O meu comitê foi dividido em três setores principais, que foram o econômico, o político e o social. Falamos sobre a questão da interferência estadunidense e soviética, na questão até ideológica, porque existe dentro das relações internacionais o termo *soft power*, que são instrumentos de manipulação global que você não percebe que está sendo manipulado, mas você ‘tá’”. De forma didática, Eloá explana, como instrumentos de *soft power*, os preconceitos dirigidos a certos públicos da Ásia, a exemplo dos que nasceram no Afeganistão, enquanto outras populações deste continente recebem respeito e admiração, como é o caso do Japão ou da Coreia do Sul, culturas mais popularizadas em aspectos como culinária, indústria do cinema e turismo; enquanto isso, outros países asiáticos são associados majoritariamente a contextos de guerra e terrorismo, por meio de uma impressão que fora manipulada ao longo dos tempos pelas potências mundiais. Os participantes do comitê discutiram entre si soluções diplomáticas para promover a cooperação entre as pessoas e as economias de nações asiáticas e africanas em desenvolvimento.

Ela. Eloá. Através da jovem de Barra de Santa Rosa, pela primeira vez a Paraíba se fez presente na simulação da ONU em Harvard. A Paraíba falou. A Paraíba mostrou o seu potencial. A postura de Eloá lhe rendeu, inclusive, a segunda maior premiação da conferência como líder de bloco. São lembranças que se resumem em uma única palavra: superação.

Nos bastidores, o preconceito também bateu às portas dos dias estrangeiros de Eloá, vindo da parte de quem a subestimou por ela ser da Paraíba e de uma cidade do interior nordestino. “E veio de uma própria brasileira. Não veio de alguém do exterior nem nada. Uma própria brasileira olhou para mim e falou: ‘boa sorte no seu comitê, porque, se te deram a bolsa, deve ser porque viram alguma coisa, né!?’”, e ela olhou para mim assim de cima para baixo. Eu falei: ‘tá. Obrigada’. E acabou que eu ganhei um prêmio maior do que o rapaz da delegação dela. Mas eu sou Eloá Souto, eu sou da Paraíba e isso é parte da minha identidade”. Eloá espera que a Paraíba, por meio de outros paraibanos, continue a alcançar a HMUN em outras edições do evento, selando no peito uma frase: “se orgulhe em ser o primeiro, mas não se contente em ser o último”.

Lá fora, ela conheceu delegados jovens de grande potencial, com os quais pôde maturar o seu conhecimento de mundo em meio a interações diárias na HMUN, mas em contrapartida deparou-se com um ambiente altamente competitivo, no qual haviam participantes capazes de extrapolar até os mínimos valores humanos para serem notados e aplaudidos. Expressões utilizadas pelos americanos enxertaram novos vocabulários em seu inglês. *Have a good one!*, uma delas. “Toda vez que eu ia comprar alguma coisa, eles sempre falavam, quando eu saía da loja: ‘*have a good one!*’. ‘Tenha um bom dia!’. ‘Siga bem!’”.

Eloá viu a neve cair pela primeira vez diante dos seus olhos. A cidade, as pessoas, a noite, o momento. Os flocos gelados tocando na alma, traduzindo alegrias, reavivando uma tímida saudade por quem ficou na Paraíba. Um cenário vestido de fascinação.

“É muito mágico poder ver a neve pela primeira vez”, os olhos se enchem de encanto. “A gente ‘tava’ saindo do karaokê, de um momento de diversão. Todo mundo ‘tava’ pedindo Uber, e ‘tava’ nevando muito, e eu falei: ‘gente, por que vocês estão pedindo Uber? A gente deveria voltar a pé, porque ‘tá’ nevando e eu queria ver a neve e brincar’, porque era pertinho. A delegação inteira foi, e foi muito divertido. A gente começou a comer uma pizza congelada no caminho. Eu chorei, foi muito emocionante esse momento”.

Outra vez, dessas noites de muita neve, ela e a delegação pararam dentro de um hotel - que não era bem o deles, mais para se protegerem mesmo - e uma senhora americana estava lá sentada, talvez à espera das tréguas do tempo para seguir adiante, como quem já

tivesse assistido invernos a perder de vista nessa vida. “*Gente, vem cá! Vocês estão na simulação da ONU?*”, jovens ouvidos atenderam ao sussurrar americano. Parecia-lhes interessante que uma idosa se interessasse e soubesse a respeito das simulações, um fato não tão comum, pelo que vinham notando. Mas aquela mulher, cujo nome não fora por ela citado, talvez pela informalidade do diálogo, era, na verdade, uma cientista. Eloá recorda este enriquecedor relato nos extramuros do Le Meridien.

“Ela contou que desenvolveu a cura para uma doença degenerativa nos Estados Unidos, bem na época da Segunda Guerra Mundial. A gente conheceu uma gênio à nossa frente, da época de Einstein. Ela foi uma diva. Essa senhora era bem velhinha mesmo, mas muito lúcida. E falou a história dela inteira, sobre a dificuldade de ser uma mulher no mundo da ciência àquela época, e disse que era muito importante o que a gente ‘tava’ fazendo, porque em poucos anos o aquecimento global iria estar mudando a nossa realidade”. O ressoar daquela voz embargada de experiência marcou cada um dos que a ouviam, essa voz que provavelmente já não era tão presente nos palcos de um mundo que se esquece gradativamente da sabedoria dos mestres da terceira idade.

Dez dias se passaram e Eloá retornou à Paraíba. A conferência em Boston continuava tão viva no dia a dia de Eloá quanto no período em que fora promovida. Cada comitê, cada reunião, cada atividade. Cada amizade brasileira construída lá fora. Os seus “casquinhas de bala”, amizades repletas de parceria.

Dezenas de mensagens chegavam diariamente pelas redes sociais após o seu regresso. “Você me inspirou!”, a mais recorrente. Mensagens de paraibanos e de tantos outros espalhados pelo Brasil, conhecidos ou anônimos. “Teve uma menina que entrou em contato comigo essa semana, falando que ela ‘tava’ fazendo a simulação da Diplomun online - que a gente faz de graça para todo mundo ter acesso. Ela dizia: ‘você me inspirou, eu conheci as simulações através de você e eu quero contar a sua história no jornal da minha escola, para inspirar mais pessoas’”. Emissoras de televisão e portais de notícia agendaram entrevistas com Eloá e repercutiram a sua história. Um perfil de notícias no Instagram, ao postar sobre a experiência da jovem diplomata, alcançou mais de 12 mil curtidas na publicação.

Passados quinze dias após o fim da viagem, a filha do Damon e da Sheila foi convidada pelo Instituto Diplomun para integrar-se a eles na função de superintendente da educação integrada. “Fiquei tão feliz, porque, além de ser uma oportunidade de trabalho e eu poder aprender muito a partir disso, se trata de algo que eu amo”. No cargo, ela produz vídeos, prepara documentos com cerca de quarenta páginas e realiza outras atividades. Inclusive no novo processo da Bolsa Diplomun, finalizado há poucos dias, ela atuou como recrutadora.

“Foi muito legal e enriquecedor. Eu pude ler as redações, fazer as entrevistas. Essa experiência me molda como pessoa, como profissional e como estudante”. A nova contemplada da Bolsa Diplomun 2025 é de São Paulo. Coincidentemente, em 2024 ela fez a mesma pergunta que perscrutou Eloá em 2023: “e agora, gente!?”. A paraibana guardou no coração aquelas palavras, estas que desejava tanto ouvir: “agora você vai para Harvard!”.

Hoje Eloá é também mentora e auxilia os novos membros da delegação brasileira em Harvard. “Ano passado eu ‘tava’ na minha primeira reunião com o meu mentor, nervosa, com frio na barriga, com medo de ele não gostar de mim, e hoje eu sou a mentora do outro lado da tela, conhecendo meus mentorados, nervosa, com medo de eles não gostarem de mim também, mas tudo bem. É realmente muito gratificante poder olhar para trás e ver tudo isso”.

O hamster de estimação pousa no colo de Eloá. Ele chegou à família quando a sua dona ainda era criança. Lá fora as duas cachorras descansam em alguma sombra. O mês de junho está bem próximo, trazendo novos festejos de São João para Barra de Santa Rosa. As simulações da ONU ainda vagueiam por aqui, nas conversas de um e outro. *“Tu visse que a filha de Damon e Sheila foi para Harvard?”*. *“A menina mais nova da professora e daquele homem que trabalha como agente de serviços gerais?”*. *“E ‘num’ foi, minha fia! Eu fiquei foi ‘bestinha’ quando eu soube da notícia”*.

Os registros da Escola Municipal José Eudenício Correa Lins, bem diante da Praça Frei Martinho, guardam nos cadernos de chamada o nome de Eloá Maria Casado Souto. Professores, merendeiras, secretários e testemunhas da aluna esforçada reverberam o exemplo da aluna esforçada nesta e em outras instituições por onde ela passou.

“Participar da escola pública me moldou muito como pessoa. Eu vi muita gente com potencial lá dentro não ter oportunidade nem recurso, e acabar perdendo perspectiva, e isso me molda muito como pessoa, principalmente o meu propósito”. Eloá busca compreender as infinitas regiões e comunidades do mundo, mas é ao seu lugar de origem que ela dedica uma maior atenção, guiada pelo desejo de compartilhar saberes sobre internacionalização com os paraibanos.

Em 2023, ela organizou a primeira simulação da ONU do Seridó e do Curimataú. Junto à equipe, convocou jovens de Barra de Santa Rosa, Cuité, Picuí e outras localidades no campus do IFPB onde ela estuda. As prefeituras das cidades proporcionaram ônibus para ida e regresso dos participantes. “Eles tiveram acesso a esse mundo e a novas perspectivas. Nós buscamos mudar essa ideia de que não existe um mundo pra gente, mas mostrar que existem, sim, oportunidades”.

A vida em Barra de Santa Rosa não segue o rumo agitado da cidade grande, mas por suas veredas se é capaz de alcançar o estrangeiro. Há mais de cem anos a Barra abraça a Paraíba, o Brasil e o mundo. É quinta-feira. A feira ainda perdura. As crianças e os jovens daqui provam que nem mesmo diante de um solo pedregoso eles deixam de colher sonhos, embora seja dura a realidade de muitos chãos onde pisam. Mas, quando dão asas à imaginação, conseguem ver os seus objetivos tocarem o céu.

Já em fase pré-vestibular, Eloá reflete: “eu quero um curso que me proporcione ajudar as pessoas”. Ela pensa na carreira diplomática, por meio do concurso do Rio Branco, ou em adentrar à política, com projetos que viabilizem melhorias para a população. A jovem vislumbra cursos de graduação como Ciências Políticas, Medicina ou Direito, aliando-os com o bem comum em prol do próximo. Sobretudo, ela é Eloá. Mais do que “a filha do Damon e da Sheila”, mais do que “a menina que foi para Harvard”, mais do que “cidadã santarrosense”, Eloá é a palavra revestida de autonomia, é a coragem de ser protagonista da própria história.

Coronel Arthur



*na linha de frente
do resgate*

Perfil escrito em agosto de 2024

O sentimento de alerta reacendeu preocupações no povo gaúcho entre o fim de abril e o início de maio de 2024. As incessantes chuvas que caíam pelo Rio Grande do Sul levantavam temores de uma possível nova enchente. Olhares vindos de fora do estado também intuía a tragédia que ameaçava se instalar no extremo sul do Brasil.

O Tenente-coronel Arthur Vieira, especialista na área de desastre e salvamento aquático, informou ao seu superior do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB) o que poderia se tratar da próxima Força-tarefa do batalhão: “*Comandante, a situação lá no Rio Grande do Sul é caótica, e ela vai tomar uma proporção muito maior do que a gente ‘tá’ esperando*”. Contatos com a Região Sul reafirmaram previsões. “*Se preparem, que eu acho que vai ter operação para fora*”, sublinharam as palavras do Coronel Lucas, Subcomandante-geral. Aquela seria uma das maiores missões já organizadas em toda a trajetória do CBMPB.

Na capital Porto Alegre, o nível do rio Guaíba havia alcançado 3,18 metros no Muro da Mauá em setembro de 2023. Dois meses depois, as chuvas de novembro elevaram o rio a 3,46 metros, sendo que a altura do Guaíba comumente varia em torno de 1,53 metros.

No início de 2024, ainda repercutiam os danos em decorrência dos alagamentos recentes. Até então o maior índice pluviométrico registrado na história do Rio Grande do Sul havia sido aquele de 1941, causador da enchente que ainda vagueia sobre as vias dolorosas de muitos idosos gaúchos, que guardam na memória o que presenciaram os seus olhos no tempo da infância, lembranças de um sofrimento jamais envelhecido. Há mais de oitenta anos, a água atingiu 4,75 metros na capital, deixando um quarto da população porto-alegrense sem abrigo, segundo registros da época, além de outros prejuízos ao longo de vinte e quatro dias de chuvas ininterruptas.

Mas em 2024, sob proporções ainda mais desastrosas, o Rio Grande do Sul assistiu a chegada de outra enchente, classificada pelo governo gaúcho como “a maior catástrofe

climática” da história do estado. Pela primeira vez o nível do Guaíba ultrapassou a altura dos 5 metros, chegando à marca dos 5,37 metros no dia 5 de maio.

Em 30 de abril de 2024, Eduardo Leite (PSD-RS), à frente do governo do Rio Grande do Sul à época dos temporais, solicitou apoio imediato através da sua conta pessoal no X, antigo Twitter. *“Presidente @LulaOficial, por favor envie IMEDIATAMENTE todo o apoio aéreo possível para o RS. Precisamos resgatar JÁ centenas de pessoas em dezenas de municípios que estão em situação de emergência pelas chuvas intensas já ocorridas e que vão continuar nos próximos dias.”*. Helicópteros da Força Aérea Brasileira (FAB) foram enviados para as áreas afetadas. As aeronaves auxiliaram em ações como sobrevoos e resgates de pessoas e animais.

Além das centenas de bombeiros militares do Rio Grande do Sul trabalhando incessantemente naquele cenário de destroços e crise humanitária, batalhões de todo o Brasil seguiram para o Sul assim que correram as notícias e os pedidos de ajuda. A equipe do CBMPB se mostrou bastante empenhada em servir desde o princípio. Antes de seguirem viagem, se reuniram no quartel para separar materiais, fazer manutenção em viaturas e providenciar mantimentos como água, alimentação, barracas e medicamentos, visto que a autonomia plena da operação é, para os bombeiros, uma das doutrinas de atendimento a desastres.

Em Cabedelo/PB, Lara, de apenas 4 anos, abraçou o pai Arthur Tibério de Lacerda Vieira antes de vê-lo partir em missão. Aos 42 anos de vida e somando mais de duas décadas de profissão, o Tenente-coronel Vieira foi designado Comandante da Força-tarefa que uniu outros 16 bombeiros e 2 cães de trabalho. “A gente montou tudo isso no fim de semana, naquela ânsia de sair o quanto antes. E quando o governador da Paraíba deu o sinal verde, logo pela manhã do dia seguinte, a gente saiu de João Pessoa a caminho do Rio Grande do Sul. Foram uns cinco dias de retocamento”, recorda Coronel Arthur. No dia 6 de maio de 2024, os bombeiros se despediram de suas famílias e do Quartel de origem, fazendo todo o percurso rumo a Porto Alegre/RS por vias terrestres, nas viaturas do CBMPB.

A solidariedade se apresentou como combustível para os bombeiros paraibanos, já nas primeiras quilometragens vencidas pelas estradas do Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. “Como a gente sabia que iria passar em alguns estados-chave, a gente fazia também contato com os bombeiros desses locais para a gente pernoitar. E aí é onde vem esse espírito de

Corpo de Bombeiros. Os caras, sabendo que a gente ia, desocupavam algum alojamento, ou um galpão, deixavam já pronto, tentavam prover a alimentação pra gente, apesar de não ser uma coisa obrigatória, mas essa boa vontade. Então a gente foi muito bem recebido nos quartéis nesse trajeto”. As pernoites se deram em sedes dos bombeiros nas cidades de Paulo Afonso/BA, Vitória da Conquista/BA, Belo Horizonte/MG e Curitiba/PR.

Nas paradas para refeições e necessidades básicas, os cães, fiéis acompanhantes da corporação, também se beneficiavam dos momentos de intervalo. “Eles são cães muito ativos, pela própria natureza de busca, então a gente parava, liberava geralmente num lugar com gramado, num posto de combustível. Brincávamos com eles, dávamos carinho, para alongar também com eles, tentando lhes proporcionar um maior conforto possível, e a gente via que eles ficavam sempre felizes, e graças a Deus chegaram muito bem ao destino”. E assim foram seguindo viagem, enxergando com os olhos da alma os solos dos muitos Brasis. Os condutores da viatura tratavam de dirigir com cautela para evitar danos e acidentes, vencendo quase 4 mil quilômetros de estradas que cada vez mais levavam a um cenário de dores, perdas e também esperanças.

De acordo com boletins emitidos em parceria entre a Emater/RS¹², a Ascar¹³ e a Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado do Rio Grande do Sul, uma das causas do fenômeno desastroso foi um intenso anticiclone migratório atuando no Oceano Atlântico Sul, que já era esperado na última semana de abril e início de maio de 2024. Tudo seguia normal no cotidiano gaúcho, e de repente a chuva torrencial surpreendeu a todos.

Os boletins sublinham que os sistemas meteorológicos previstos para avançarem rumo ao norte do continente sul-americano ficaram estacionados sobre o Rio Grande do Sul, ao contrário do que se esperava. Notou-se também que uma umidade vinda da Região Amazônica contornou o bloqueio e permaneceu concentrada sobre o estado, causando ainda mais instabilidades. No dia 30 de abril de 2024, o site MetSul Meteorologia havia publicado a seguinte nota: *“o bloqueio da massa de ar seco e quente no Centro do Brasil contribui para que a instabilidade fique retida na região que está entre o ar quente do Norte e uma massa de ar frio na*

¹² Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul.

¹³ Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural.

Argentina, gerando frequente e intensa instabilidade. Como o bloqueio seguirá, pode chover na grande maioria ou quiçá todos os dias no Rio Grande do Sul até 10 de maio”.

Os prejuízos de um evento calamitoso como este são incalculáveis, tornando-se árdua a tarefa de enumerá-los em escala humana, socioeconômica, ambiental e sob outras perspectivas. Nas áreas afetadas houve falta de luz, interrupção do abastecimento de água e, ante as inundações, a única forma de se locomover era através de barcos e canoas. Foram afetados 478 dos 497 municípios do estado, nas regiões administrativas de Caxias do Sul, Erechim, Lajeado, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria e Soledade.

Segundo dados da Defesa Civil gaúcha, a enchente atingiu cerca de 2,4 milhões de pessoas, deixou quase 389 mil desalojadas e levou mais de 10 mil pessoas a procurar abrigos. A tragédia resultou em um número de 806 feridos e 28 desaparecidos. 183 óbitos foram confirmados até agosto de 2024.

À 1h da manhã de uma sexta-feira, dia 10 de maio de 2024, as viaturas do CBMPB finalmente tocaram em solo porto-alegrense. Enquanto avançavam pela BR 116 em meio ao tumulto e ao caos, a surpresa percorria os olhos dos bombeiros. O silêncio, inebriado entre assombros e expectativas, foi brevemente interrompido pelas palavras de um Tenente via rádio para o Coronel Arthur Vieira: *“Coronel, parece que a gente tá indo para um cenário de Apocalipse. Todo mundo indo embora e a gente chegando”.*

Enquanto a população buscava meios de deixar a cidade e salvar a vida, os bombeiros do CBMPB faziam o percurso contrário, enfrentando os obstáculos que surgiam pelo caminho. Na contramão, a luz de muitos faróis em fuga e o incessante desejo por sobrevivência daqueles desconhecidos condutores e passageiros. À frente, uma estrada gaúcha quase que totalmente solitária e ocupada pelas cinco viaturas que partiram da Paraíba. Vias alagadas, cidades sem eletricidade à margem da rodovia, caminhos precários, bombeiros levando segurança a muitas vidas em risco.

A equipe foi calorosamente recebida em meio ao frio de inverno no número 300 da Avenida Silva Só, endereço do Quartel do Comando Geral do CBMRS em Porto Alegre. Ao serem apresentados ao Posto de Comando do Incidente, lhes foram repassadas as cidades aonde iriam prosseguir e as devidas orientações para os dias seguintes.

As bandeiras dos estados brasileiros se espalhavam sobre as janelas do batalhão. Todo o Brasil no mesmo lugar, com o mesmo propósito, forças unidas das cinco regiões do país. Eram pais, mães, filhos, filhas, irmãos, homens e mulheres de várias idades que, honrando o juramento do início de suas carreiras, não hesitaram em vestir as suas fardas e encarar uma missão árdua e desafiadora.

A dignidade da pessoa humana é um dos fundamentos que rege a alma da nação brasileira, e tal princípio consta já no primeiro dos 250 artigos da Constituição Federal de 1988. Assim, todo cidadão tem o direito de ser respeitado e protegido, independentemente de sua condição, origem, crença ou qualquer outro fator. Quando se trata de enchente, a inundação invade a essência da dignidade e desmorona sonhos e valores que levaram anos para serem edificados, e em casos mais graves, ocasiona fatalidades. Mas no vocabulário do aqui e do agora, os bombeiros se esforçam para trazer de volta o verbo precioso a pessoas vitimadas; ajudam-lhes a *recomeçar*. No silêncio de seus atos, esses anjos-fardados falam sobre uma tal dignidade a quem, tantos dias faz, já deixou de escutar sobre ela.

Entre um e outro copo de café, e mais uma alimentação simples, os paraibanos recompunham as suas energias naquela primeira noite em Porto Alegre, depois da longa viagem vencida. Orientações médicas vieram em seguida e remédios lhes foram dados, pertinentes para proteção contra leptospirose, tétano e outras doenças em águas contaminadas. Com colchonetes em mãos, os bombeiros seguiram para um ginásio nos entornos do quartel para, enfim, pernoitar. Os próximos segundos, embora contornados por um justo repouso, oscilavam entre o sonho da noite e o pesadelo de muitas famílias lá fora.

Os relatos do Coronel Arthur Vieira soam a partir da sua casa em Cabedelo, no litoral paraibano, enquanto o seu coração, na verdade, ainda sente as batidas dos dias no Rio Grande do Sul. É a história contada pelas retinas de quem viu a solidariedade e a tragédia caminharem lado a lado.

Grande número de escolas permaneciam fechadas ou com dificuldades de funcionamento. Pelos pampas, animais sem vida, incluindo bovinos, suínos e aves. Perdas incontáveis em áreas plantadas e produtos armazenados, a exemplo de arroz, feijão, milho e soja. Mercados que careciam de alimentos. Estradas em estado crítico com marcas de

erosão e outros danos. Barragens, açudes e reservatórios comprometidos. Casas de pequeno, médio e grande porte arrastadas. Prejuízos avaliados em 4,6 bilhões de reais para o estado e cerca de 78% de terras gaúchas afetadas.

Muitas falhas foram observadas nas políticas de planejamento urbano e econômico do Rio Grande do Sul, mostrando quão iminentes eram os riscos de uma nova enchente e quão escassas eram as estruturas do estado para enfrentar fenômenos climáticos mais intensos. Na capital, uma linha de defesa ao longo do lago Guaíba e do rio Gravataí, inaugurada nos anos 1970, trouxe esperança à população de Porto Alegre na proteção contra alagamentos futuros. Mas em 2024, a estrutura mostrou quão frágil estava. Em consequência da falta de manutenção em uma de suas comportas e casas de bombas, este Sistema de Proteção Contra Cheias - composto por 68 quilômetros de diques, 14 comportas e 19 casas de bombas, além do Muro da Avenida Mauá, com 2.647 metros de comprimento e 3 metros de altura - não resistiu à pressão da água e não conteve as históricas inundações que invadiram a cidade de Porto Alegre no primeiro semestre do ano.

No dia 11 de maio, os bombeiros da Paraíba seguiram para a área de trabalho localizada nos municípios de São Leopoldo/RS e Novo Hamburgo/RS, na região do Vale do Rio dos Sinos. Ali, enquanto organizava o material da operação e preparava a instalação de um almoxarifado da Força-tarefa, o Coronel Arthur Vieira reencontrou amigos de profissão de todo o país, estes que havia conhecido em cursos realizados na área de desastres, um grupo que ele define como “uma grande família, empenhada em algo maior: salvar vidas”.

Já se passaram dois meses da *Operação RS*. Na sala da residência do Coronel Arthur Vieira, em Cabedelo/PB, o som dos relatos divide espaço com o ruído - às vezes inexpressivo, às vezes bradante - das obras de novos edifícios que se erguem sobre os terrenos lá fora. A especulação imobiliária ganha força por esses arredores. A ensolarada manhã de céu azul e a praia, a poucos passos dali, iluminam esta quinta-feira de agosto.

O almoço é preparado na cozinha pelas mãos de Dona Edinalva, mãe do Coronel, e por algumas outras mulheres da família. Os aromas da Paraíba correm pelo ar, enquanto reverberam as recordações nas quais o Rio Grande do Sul também é protagonista. O

homem de 1,89m de altura que traz essas lembranças carrega no fardamento cor bege claro a bandeira do estado da Paraíba e o símbolo do Corpo de Bombeiros.

Em maio, os 17 bombeiros paraibanos e as 2 cadelas de trabalho se dividiram em dois grupos operacionais, que se alternavam em dois turnos de trabalho, na Equipe Alfa, Equipe Bravo e a Equipe K-Sar, formada por dois binômios, que por sua vez são compostos, cada um, por um bombeiro militar com treinamento específico em cinotécnica (cães de trabalho) e por um cão treinado para busca e resgate. Além de São Leopoldo e Novo Hamburgo, as equipes também foram designadas para a cidade de Encantado e outras partes do Vale do Taquari. Com o auxílio de cinco viaturas e três embarcações, as ações realizadas pelo grupo envolveram uma recuperação de corpo, 13 resgates de pessoas, 42 resgates de animais e 127 vítimas assistidas. Os binômios se responsabilizaram pelas buscas em áreas de deslizamento.

A tragédia veio de forma silenciosa e obrigou o humano e o desumano a andarem juntos. O humano se manifestava em ações de solidariedade, em empatia, em atitudes de nobreza. O desumano assistia o apedrejamento da dignidade. Viu a desigualdade social ganhar corpo, quando uns tinham mil saídas à frente e outros acabavam por ficar sem chão. O desumano constatou que, enquanto manifestações de apoio vinham do lado dos que também se identificavam com a dor de um próximo que sofria com mortes, perdas, angústias e dificuldades, na outra margem a indiferença esfriava a compaixão de muitos sujeitos e propagava a banalização da calamidade. O desumano falou ainda sobre rupturas forçadas entre laços humanos e lembranças, sobre sentidos que tomaram outros rumos, sobre passados que seguiam o curso natural da vida e que, de repente, foram arrastados pela enchente. Assim, sem avisar.

Manter o próprio corpo imerso nas águas gélidas das inundações por várias horas e atravessar ruas alagadas configurou-se como um dos maiores desafios de resistência para os bombeiros do CBMPB, em meio a temperaturas que beiravam os 6 °C pela manhã. Diante do caos climático e do sofrimento do outro, os agentes de resgate sempre priorizavam as pessoas, mesmo diante das suas maiores necessidades pessoais. Nos instantes em que o restante do Brasil ainda despertava para mais um dia de rotina, a saga cotidiana dos bombeiros já estava em execução sob os ares da manhã, nos caminhos entre o insólito e o imprevisível.

Os olhos do coronel paraibano viram de perto a força que emanava do povo gaúcho, atrelada à capacidade de reconstrução, à resiliência, à organização e aos gestos de gratidão que eles, de alguma forma, queriam dedicar aos bombeiros. Entre uma e outra rua e entre ocorrências de distintos graus, o Coronel sempre ouvia um: “Bombeiro, toma aqui um chimarrão para esquentar”. Assim como a quentura do chimarrão, os corações dos gaúchos se mostravam abrasados com a vontade de reerguer o seu estado em meio aos destroços.

Uns limpavam e organizavam em um lado dos galpões, enquanto outras dezenas de pessoas separavam materiais, preparavam refeições e marmitas, entregavam donativos e se dedicavam a várias atividades, tudo de forma voluntária. “Apesar de a gente ter levado toda a nossa alimentação própria, a gente mal utilizou. A gente recebia as marmitas também, e sempre com mensagens para as equipes: *'obrigado por terem vindo'*, *'nossas orações estão com vocês todas as noites'*, *'boa sorte nas operações'*, e isso escrito à mão”.

Enquanto as equipes do CBMPB se focavam nas buscas e salvamentos, outros grupos e instituições gerenciavam as ajudas humanitárias. Doações chegavam de várias partes do Brasil e até de outros países, grande parte delas em caminhões repletos de toneladas de cestas básicas, roupas, pacotes de água mineral, materiais de higiene pessoal e de tantos outros itens. A solidariedade foi de encontro aos gaúchos, partindo de quem encontrou nas doações uma forma de demonstrar afeto e altruísmo.

A voz da experiência do Coronel o impelia a seguir procedimentos que priorizavam o pensamento lógico na maioria das vezes, ao invés de apenas considerar as recomendações dos protocolos para zonas afetadas, pois, de certa forma, cada caso é único e particular. E foi a partir de um discernimento que o bombeiro decidiu, logo em uma das primeiras ocorrências, manter uma família unida, quando, de acordo com as normas existentes, o núcleo familiar deveria ser separado. “Quando eu cheguei lá, tinha crianças: um bebê de 10 meses, outra de 4 anos e outra maiorzinha, de 8 anos, e essa senhora ‘tava’ grávida, e a família toda lá nessa casa. Eu olhei assim: ‘como é que eu vou pegar essa família e colocar no abrigo, e aí eu vou separar as crianças, vou separar a mãe do bebê e vai ficar toda fragmentada essa família?’”, recorda o Comandante da Força-tarefa.

Em cenas de salvamentos nas quais crianças estavam presentes, não havia bombeiro que não se emocionasse, principalmente aqueles que eram pais e mães e que lidavam

diariamente com a saudade dos filhos. Os olhos do Coronel marejaram de comoção principalmente quando ele percebeu que a idade da menininha resgatada era a mesma da sua pequena Lara: 4 anos. “Você se coloca no lugar daquela família e projeta os seus filhos naquelas crianças”.

A partir deste episódio, um dos muitos vínculos entre os bombeiros e as pessoas atendidas se formou. Ao passarem por aquela região, adultos e crianças lhes cumprimentavam com um aceno de longe. Detalhes singulares da missão que fazem toda a diferença. “As pessoas pensam que a gente vai lá, resgata, tira, salva e vai embora, e é mais do que isso. Se cria uma história. São várias micro histórias durante uma operação dessa”.

O Coronel Arthur Vieira fez da sua conta no Instagram um canal de comunicação com internautas. A iniciativa veio por meio de um pedido de autoridades paraibanas antes mesmo de ele se encaminhar ao Rio Grande do Sul. “*Vieira, a gente precisa saber das coisas. Eu sei que ‘tá’ em operação, mas pelo menos umas duas vezes por dia, você dá um feedback pra gente através das redes sociais*”. A receptividade do público com as publicações revelou o interesse coletivo em acompanhar os bastidores dos resgates, com grande número de seguidores da Paraíba.

No dia 15 de maio de 2024, um dos vídeos publicados pelo coronel alcançou mais de 28 mil visualizações. Se tratava do resgate de uma égua que, há dez dias, estava presa no 3º andar de um prédio em uma área alagada em São Leopoldo, de acordo com o síndico do local, e que foi salva com segurança um dia antes, depois de uma operação que durou sete horas. O Coronel Vieira fez parte dessa ação, junto a bombeiros da Paraíba, do Rio Grande do Sul e de outros estados. Veterinários acompanharam os militares e deram a confirmação de que o equino se tratava de uma égua, e não de um cavalo como se acreditava inicialmente.

“Já tinha aeronave passando, filmando ao vivo. A gente fez o cálculo, passou o cabo de um lugar para outro, chamamos os veterinários para sedar o animal e fazer as amarrações devidas. Ele já ‘tava’ debilitado, desidratado, aí não tinha como pegar na veia as medicações para anestesiá-lo e para sedar, e a dose não poderia ser alta porque ele ‘tava’ debilitado e podia matar ele. Então foi um cálculo gigantesco, e ele quase derruba a parede. Colocamos o equino pra janela, suspendeu um pouquinho e saiu na tirolesa. Foi um sucesso, e o animal foi para um local de tratamento lá em São Leopoldo”. Um caso semelhante a este havia

sido registrado dias antes, quando o cavalo Caramelo foi resgatado em Canoas depois de permanecer quatro dias ilhado em cima de um telhado.

À distância, milhares de pessoas acompanhavam as publicações. No perfil, a positividade e o otimismo das dezenas de mensagens que chegavam eram tão genuínos que ultrapassavam a barreira das telas e se materializavam em sorrisos nos rostos dos membros do CBMPB.

Eram palavras de incentivo, pedidos de orações e novenas feitas em intenção dos agentes de resgate e das vítimas, áudios de crianças admiradas com o exemplo dos bombeiros e que eram enviados pelos pais destas, e um tanto de outras mensagens que transmitiam carinho. “Esse interesse do povo de estar por dentro do que acontecia e de participar, mandando uma energia positiva, para mim foi um impacto. Eu não sabia que teria essa relevância toda”.

As cenas das operações espelhavam cidades completamente submersas. À vista, os telhados das casas inundadas. As embarcações ziguezagueavam veredas de água onde, semanas antes, eram ruas transitáveis e cheias de moradores, veículos e animais. O som dos apitos. Os acenos das vítimas. Diálogos entre o coronel e uma pessoa o levam a mais uma ocorrência.

- “O pai de uma mulher ‘tava’ desaparecido e foi encontrado”, diz a voz gaúcha.
- “Você sabe onde é que fica a casa deles?”, pergunta o bombeiro.
- “Sei!”.
- “Então vamos lá!”.

Estando à porta do que restara da residência, uma mulher ecoava o seu choro de profunda dor, e que já podia ser ouvido a alguns metros de distância.

- “Aquele que ‘tá’ ali na frente, chorando, é a filha da pessoa que ‘tava’ desaparecida, e ela acabou de ver que ele ‘tá’ morto lá dentro, no quarto dessa casa”, informou o cidadão que serviu de guia.

Entre a água e vários sedimentos, muitas eram as dificuldades de acesso até o corpo do idoso. Uma janela foi arrombada para maior visibilidade do cômodo, e veio a

comprovação de que o corpo realmente estava lá dentro, já em fase de decomposição e com sinais de bastante inchaço. O Coronel Vieira dirigiu-se à filha do falecido:

- *“Olha, de fato, há uma pessoa ali. Provavelmente é o seu pai, pelas características que você falou. Mas eu posso fazer um pedido a você?”.*

- *“Pode!”*, respondeu a filha, aos prantos.

- *“Eu queria que você não visse a retirada desse corpo aqui, porque tem que retirar por cima da água, não tem como retirar de outra forma, e eu não queria que você tivesse a última imagem do seu pai com essa cena que pode ser presenciada aqui”.*

As lágrimas da mulher se intensificaram. Seu esposo se aproximou, em sinal de consolação, e juntos seguiram para o local de atendimento do IML - Instituto Médico-Legal, onde estava menos alagado. Momentos depois, já diante do falecido, os familiares choraram copiosamente, ao mesmo tempo em que, vestida de alívio, uma triste felicidade ia de encontro a eles: a de poder prestar um digno velório ao corpo que fora encontrado.

Em meio aos sofrimentos que inundavam as almas dos filhos das terras sul-rio-grandenses, ainda era preciso se proteger contra os perigos iminentes que poderiam atingir o corpo. “Na água contaminada existe uma bactéria de altíssimo risco para o ser humano, e ela fica em contato com cadáveres. Se você entrar em contato com uma via aberta, pode ser mucosa, ou olho, a boca, ou uma ferida, essa bactéria vai contaminar e vai deixar o seu organismo todo putrefato. Então é muito perigoso, e a gente tem que se expor de alguma forma. Colocamos luvas, amarramos, com todo jeito, para tirar esse corpo, e levamos para o local”, as memórias do Coronel Arthur Vieira guardam o quanto a fragilidade humana era visível em todos os cenários daquela tragédia.

Contratempos também visitaram os bombeiros do CBMPB. Durante uma atividade de resgate de animal, o Tenente Carvalho sofreu uma queda do pavimento superior, caindo sobre uma lixeira que estava parcialmente submersa. Ele sofreu uma lesão leve no peito e no joelho esquerdo, o que o levou a ser dispensado das atividades de salvamento no dia seguinte. As devidas medicações lhe foram prescritas por uma equipe médica e, após o período de repouso, o militar apresentou uma boa recuperação e pôde retornar às suas funções.

Ao final da operação, os bombeiros do CBMPB constataram bons resultados com o apoio institucional dado ao Rio Grande do Sul. A interação com outras Corporações do Brasil agregou novas experiências e vínculos para os membros da Força-tarefa, o acolhimento do povo gaúcho deu à missão um caráter muito mais humano e solidário, a instalação de um sistema de comando de incidentes permitiu uma melhor andamento para a operação e o sentimento de dever cumprido guiou os dezessete paraibanos de volta ao seu estado de origem.

“Na mitologia, a fênix morre, mas ressurge das cinzas, e a cada tragédia os corpos de bombeiros se fortalecem”, sob esta analogia o Coronel explana que, a partir da operação no Sul do Brasil, a Liga de Comandantes Gerais dos Corpos de Bombeiros deu início à preparação de um protocolo de acionamentos de bombeiros em caso de novos acidentes. Como vice-presidente da referida comissão, o Coronel espera que se tenha uma resolução melhor e mais rapidez no acionamento dos agentes para possíveis tragédias futuras. “As equipes estarão muito mais preparadas, porque investimos em materiais, em treinamentos e em tudo, pra que isso vá para frente. Então, apesar da tragédia, a gente vê que há uma melhoria nos serviços que serão prestados”.

17 de maio de 2024. 5h50. O amanhecer de mais uma sexta-feira assistiu a saída das equipes do CBMPB do Quartel do Comando Geral em Porto Alegre. Na garupa das viaturas e nos caixotes dos corações paraibanos, as lembranças, os abraços, as despedidas, os aprendizados e os anseios por reencontros nordestinos com aqueles que há tantos dias não viam. Diante dos fatos, certamente “a maior catástrofe climática do Rio Grande do Sul” é um desses eventos que não podem jamais ser esquecidos e nem relegados à gaveta do isso-não-irá-acontecer-mais.

Certa vez, em uma de suas postagens, o Coronel propagou a seguinte frase: “*se quiser chegar rápido, vá sozinho, mas se quiser ir longe, vá em grupo!*”. Sob o espírito de coletividade e de um desejo voluntário de ajudar o próximo, centenas de outras pessoas da Paraíba inclusive se candidataram para servir nas operações de salvamento no Sul, mas por se tratar de uma missão de alto risco e pela falta de recursos para esses cidadãos em ações de resgate, se tornava inviável, naquele momento, contar com quem não fosse membro do Quartel do CBMPB. “O combustível da gente foi saber que estávamos fazendo algo em prol de alguém e que as pessoas reconhecem isso”.

Ao passarem em terras pernambucanas, as viaturas que partiram do extremo sul do Brasil já se avizinhavam da Paraíba. Ali, em meio às paisagens da BR 101, um telefonema conectou os bombeiros à calorosa recepção que os aguardava em seu estado-casa. A surpresa foi quando lhes disseram: *“o vice-governador quer receber vocês, além dos familiares de cada um e de toda a gente”*. Às 15h do dia 21 de maio, os bombeiros finalmente chegaram ao Quartel do Comando Geral do CBMPB, em João Pessoa. Naquela terça-feira, o rosto e o sotaque da Paraíba mais uma vez se tornaram palpáveis aos seus olhos, ouvidos e corações. A acolhida contou com a presença de autoridades, veículos de imprensa, parentes, apresentações musicais e muito mais, em uma tarde repleta de gratidão.

“Essas glórias não devem apenas ser direcionadas para o Corpo de Bombeiros, mas muita gente também merecia, e eu acho que esses anônimos foram esquecidos. Deveria alguém colocar uma luz sobre eles. Tinha pessoas lá que eram voluntários, que trabalhavam na cozinha, na limpeza, outros que carregavam materiais, outros que faziam contato com alguém. E na Corporação, lá não tinha esse negócio de soldado e coronel, era todo mundo bombeiro do mesmo jeito”, explana o Coronel Vieira.

Dos 17 bombeiros militares presentes na Força-tarefa, oito apresentaram alterações clínicas em exames, com indicadores de possíveis infecções. Eles fizeram uso da medicação prescrita por sete dias, a qual também foi recomendada para os demais militares, mesmo estando assintomáticos, como forma preventiva. Alguns se queixaram de problemas dermatológicos, a exemplo de manchas e coceiras, por conta da exposição a águas contaminadas, também recebendo o devido tratamento médico.

“Nós tivemos três operações: a de preparação, a de deslocamento e a de operar lá, e depois o retorno e a desmobilização. Ao chegarmos aqui, tive que reparar material e fazer um relatório. Então a operação não começa quando a gente chega lá, é muito antes e só termina muito depois”. Entre os pontos positivos do relatório que o coronel preparou, constam: contatos prévios que foram realizados pela Corporação para possíveis pontos de parada durante o itinerário; apoio institucional à distância de vários setores da Paraíba; diversidade de especialistas que compuseram a Força-tarefa; e disponibilização de dois motoristas para serviço exclusivo de condução de viaturas. Nos aspectos a serem melhorados, ele cita: uniformes de padrões diferentes ou desgastados (sobretudo os uniformes de neoprene); necessidade de aquisição de barracas coletivas e individuais;

necessidade de aquisição de pontos de internet satelital; e implementação de acompanhamento psicológico pré e pós-missão para todos os membros da Força-tarefa.

Apesar de uma nomenclatura semelhante, bombeiros militares e civis possuem atribuições diferentes. O pai da Lara explica que o bombeiro civil se concentra em ações de prevenção, combate a incêndios e primeiros socorros, em ambientes particulares em que são contratados para exercer estes trabalhos. O bombeiro militar, por sua vez, é um servidor público concursado que age em urgências e emergências, sob vínculo com o seu estado e a Pátria. Enquanto o bombeiro civil é remunerado por instituições particulares, o bombeiro militar, por sua vez, tem o salário repassado pelo Estado. O Coronel Arthur Vieira menciona que ambas as modalidades beneficiam muito a sociedade.

Cada bombeiro conduz a sua própria história, escrita nas linhas de um sonho que se tornou realidade. Por trás de cada fardamento, ressoa a essência de homens e mulheres com sede de sucesso em todas as suas missões, profissionais que lidam com a pressão de não errar jamais, porque até o menor dos equívocos, para eles, pode ser fatal.

A decisão de formar-se bombeiro apareceu fardada nos objetivos do jovem Arthur há 25 anos. De início, Francisco Vieira de Freitas, para os de casa, ou policial militar Vieira quando estava no exercício das suas atividades, acreditava que o filho Arthur iria seguir a mesma carreira que a sua. Ele não se tornou policial igual ao pai, mas herdou o nome do seu genitor e o homenageou nas letras do seu nome de guerra: Coronel Vieira.

“Quando você tem um pai, alguma coisa ele deixa, umas migalhas ali para você seguir um caminho, e geralmente ele tenta convencer de forma - vamos dizer silenciosa - as suas decisões no futuro. Então geralmente você se inspira no pai. E quando foi chegando na época de terminar o Ensino Médio, por volta do ano de 1999 para 2000, e meu foco era o CFO – Curso de Formação de Oficiais”. Nos interiores da casa de Cabedelo, se ouve o ressoar da saudade nos membros que a ocupam, mas também se nota a alegria pelo legado deixado pelo senhor Francisco Vieira, que faleceu em 2023.

Ao entrar no Quartel do Comando Geral para inscrever-se no cargo de policial militar, Arthur se deparou com uma frase: “seja oficial!”. De um lado do panfleto, a foto de um policial, de outro, a de um bombeiro. “Quando eu olhei para a foto onde tinha os bombeiros, tinha um cara lá mergulhando, fazendo rapel, saltando, tudo que eu gostava.

Fiz a inscrição para bombeiro. Cheguei em casa, meu pai perguntou: 'e aí, fez a inscrição?'. Eu disse: 'fiz, mas deixa eu dizer um negócio: eu fiz para bombeiro'. Ele: 'pra bombeiro? Meu Deus! Bombeiro é perigoso. Tem certeza?'. E depois foi 'caindo a ficha' dele". Pela primeira vez a formação para novos oficiais bombeiros da Paraíba não seria realizada fora, em lugares como Distrito Federal ou Rio de Janeiro, mas sim nas próprias terras paraibanas. "Graças a Deus, eu passei de primeira", celebra Arthur.

Ser "o mais novo" ao longo do progresso profissional foi uma característica que acompanhou Arthur por muito tempo: o oficial mais novo a passar no CFO, o tenente mais novo, o capitão mais novo, o major mais novo, e só não foi o tenente-coronel mais novo do CBMPB porque a sua promoção levou um pouco mais de tempo. "Eu digo a muita gente: eu tenho a sorte e a felicidade de ter a profissão dos sonhos, que muita gente talvez tenha frustrações porque precise fazer algo que seja remunerado, mas que não goste. Então eu tenho a sorte de fazer algo que eu gosto e ser remunerado por isso, e não me imagino fazendo outra coisa".

Sob uma formação sólida, com graduação em Direito, pós-graduação em Educação e mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, o paraibano acumula um currículo de vastas experiências. Dentre estas, uma das mais marcantes foi a de integrar a equipe da Força Nacional por cinco anos, participando de operações em várias partes do Brasil. "Eu conheci a Amazônia, o Centro-Oeste, o Sudeste, o Sul. Se eu não tivesse no corpo de bombeiros, eu nunca iria poder salvar uma pessoa dentro de uma aldeia indígena, por exemplo. Então eu sou muito grato, e por causa dessas operações, eu tenho amigos no Brasil inteiro".

O conhecimento do militar sobre procedimentos de salvamento aquático vem sendo compartilhado na prevenção contra afogamentos. O Projeto Surf Salva é uma iniciativa da Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático - SOBRASA, que ensina técnicas básicas de resgate e primeiros socorros a surfistas e pessoas com experiência em nado marítimo, cujo início se deu no Rio de Janeiro, na década de 1980.

Na Paraíba, o Coronel é um dos instrutores do Projeto, e inclusive vidas já foram salvas graças às orientações repassadas nas aulas. "Duas semanas depois, um colega meu falou: 'Vieira, aquele treinamento, você não sabe quanto foi importante. Meu menino caiu

na piscina e eu resgatei ele, e fiz o procedimento, e se eu não tivesse aquele conhecimento, talvez meu filho tivesse morrido'. Então são essas coisas que mostram que aquele conhecimento multiplicou e vai salvar vidas em escalas geométricas”.

Os desfiles de 7 de setembro se aproximam. Para os bombeiros do CBMPB, o Dia da Independência costuma ser marcado por um contato mais de perto com o público, por uma infinidade de aplausos e por olhares de admiração que, sobretudo, vêm das crianças. O Coronel também se prepara para ministrar, em breve, uma série de treinamentos nas terras paraibanas, em temáticas de desastres, voltados a pessoas de todo o Brasil. Nessa perspectiva, ele destaca a relevância que a Paraíba tem tido no cenário nacional, sendo referência em cursos de salvamento, e frisa a competência dos profissionais do estado.

Na obra *Os sertões*, de 1902, Euclides da Cunha grafou uma de suas mais célebres frases: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. E se há um substantivo que representa o Coronel Arthur Vieira é o de “sertanejo”. “A quem pergunta, eu digo: ‘vá conhecer, para você entender o que é o Sertão”.

Natural de uma família enraizada no Sertão Ocidental da Paraíba, Arthur e grande parte dos seus parentes nasceram em Catolé do Rocha. Até hoje, ele, a mãe e os irmãos mantêm um vínculo afetivo com a cidade de origem, mesmo depois de tantos anos da mudança para a zona metropolitana de João Pessoa, quando Arthur ainda estava na fase da adolescência.

“A cultura sertaneja é aquilo do honrar o que se diz, de cumprir até o fim, de estar muito junto da natureza. Eu acho que minha filhinha herdou isso no DNA; ela não tem medo de bicho nenhum, gosta de cavalo, de boi, de galinha, porque geralmente criança tem muito medo. Nesse último São João, eu fui com a minha filhinha para o interior. A gente vivenciou isso de fazenda, açude. Essas raízes e esse respeito às origens são importantes”. No correr dos dias ligeiros, o tempo presente evoca, para Arthur, a necessidade de viver a plenitude da vida.

No peito, Dona Edinalva carrega uma medalha de Nossa Senhora de Fátima. Tendo dado à luz três filhos homens, e ao lado do esposo Francisco, o lar da mulher de Catolé do Rocha sempre esteve repleto de presenças masculinas e de tradições sertanejas. “Ela é a parte mais acolhedora, que dá liga à toda família. Ela dá o ritmo das coisas dentro de casa,

então eu sou muito grato a ela. E quando eu ia para essas missões, eu sempre entrava em contato com a minha mãe. Ela dizia: 'cuidado! Eu sei que você gosta do que você faz, mas tenha cuidado!'. Mãe é mãe, né?", comenta o filho bombeiro.

A força que emana da Paraíba sempre acompanha o Coronel Arthur Vieira, ou simplesmente Arthur para os de casa, no coração, na bandeira do fardamento, em seu sotaque ou em relatos que falam de um estado onde brotam frutos de bravura. “Se eu tivesse me limitado ao pensamento de que eu vim do interior da Paraíba, do Sertão, eu nunca faria parte de uma equipe de busca de referência no cenário nacional. Quando as pessoas nos recebiam lá no Rio Grande do Sul, ficavam felizes quando dizíamos que éramos da Paraíba, e a gente logo recebia um abraço. Então é preciso ter altivez, falar: 'sou da Paraíba, vim aqui para ajudar e vamos fazer o nosso melhor'. Acho que é esse o recado maior que eu dou: acreditar no seu potencial e buscar os seus sonhos, que é muito possível, e é isso que eu desejo para todo mundo”.

O pequeno Heitor Vieira, de apenas 4 anos, acaba de chegar da escola e, à luz dos seus sonhos de criança, diz que quer ser policial e bombeiro ao mesmo tempo. Em busca de novos saberes, o sobrinho do Coronel Arthur pergunta ao repórter “o que um jornalista faz” e “se o jornalista se veste com roupa de bombeiro”. Heitor é a prova de que é possível deixar um legado para as gerações futuras, em forma de inspirações semelhantes às aquelas que o sertanejo Francisco transmitiu ao filho Arthur.

Adriana



*Paraíba e Suíça em
ritmo de São João*

Perfil escrito em setembro de 2024

Pelos ares francófonos de Genebra, os respingos de uma chuva de fim de setembro e as palavras nativas seguem, em dupla, passos de uma valsa com semblante de outono suíço. *Salut. Merci. Voilà. Bonjour*¹⁴. Em dias nublados como esse, o Relógio de Sol, a poucos metros do Jardim Inglês e do Relógio de Flores, consegue uma folga do seu trabalho corriqueiro.

Hoje não há um raio de sol sequer nesse pedaço de Suíça, cujos contornos geográficos desembocam nos limites fronteiriços com o leste da França. O astro talvez tenha se recolhido para aqueles lados do país onde os chalés se emolduram pelos alpes. Uma vez que não haverá luz e nem sombra para cobrir a exatidão das horas, na manhã deste 26 de setembro de 2024 o *Cadran Solaire* apenas cumprirá o seu papel de ponto turístico.

C'est la vie, e essa é a vida de uma mulher cujo interior transparece o brilho de um sol de gratidão pelos bons momentos e de uma força nascida das situações difíceis. Essa é a vida de quem percorre a própria trajetória em quaisquer estações, as do tempo, as dos anos, as que levam e trazem rostos de todas as partes do mundo.

Bagagens munidas de diferentes itens, mas todas elas, sobretudo as do coração, com um pertence em comum. Há uma meta de vida bem embrulhada ali entre os compartimentos, para que nem os obstáculos da viagem ameacem atingi-la. Seja homem, mulher, gente do Ocidente ou do Oriente, os que desembarcam nos chãos da Suíça geralmente chegam acompanhados por essa profunda e imperscrutável vontade de vencer no pódio de um sonho pessoal.

Essa é a vida de Adriana Bischofberger. Há 35 anos, ela atravessou o Oceano Atlântico, cruzou as linhas da Europa pela primeira vez e pousou em territórios suíços. Essa é a história traçada na linha do tempo de uma menina de 15 anos de idade que, em 1989,

¹⁴ As expressões mencionadas em francês podem ser traduzidas como: “olá”, “obrigado”, “veja lá”, “bom dia”.

partiu do Brasil e, hoje, aos 50, ainda conserva um dos maiores tesouros da sua essência: a Paraíba.

“Da Paraíba, eu carrego muitas lembranças. Aquela vontade de comer rapadura, chupar aquele caju...”, a felicidade das memórias transborda na paraibana em forma de sorrisos. “Muita coisa boa, graças a Deus. E eu sinto muita saudade, mesmo que aqui seja um país de primeiro mundo e ainda que eu tenha mais anos na Suíça do que no Brasil, mas nunca vai ser minha casa de verdade, porque a Paraíba ‘tá’ aqui guardada no meu coração, e sempre vai estar, em qualquer lugar desse mundo onde eu estiver”.

O verão despediu-se da Suíça no começo desta semana. Decidiu continuar a vida em outra parte do planeta, mas ano que vem estará de volta. Em sinal de consolação, incumbiu o sucessor para a missão de gerir o clima por aqui: o outono, esse andarilho que já começa a deixar pegadas de tons amarelados nas folhas das árvores.

A temperatura vai gradativamente diminuindo com o passar dos dias. Nesse exato instante de quinta-feira fazem 9°C. Pelas ruas, os suíços e quem mais está por aqui se mostram adeptos às modas da nova estação, protegidos contra os ventos frios em suas jaquetas acolchoadas.

“*C’est la vie*”, anunciam os ciclos das estações. Essa é a vida de folhas que formam tapetes vistosos quando caem sobre as veredas de Genève e a vida de outras semelhantes folhas que, na primavera, florescerão nos galhos com a feição do recomeço. Essa é a vida de pessoas atreladas a ciclos e a mudanças, ao novo, à própria feição do recomeço. A vida de uma mulher cujo nome de batismo é Rossila, criada no bairro Centenário, na cidade de Campina Grande, no interior da Paraíba. A Rossila da Silva Bischofberger que, já desde os tempos paraibanos, todos conhecem como Adriana.

Essa chuva de setembro faz lembrar o bom temporal que banha os solos da Paraíba no mês de junho, em período de São João, que agracia desde as terras mais férteis até as mais semiáridas com gotas de esperança. É a chuva leve de ventos fortes a que corre hoje em Genève, criando o cenário da conversa que passeia entre a voz do presente e a do passado, permitindo que a língua portuguesa seja a protagonista por alguns minutos em uma região onde o francês tem permissão de circular em todos os lugares. E não é qualquer português. É o falar da Paraíba.

“Nunca me ocorreu de pensar: ‘vou embora de Campina Grande’. Na época, eu tinha uma irmã que morava em São Paulo, e meus pais até foram visitar ela. As coisas aconteceram assim: conheci um rapaz, também paraibano, que era um jogador profissional de futebol. E aí, *voilà*, me apaixonei, as coisas foram acontecendo, e pronto, caí na Suíça”. A carreira internacional do companheiro da época já acontecia desde 1981 pelos campos e estádios suíços.

Sozinha em um voo internacional, Adriana observava, com certa timidez e receio de fazer perguntas, a forma com a qual as pessoas se comportavam no avião. Ela perscrutava os gestos, as atitudes, a forma de falar, a fim de repetir tais hábitos. A começar pelo jeito correto de colocar o cinto. Voo direto para a Suíça era raridade há 35 anos. Durante muito tempo, Portugal foi a sua porta de entrada na Europa.

Assim que chegou em solo português, Adriana começou a enxergar paisagens diferentes e a escutar novas expressões, apesar de a língua ser a mesma. Naquela noite de 1989, um taxista havia sido contratado para fazer o seu traslado do aeroporto até o hotel, onde a paraibana pernoitaria antes de tomar o próximo voo, rumo ao destino final. Providências estas organizadas à distância, pelo parceiro paraibano.

“Uma coisa que me aconteceu, muito engraçada e que ficou marcada em mim até hoje”, Adriana ri. “O senhor português que foi me pegar no aeroporto para fazer o traslado para o hotel, com aquela história de: *'rapariga, estás a chegar!'*, eu não levei muito na brincadeira e falei: 'você *tá* me chamando de quê, moço?'. E aí, ele se explicou, 'desculpa, senhorita, porque é verdade que *rapariga* no Brasil é *mulher da vida*, aqui não é isso, não me leve a mal', e foi aí que eu comecei a entender, mas nem isso eu sabia o significado na época”.

O número de brasileiros residentes na Suíça em 2023 foi estimado em cerca de 64 mil pessoas, segundo um relatório do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Mas assim que iniciou a sua vida no país, Adriana afirma que “se contava nos dedos” a presença de brasileiros imigrantes. Hoje em dia, no entanto, encontrar conterrâneos e diferentes brasilidades por toda a Suíça é bastante comum para Adriana. Inclusive enquanto partilha as suas recordações, ela avista uma amiga brasileira em um centro comercial de Genebra.

“O que foi difícil para mim foi a alimentação, acostumada com a comida forte nossa, com arroz, feijão e farinha, tudo misturado. Aqui é tudo separado. Primeiro é uma entrada, salada. Depois é aquele prato de batata frita ou batata, verdura, legumes cozidos com um pedaço grande de bife”. Por conta da saudade da família e por sentir falta dos alimentos da sua terra, Adriana costumava viajar ao menos duas vezes para o Brasil em seus primeiros anos na Europa.

“Era igual quando o pessoal saía de ônibus da Paraíba para São Paulo. Eu fazia do mesmo jeito, só que eu vinha pra Suíça, com tudo que eu tinha direito. A gente tinha direito a duas malas de 32 kg na época. Era cuscuz, feijão, carne de charque, carne de sol, *eiche*, tudo. Fruta também. Goiaba, que eu não achava aqui, eu queria trazer”. Com o decorrer dos anos, o Brasil assistiu a sua vitória na Copa do Mundo de 1994 e na de 2002, e ainda viu alguns dos seus produtos pousarem em maior quantidade nas prateleiras da Suíça e de muitos outros recantos internacionais.

Hoje Adriana praticamente não precisa trazer tantos alimentos da sua terra na bagagem. Por aqui ela já encontra cuscuz, inhame, doce de goiaba, requeijão e outras comidas que fazem um brasileiro feliz em ninhos estrangeiros. É como entrar em um paraíso de tesouros gastronômicos, ou descobrir um oásis em meio à vontade pelo gosto de casa, que vez em quando bate às portas do coração.

Adriana também recorre aos comerciantes portugueses, que ultimamente têm preenchido as suas mercearias em Genève com produtos brasileiros. “A Suíça é o país do queijo. E eu também amo o queijo de manteiga e o queijo coalho lá da Paraíba. E para matar a saudade do queijo coalho, eu como o queijo feta, que é grego e com leite de cabra, e parece muito com o queijo coalho da gente”.

Além da adaptação alimentar na Suíça, ainda havia uma grande barreira na familiarização com o país. Entre um e outro novo vocábulo de francês, Adriana enfrentava, com confiança, o desafio de aprender o novo idioma.

Engraçado mesmo foi aquele dia no estádio, em que um sujeito disse a palavra esquisita. Na arquibancada, ela acompanhava, como de costume, os treinos do jogador paraibano. Bastou uma cena inusitada para a gargalhada se espalhar pelos ares. O homem não parava de falar disso e a campinense não conteve o riso. “Como eu não entendia o

francês, então *com* aqui é pescoço. Um homem começou a dizer que estava doendo o *com*, e eu pensei que ele estava falando do 'trem' dele. E eu só ria. Depois o outro jogador, que era espanhol, veio me explicar: 'isso quer dizer que é aqui no pescoço que 'tá' doendo, Adriana, por isso ele não jogou hoje'. Eu acho que quase todos que vêm por aqui pagam um mico, né?'".

Agora em setembro, Adriana vive os últimos dias de férias do seu trabalho como assistente educacional em uma instituição administrada pelo governo suíço. Tempo a mais de qualidade para aproveitar a companhia dos filhos, que nasceram na Suíça.

As palavras falam sobre a alegria de ser a mãe do Brian, de 26 anos, e da Lorraine, de 29. "Eles sempre seguiram o caminho correto que eu ensinei, de serem honestos com as pessoas, de serem educados, sempre tratar bem. Quando não puder fazer, não promete, não faz. O conselho que eu dou a eles é o de viajar, de viver, de aproveitar a vida, porque, para mim, um dinheiro que você gasta sem se arrepender é nas viagens, porque você aprende muita coisa fora, muita cultura dos outros países, ver como vivem".

Conquista mesmo para Adriana foi, depois de uns anos, ver a mãe desembarcar na Suíça e também conhecer de perto as feições que tinham aquele lado de mundo. As terras que, até então, ficavam contidas na alfândega do imaginário puderam ser tocadas, sentidas e apreciadas pela mãe e por muitos parentes e amigos da paraibana.

No começo, a Suíça era apenas tema das conversas e das dúvidas de quem, debaixo daquele teto em Campina Grande, onde ela e os seus irmãos cresceram, indagava à viajante como eram as realidades-lá-do-estrangeiro, ansiando ao menos poder viajar com a mente para aquelas lonjuras. Visitar o seu antigo lar campinense era uma forma, para Adriana, de também rememorar o lugar constantemente repleto de aromas, de famílias e de histórias nos anos 1980.

Ali funcionava um restaurante com comidas exclusivamente preparadas por sua mãe, pratos cujo tempero atraía autoridades, políticos, empresários e pessoas comuns, todos em um só lugar. "Minha mãe era a própria cozinheira. Ela nunca confiou a cozinha dela para ninguém. Era uma pessoa que só comia buchada se fosse feita pela mão dela. Em dia de domingo era super animado lá em casa". Em meio de semana, ao chegar da escola,

Adriana sempre assumia as louças na cozinha de casa, a fim de ajudar a mãe no estabelecimento.

O seu pai, pessoa muito estimada no bairro do Centenário, faleceu na trajetória dos anos corridos de uma vida justa, antes de a filha poder levá-lo para passear nas terras suíças, este que era um dos maiores sonhos que a campinense conservava em sua alma. Mas o que consola o coração de Adriana é a lembrança dos bons momentos partilhados com ele e dos gestos que pôde realizar para o seu genitor ainda em vida. *C'est la vie*. Assim é a vida.

Genève. Geneva. Genebra. Cada um chama essa cidade de um jeito apropriado ao seu próprio idioma, e Adriana, por sua vez, declama esse lugar como um maravilhoso reduto para se conhecer e viver. Cidade de alma diplomática, filha de uma nação que é palco de acordos de paz, tratados e conferências. Genève, sede europeia da Organização das Nações Unidas - ONU, berço do Comitê Internacional da Cruz Vermelha - CICV e local que abriga mais de 180 outras organizações internacionais, como a Organização Mundial da Saúde - OMS.

Os braços de Genève apararam o nascimento de Jean-Jacques Rousseau em 1712, o filósofo que defendia uma educação capaz de, em primeiro lugar, respeitar os passos do desenvolvimento de cada menino e menina, e que perpetua o seguinte pensamento: “deixe que a criança seja criança antes de ser homem”. Albert Einstein, de origem alemã, naturalizou-se suíço em 1901 e viveu no país de 1895 a 1914. Em Genève, Einstein participou, no ano de 1922, da 1ª Assembleia da Liga das Nações, na função de membro do Comitê de Cooperação Intelectual.

As claras águas do lago Léman talvez escondam o segredo das ideias que brotam por aqui e que se espalham pelo mundo como sinal de modelo. Os olhos, sob várias direções, enxergam a bandeira nacional, de formato quadrado, que traz uma cruz branca simbolizando a fé cristã e a paz, sobre um fundo vermelho que representa coragem e sacrifício. A fonte monumental que se vê no ponto onde o lago Léman encontra o Rio Ródano é o *Jet d'Eau*, uma forma francesa de se dizer “jato de água”. Desde que foi inaugurado, em 1886, o *Jet D'Eau* é visto como um ícone da cidade de Genebra. Dois dos seus motores impulsionam cerca de 500 litros de água por segundo, a uma velocidade de 200 km/h, e lançam este volume hídrico a até 140 metros de altura.

“Você precisa ver como aqui fica bonito no verão. Tem pessoas que nadam no lago, outros fazem piquenique nos gramados”, sublinha Adriana. Em uma ponte sobre o Léman, homens de bermuda e mulheres de biquíni pulam no lago, um a um. Nem as águas gélidas que visitam o reservatório por essas épocas ou as impetuosas chuvas que caem hoje os impedem de aproveitar um banho recreativo. “Eu penso que eles são turistas ingleses”, opina Adriana.

O movimentado lago de Genève se desenha às margens dos hotéis mais luxuosos da cidade e, indo mais ao longe, serpenteia serenas montanhas. Os tipos de transeuntes que passam pelo calçadão vão daqueles que andam num ritmo que lhes permita contemplar o que se vê ao redor até os que praticam esportes no maior pique, ao lado de uma vista que mescla o urbano com paisagens naturais. Iates e diversos barcos ancorados em cada cais. Carrosséis vistos pelo caminho, em sinal de espera pela cessação das chuvas e pela alegria de crianças em busca de diversão.

O lago Léman possui aproximados 580 km² e chega a medir 154 metros de profundidade. O tamanho do reservatório é tão expressivo que ele percorre inúmeras cidades da região oeste do país, além de, em sua capacidade, ultrapassar as fronteiras da Suíça e se fazer presente também em terras francesas. Em termos comparativos, o Açude de Coremas-Mãe D'Água, no Sertão da Paraíba possui uma área estimada em 40 km². Mas se contrastado com o tamanho da bacia do rio Paraíba, que nasce no Planalto da Borborema e avança por vários recantos do estado, o rio paraibano demonstra ser cerca de 14 vezes maior do que a área do lago Léman, contabilizando uma extensão de aproximadamente 8.200 km².

Os pingos de chuva escorrem sobre as janelas da *La Buvette des Bains des Pâquis*. No interior da lanchonete, construída acima da península dos “Banhos de Pâquis”, a sensação é a de estar protegido contra os ventos e as águas do temporal lá fora. Mesmo sob vidros embaçados ainda é possível avistar o lago Léman, o Jet D'Eau e infinitos telhados que se lançam mais à frente como um tapete abaixo das montanhas.

Os bancos de madeira das mesas de cor azul claro recebem clientes. Pessoas sozinhas ou acompanhadas, e uma série de diálogos pelo ar. A língua francesa com sotaque

suíço de uma ponta a outra do recinto, e a Paraíba no meio, com o seu bom e característico português. Vai se aproximando a hora do almoço, e mais pessoas chegam ao lugar.

Aos que pensam em emigrar, seja para a Suíça ou qualquer outro país, Adriana aconselha a ir sem medo, confiando em si mesmo, sem precisar depender de apoios de outras pessoas e muito menos seguir recomendações suspeitas. “E por mais dificuldade que passe, mas que persista, porque, se fosse fácil, todo mundo estaria aqui, né?”. Focar em um objetivo, dedicar-se, acreditar em si mesmo e estabelecer metas são, no entender da paraibana, os pontos principais para alcançar o sucesso no estrangeiro.

Em 2024, Genebra foi apontada como a sexta melhor cidade do mundo para morar, segundo um ranking da revista britânica *The Economist*. A pesquisa levou em consideração as condições de estabilidade, saúde, cultura e meio ambiente, educação e infraestrutura dos locais analisados, e nesses quesitos a terra do Lago Léman atingiu a pontuação máxima. Sob a óptica dos custos, um relatório do banco de dados online Numbeo classificou Genebra como a cidade mais cara do mundo em 2024. Há, porém, os que digam que, pela qualidade de vida, pela segurança, pela infraestrutura, pelo ambiente multicultural e pelo salário, compensa cada centavo viver neste canto da Suíça.

Ainda que hoje, para Adriana, morar na Suíça não seja um processo tão desafiador como há três décadas atrás, e mesmo estando mais familiarizada ao país e tendo alcançado fluência em francês, ela jamais esquece e muito menos nega as suas raízes. “Eu ainda prefiro as nossas comidas de lá e tenho o maior orgulho de ser paraibana. Principalmente quando se fala de forró, eu bato no peito e digo: 'eu vim do lugar do Maior São João do Mundo', porque tem uns que eu sinto pena, essas pessoas que têm vergonha de dizer de onde vêm. As pessoas têm que aceitar você como você é. Esse é um dos pontos que eu aprendi aqui também. Tudo é muito simples para as pessoas daqui”.

- *Adriana!* - brada a voz do garçom.

O fondue de queijo está pronto, este que é um dos principais pratos da Suíça. O funcionário segue até a mesa da cliente. Ali, diante dela, os ouvidos jornalísticos de um outro paraibano recepcionam os detalhes da trajetória da sua conterrânea.

A mistura espessa e cremosa de queijo derretido é apreciada já com os olhos dentro da panela vermelha de ferro esmaltado, por sua vez posicionada sobre um aquecedor por

baixo. Pedacos de pão rústico, pratos, garfos, tigelas com frutas picadas, colheres. Um cheiro convidativo se espalha pelo ar e antecipa o gosto irresistível da refeição.

“Na sua vida, houve alguma situação pela qual você passou e que gerou em você alguma transformação marcante?”, o repórter lança a pergunta. “Foi quando eu me separei do pai da minha filha”, relata Adriana, referindo-se ao seu relacionamento no passado com o futebolista paraibano. “Porque eu tive ela muito jovem, com 21 anos. Foi aí que eu precisei virar adulta o mais rápido possível, porque, quer queira, quer não, eu tomei a decisão de me separar aqui. Não ‘tava’ mais dando certo”.

No começo, a vida na Suíça para Adriana não era mil maravilhas. Entre rosas e espinhos, entre o país de primeiro mundo e a certeza de uma segurança na terra natal, o pensamento de voltar ao Brasil se tornava cada vez mais recorrente, e foi isso o que ela fez. Adriana retornou para a Paraíba, com a filha nos braços e desejo de recomeço selado no coração. Recém-chegada ao berço familiar, um outro acontecimento nefasto se sucedeu para ela. “Eu perdi a minha melhor amiga, que era o meu apoio de muitas coisas, desde os segredos até as dificuldades, de eu realmente ser super aberta com ela. Ela morreu em um acidente lá em Campina Grande. Esse foi o maior choque que eu tive em toda a minha vida”. Ela revela as batalhas silenciosas que a Rossila travou no passado, em momentos em que só se podia contar com a presença divina.

“Mas aí eu tomei a decisão de voltar para a Suíça, porque a minha melhor amiga, que era quem eu podia contar, foi embora”. Adriana seguiu sozinha para a Europa e viveu um grande drama para o seu coração de mãe: permanecer certo tempo longe da filha, para, antes de tudo, firmar novamente a sua estabilidade e poder garantir um futuro melhor para Lorraine. A pequena permaneceu com os avós na Paraíba.

Adriana viajou rumo ao desconhecido, sozinha e dessa vez sem a certeza de qualquer apoio no estrangeiro, mas ciente das suas habilidades e experiências, com a garra e a coragem da mulher paraibana. “Vim com uma mão na frente e outra atrás, sem saber para onde ir, nem com quem me comunicar. Na época, era absurdo de caro um telefonema do Brasil para a Europa. Então eu só dei notícia quando eu cheguei em um aeroporto na Itália. Liguei para uma amiga suíça, que é membro de uma família que eu tenho até hoje no coração”.

Em matéria de roupas e de assuntos de moda, a paraibana era boa entendedora. Tornou-se vendedora em boutiques suíças e, por meio do trabalho, regou em si esperanças de conseguir a sua autonomia e os mantimentos básicos para cuidar de Lorraine. Ela se recorda daquele ontem como se as décadas passadas fossem, na verdade, segundos atrás. O tempo insiste em passar correndo com as lembranças, mas ela ainda consegue resgatar fragmentos importantes, como quando foi bastante elogiada por seu desempenho nas vendas em lojas de roupas. Em busca de uma remuneração para o cargo de vendas que fosse superior ao piso comum da categoria no país, Adriana adquiriu, após cinco anos de estudo, o tão desejado diploma federal em um curso de Moda, seguindo o conselho dos colegas.

Na função de vendedora, foram 22 anos de serviços. A paraibana conquistou a chance de poder continuar criando a filha na Suíça, foi mãe pela segunda vez a partir de um outro relacionamento, e conheceu, na prática, o significado da palavra independência. Depois de tanto pelejar sem jamais desistir, em prol do sustento de cada dia, Adriana ganhou asas e decidiu voar nos seus sonhos, entre eles a inauguração da sua loja Natura Chic.

A boutique de alma brasileira vendia shorts, vestidos, sandálias e outros produtos que logo caíram no gosto dos suíços, vindos diretamente das terras tropicais. Pelo fato de as vendas baixarem consideravelmente no inverno, em 2013 a paraibana decidiu trocar o segmento de suas vendas. A nova ideia de trabalhar com o capim dourado veio como um clarão quando ela ouviu sobre essa fonte de renda, exclusiva das terras do Jalapão, que cresce em forma de capim em pleno reduto tocantinense do Brasil.

Adriana viu que era muito mais do que capim o que brotava daquelas terras: era beleza natural, era autenticidade, era uma entre tantas belas artes e formas de falar sobre o seu amado Brasil para a Suíça, era um caminho para ajudar famílias no Tocantins. “Faço muitas exposições e vendas, e se tem alguma feirinha de Natal, eu sempre participo. As pessoas gostam muito”. Tamanha é a variedade de produções geradas a partir do capim dourado. Fazem a colheita dele e, quando ainda está verde que nem a cor da esperança que percorre os lares de toda uma gente, *voilà*, nascem um tanto de bijuterias, decorações para casa, cortinados, molduras para espelho e outros itens que revelam o poder da criatividade.

Desde que Adriana desembarcou na Suíça pela primeira vez, a Paraíba sempre esteve em sua companhia. Com os retalhos da cultura, das festas juninas e dos tempos de menina em que decorava a rua Doutor Inácio Mayer do seu velho Centenário, ela costurou um novo sonho e deu vida ao São João de Genève, evento que há 10 anos propaga as raízes juninas, paraibanas e nordestinas aos olhos suíços.

“Eu sempre gostei muito do forró e do São João, e juntei uma coisa com a outra. Quando eu tinha de 11 para 12 anos, junto com as minhas amigas e as mães delas, a gente colocava bandeirinhas de um lado para o outro da rua, depois as palhas de coco. A gente ficava dançando forró até 5h, 6h da manhã, e assando milho. Isso aí não tem preço. A minha melhor época”. As lembranças juninas de Adriana andam pelo Parque do Povo nos primórdios dos anos 1980, local que consagrou o evento histórico de Campina Grande como o Maior São João do Mundo. O gosto de uma infância e uma adolescência bem vividas batem às portas do coração, na companhia das comidas de milho vendidas no aconchego das simples barracas de plástico, o antigo palhoção, meninas vestidas de chita florida e rapazes com camisas de xadrez, e além de tudo isto, o melhor: as quadrilhas juninas nas quais dançou com os seus amigos.

Quando Adriana se tornou proprietária de um restaurante em Genève, ela pensou em criar uma festa junina. “Havia um espaço fora do restaurante, e os donos do lugar sempre vinham almoçar no meu estabelecimento. Eu perguntei se eles me alugariam, para eu fazer uma festa. Não falei em São João, porque, na época, eles não sabiam nem o que era, e eles falaram que sim. Foi daí que surgiu o São João de Genève”. O forró ao vivo já vinha sendo atração frequente no estabelecimento de Adriana às sextas e sábados. A animação ficava por conta de uma forrozeira baiana. Na primeira edição do evento, a cantora e alguns outros músicos fizeram a alegria do povo com as músicas e as letras do Nordeste.

A ideia caiu no gosto popular e Adriana decidiu continuar com a organização do São João de Genève. De 2014 para cá, a festa vem ganhando maior proporção e público a cada ano, e acontecendo em espaços cada vez maiores para comportar tamanha gente. Em sua décima edição, o São João de Genève foi realizado de 30 de agosto a 1º de setembro de 2024, reunindo atrações com o rosto e a voz da Paraíba. Na sexta-feira, no sábado e no domingo, se apresentaram cantores de carreira solidificada em solo paraibano. Na

programação, estavam artistas como Fabiano Guimarães, Gitana Pimentel, Anderson e Matheus, Jonny Garotinho e Ruan Forrozeiro.

Com a presença de brasileiros, suíços e pessoas de várias nacionalidades, Adriana diz que cerca de 6 mil pessoas passaram pelo evento, realizado em uma extensa área de campo aberto em Genebra, ao longo dos três dias. Os participantes contribuíram com uma entrada simbólica de 10 francos suíços mais 1 quilo de alimento, cujas doações somaram mais de 1 tonelada no total e foram destinadas a uma instituição suíça chamada Fontation Partage, cuja missão é prestar apoio a pessoas em situações de vulnerabilidade.

Os primeiros pedidos pelas autorizações suíças começam a ser providenciados por Adriana com seis meses de antecedência da realização dos festejos. Se inicia então uma verdadeira saga de requisições, que são referentes a serviços médicos, apoio dos Samaritanos - grupo que presta atendimento de primeiros socorros em eventos públicos, assuntos de música, questões de horário e trânsito, regulamentações para menores de idade e algumas outras documentações.

No São João de Genève não podem faltar as comidas típicas do São João nordestino. A alegria também fica por conta do touro mecânico e tem espaço exclusivo para crianças. Até as lembrancinhas são pensadas de forma especial e vêm diretamente da Paraíba, a exemplo dos chapeuzinhos de couro.

Na festa, Adriana permanece em constante observação a cada detalhe e é peça-chave nos bastidores do evento. Ela só descansa no domingo à noite, quando o São João se encerra. É aí que uma outra missão se inicia: a desmontagem de toda a estrutura. Nessa fase, o objetivo é entregar o terreno alugado em excelente estado, praticamente sem uma folha no chão.

“Para muitos europeus ainda existe a história de que o Brasil é o samba, por causa do Rio de Janeiro. Depois eles começam a conhecer o axé, por causa do carnaval da Bahia, então tem agora a turma do forró”. O forró que embala a Paraíba em tempo de São João, essa terra de muitos trios forrozeiros, repentistas, poetas populares e artistas de sucesso. A terra de Elba Ramalho, Marinês, Zé Ramalho, Flávio José e tantos outros cantores. O forró que chegou à Suíça.

Em respeito à identidade da festa e às suas próprias origens paraibanas e campinenses, Adriana se empenha em dar ao São João de Genève a feição mais nordestina possível. As distâncias entre a Suíça e a Paraíba diminuem e as diferenças entre o francês e o português refletem, na verdade, um símbolo de união para os festeiros. Se, no passado, a sua terra ficava restrita à saudade sentida, é nessas horas que o São João de Genève a permite contemplar a sua Paraíba por aqui mesmo, palpável com as suas próprias mãos e tão perto dos olhos do coração.

“Quando eu vejo as fotos dos primeiros anos, como era, a montagem, o bar, o palco, às vezes eu nem acredito. É muita diferença de antes para o de hoje. Todo mundo fala que eu não me dou conta do tamanho que ‘tá’ o São João de Genève, porque, realmente, até se eu chego em Portugal, o pessoal fala: ‘ela é quem faz aquele São João na Suíça’”. Até no Aeroporto Internacional do Recife Adriana já foi reconhecida em virtude do evento. Em dezembro de 2023, uma mulher portuguesa, ao vê-la, não hesitou em chamá-la.

- “*Senhora! Senhora!*” - exclamou a portuguesa em alta voz.

- “*Eu?*” - questionou Adriana, recém-chegada da Europa para um período de visitas à família e aos amigos.

- “*Sim!*”, confirmou-lhe. “*Você não é a senhora que organiza o São João na Suíça, em Genève?*”.

A pergunta atraiu a atenção coletiva de muitos viajantes de diferentes chegadas, partidas e destinos. “É só quando acontecem essas coisas assim que eu vejo a proporção do evento, já que eu sou muito na minha, por trás das câmeras. Sou mais de agir, de mostrar mais e falar menos”.

O São João desafia a lógica de um mundo atual que tende a respirar cada vez mais ares de isolamento e individualidade. O São João gera proximidade, aquece a fogueira das relações humanas e promove entretenimento. Mais que isso, é o afago de uma gente em busca de tempo de qualidade em bons espaços. Para quem é da Paraíba e está longe de casa, o São João de Genève é a maneira de reavivar a sua pertença ao lugar onde o sol nasce primeiro em todo o continente americano, um sol de almas acaloradas em acolhimento. O São João de Genève é o abraço de uma cultura e de um carinho que, para muitos, especialmente para os do Nordeste brasileiro, jamais serão encontrados na mesma intensidade em qualquer outra parte do mundo.

O tempo voa na Suíça em um frenesi inexplicável. A estação de trem de Genebra perscruta rostos e passos seguindo corriqueiros de um lado para o outro. Entre centenas de pessoas, duas almas paraibanas se despedem e vão para sentidos opostos, gratos por terem viajado brevemente para a Paraíba no vagão de tantas histórias, mesmo estando a um oceano de distância da terra de origem.

Kaline



*das campinas da Paraíba
às passarelas do mundo*

Perfil escrito em outubro de 2024

Por toda a região do Lazio circula um provérbio tão antigo quanto as águas do rio Tibre. A constatação vagueia pelos aquedutos históricos, pelas vias milenares, pelas sete colinas e pelos quase 2.800 anos da Cidade Eterna. *“Todos os caminhos levam a Roma”*.

De gladiadores a plebeus, de matronas a tecelãs, as estradas imperiais serviram de travessia a toda uma gente. Cada pedra de calcário romano sustenta as pegadas invisíveis do passado. Do Capitólio ao Esquilino, a profundidade de um olhar é capaz de enxergar marcas que resistem ao tempo. Resquícios das mais platônicas paixões, o jugo da perseguição contra os martirizados e os passos mitológicos de uma loba que assegura a proteção dos gêmeos Rômulo e Remo. Até a palavra romance parece desfilar desde a Via Appia com a essência de Roma, nos esconderijos de um amor ao avesso em forma de quatro letras.

Se observar bem, de fato as entrelinhas de todo caminho apontam para a mesma direção, para um mesmo centro metropolitano repleto de mármore e de narrativas humanas. Feito estrela guia que corta os céus rumo aos braços romanos.

Roma é um museu a céu aberto. É o livro urbano escrito com a tinta da civilização, da religiosidade, da cultura e até com aquarelas sangrentas em pinturas de sofrimento. São páginas transfiguradas em ruas, fontes, monumentos e em tantas outras leituras possíveis aos olhos, ouvidos, toques e aos sentidos como um todo. Mas, de fato, é em cada rosto de gente que a história ganha um novo capítulo.

Todos os caminhos levam a Roma. E Roma leva a todos. Até aos sons de um violino que perambula pelos céus, desde o Foro Imperial até o Coliseu.

Alguns sussurros falam de um tipo de apogeu que por esses lados nunca perde a coroa, de veredas constantemente visitadas por pés de todas as partes, tal qual nos ritmos do passado. São milhares as pessoas que diariamente adentram ao reduto cosmopolita mais populoso do país pelas autoestradas ou pelas aterrissagens nos aeroportos Fiumicino e Ciampino.

Mas tão certo quanto o fato de que nenhum outro ponto interno da Cidade Eterna supera, em altura, a cúpula da Basílica de São Pedro, é testificar que cada viajante chega à capital do Lazio pelas rotas de um caminho pessoal. Para Kaline Basilio de Souza, as passarelas da Moda foram um dos meios que a possibilitaram atravessar os portões emurados de Roma e de toda a Itália.

Nas proximidades do Vaticano, há um bairro que mescla ruas largas, edifícios em estilo neoclássico, um saboroso *gelato*, várias opções gastronômicas e um ar reservado ao seu estilo residencial. O Prati também é reconhecido como o primeiro bairro planejado após a unificação da Itália, na segunda metade do século XIX, no estopim de um processo que consagrou Roma como a capital do país. Em um modesto apartamento do Prati residem Kaline, o seu esposo Maurizio, a filha Sveva Maria, de 8 anos, além dos seus dois cachorros da raça Bull Terrier.

Algumas ruas do *quartiere* homenageiam figuras do *Risorgimento*, o movimento de unificação italiana. Na esquina, sob a interseção com a Via della Giuliana, a parede dourada de um edifício exibe uma placa com letras maiúsculas, em tom romano. Sobre o mármore branco, a rua condecora em seu nome a pessoa de Emilio Faà di Bruno, destacando as suas datas de nascimento e morte - 1820 a 1866 - e o posto do senhor Emilio, que terminou a sua jornada terrena em uma batalha do *Risorgimento*, na função de capitão de navio de guerra.

Na exatidão deste ponto do mapa se encontra uma confeitaria cujos sabores remontam ao sul da Itália. Uma *pasticceria* entre centenas de outros espaços de doce paladar em toda a Roma. Uma *pasticceria* que evoca uma doce parte da essência dos italianos, de retratos do cotidiano que desenham a imagem de um povo que dá gosto até aos momentos mais simples, de pessoas que buscam fazer a vida ser mais doce já em seus pormenores. São traços que, culturalmente, se assemelham ao estado de origem de Kaline, no extremo leste do Brasil.

“Minha mãe é uma modelo, é uma esposa, é uma filha. E também uma mãe muito linda e com paciência”, relata Sveva Maria. Ao contemplar a declaração da sua pequena *figliola*, um sentimento de honra percorre o olhar de Kaline. Ela acaricia o cabelo de sua *bambina* e lança breves palavras apenas para complementar, por meio das raízes da sua

própria história, a plenitude genuína dos dizeres de Sveva: “e eu sou uma paraibana, com muito amor. Amo a minha Paraíba e sou o que sou porque vim de lá, da minha Campina Grande”.

- *Volete ordinare qualcosa?* - a pergunta do garçom, que os italianos chamam de *il cameriere*, resulta em pedidos de *sfogliatelle*, um pastel napolitano conhecido por suas camadas finas e crocantes.

A Paraíba chega ao coração das lembranças de Kaline a essa altura da conversa, nas portas de um alaranjado entardecer de sábado, 19 de outubro de 2024. Infância. Pais. Família. Irmãos. Sobrinhos. Avós. Primos. Forró. Canjica. Paraíba-casa. A Paraíba trilha o sentido inverso da frase, pois, antes mesmo de ser externada, toca na alma da modelo com a marca da gratidão e da saudade. “A Paraíba é de onde eu vim e para onde eu quero voltar um dia”, sublinha.

O vocabulário da mulher de 37 anos segue por veredas poéticas e memoráveis. As palavras percorrem as vielas do bairro Monte Castelo, em Campina Grande, a segunda maior cidade da Paraíba, onde morou até o ano de 2007. Quando os pés da idade alcançaram a segunda década da vida, eles calçaram os sapatos da decisão e partiram rumo aos caminhos internacionais da Moda.

Temperaturas entre 12°C e 22°C embalam o outono romano. A Cidade Eterna respira obras e manutenções por todos os lados, a fim de garantir uma melhor mobilidade para os milhões de peregrinos esperados durante o Ano Santo, a partir de janeiro de 2025, sob roteiros de fé e celebrações católicas.

A noite colore os céus. Os postes, as luzes dos edifícios e os faróis dos veículos se encarregam de contornar as nuances da escuridão.

Kaline chegou há poucos dias de uma viagem a Londres, onde participou de um evento global que reuniu marcas e profissionais no ramo de cabelos. O desfile de penteados foi um dos pontos altos do encontro, no qual a paraibana e outros modelos apresentaram uma variedade de cortes e cores em passarelas britânicas.

Além dos projetos da vida de modelo e das tarefas domésticas, Kaline concilia a sua rotina com o estágio obrigatório de 18 meses da pós-graduação. Já sendo graduada em

Direito em uma faculdade de Roma, em menos de um ano ela irá concluir mais uma etapa da sua jornada acadêmica: o Mestrado em Governança e Gestão das Administrações Públicas.

“Digamos que eu estou na aposentadoria da carreira de modelo para ingressar na de advogada. Então este mestrado me permite expandir o conhecimento jurídico. Vai ser bom até para uma futura possibilidade de concurso público, algo que vai me permitir ter mais tempo para ser mãe. Eu quero me estabilizar mais, porque na área da Moda você viaja muito e não tem muito tempo para se dedicar a uma vida familiar”. O que mais sonham os olhos castanhos de Kaline, estes que já percorreram os quatro cantos do mundo e que enxergaram a vida por vários ângulos culturais, é poder acompanhar mais de perto cada passo do desenvolvimento de Sveva. “Quero ter a possibilidade de ter tempo e fins de semana livres para ser presente para a minha filha”.

Dizem que as palavras têm poder. Ao menos para Kaline essa convicção é válida. É que desde quando era criança, do tamanho de Sveva, o seu jargão sempre fora: “quem tem boca ‘vai a’ Roma”, uma maneira de falar, nas entrelinhas, que quem faz uso da comunicação com sabedoria consegue chegar aonde deseja. Kaline imaginava que um dia os seus pés pousariam em terras estrangeiras. Ela só não esperava, nas beiradas da infância, que os caminhos da vida a levariam justamente para Roma.

As formas arquitetônicas da cidade, que vão desde a Antiguidade clássica até as representações do contemporâneo, foram o primeiro impacto da modelo na Cidade Eterna. “Na nossa ignorância, a gente vê tudo antigo. Depois, com o tempo, você começa a apreciar e a entender o fator cultural e os valores daqui. A riqueza não ‘tá’ no moderno, não ‘tá’ no novo. A riqueza ‘tá’ na história e no que é antigo”. A vivência de Kaline em Roma traça aspectos locais que lhe são preciosos na cultura, nas comidas, no afeto humano que ela observa na cidade em relação a outros cantos da Itália, no legado histórico - de uma época romana impressa nos livros em que Kaline estudava nas escolas de Campina Grande, e que há 17 anos ela contempla com os próprios olhos. “É algo que não se pode descrever só com palavras. É preciso sentir”.

À curta distância, partindo da Via Emilio Faà di Bruno, estão pontos turísticos como a Basílica de São Pedro e os Museus Vaticanos, a Via Cola di Rienzo com as suas boutiques

e cafeterias, o Mercado Trionfale exalando a essência italiana ao longo de centenas de bancas de alimentos, o Castelo Sant'Angelo às margens do Rio Tíbre, o Palácio da Justiça e, à frente deste edifício que abriga a Corte Suprema de Cassação da Itália, a Praça Cavour. São incontáveis os lugares de visitação no lado romano do globo, muitos dos quais, inclusive, Kaline pôde apresentar aos seus pais e a alguns parentes. Com o tempo, Roma abriu os seus braços para muitos outros Basílio, que pela primeira vez puderam realizar uma viagem internacional.

“*Essa pizza é só para mim?*”, boquiaberto, o pai questionou em terras italianas. “*É só para o senhor!*”, confirmou Kaline. Sem acreditar, José continuava atônito com o tamanho da pizza romana. A sua esposa Eliane, o genro Maurizio e a filha modelo riam diante da situação. “Aí ele dizia: *‘eu não vou comer isso tudo!’*”, a mãe de Sveva recorda-se do momento cômico.

“Minha avó, com quase 80 anos, também veio; ela acordava de manhã e ia a pé para o Vaticano para participar da missa”, no andar do coração peregrino da avó, uns vinte minutos de caminhada a conduziam até os interiores da Basílica de São Pedro. “Isso para mim foi grandioso. Poder proporcionar essas experiências para meus pais, para a minha avó, para a minha irmã, para o meu sobrinho que ‘tá’ chegando daqui a alguns dias, é algo satisfatório, né?”. Para a modelo, até os desfiles são mais especiais na presença da família paraibana, do marido, da filha e de pessoas amigas. “Dá aquela vontade de ficar olhando, rir, mandar beijo, mas não pode”.

Por mais que as vias romanas se vistam de beleza e imponência, as ruas da cidade de Campina Grande são as que protagonizam os caminhos das melhores lembranças de Kaline. As brincadeiras de criança no bairro Monte Castelo. A antiga casa. O pé de goiaba onde as reflexões sobre o futuro ganhavam vida. A Dona Lúcia, uma segunda mãe para a campinense e para os seus irmãos. Dona Lúcia, vizinha da Rua Mato Grosso e presença marcante na sua criação, nos tempos em que os pais precisavam se dedicar a intensos trabalhos fora de casa. O contato com os animais e com a natureza. A estrada para Massaranduba, o município vizinho e a terra de origem do José e da Eliane, onde a modelo também trilhou momentos marcantes em passeios e visitas a parentes.

Um contexto humilde e uma infância muito feliz, nas palavras dela. “A gente sabia ser feliz com o pouco. Cachorro e gato, tudo que a gente achava na rua, a gente saía pegando para cuidar. E até tartaruga, quando aparecia, a gente pegava para cuidar. Meus pais sempre foram muito guerreiros. Tivemos uma vida simples e digna, graças a Deus. Nunca faltou o pão de cada dia na mesa, apesar de certos períodos de dificuldades, como várias famílias no Brasil”.

Os ensaios fotográficos, castings e seleções do mundo da Moda são também uma constante escola de aprendizados para Kaline, um universo que, apesar do excelente retorno financeiro que a proporcionou, mostrou-lhe que a verdadeira prosperidade está na qualidade das relações humanas que se constroem. “Uma das coisas que eu percebi muito ao longo dos anos é que o dinheiro, apesar de suprir a necessidade, não supre a felicidade. O dinheiro também atrai muita gente que não é legal para perto de você, só pelo que você tem, e não pelo que você é”.

O lápis, a caneta, a borracha e o caderno da escola, comprados com o valor dos trabalhos sacrificantes de um pai e de uma mãe. Os mais econômicos, mas com um preço inestimável no coração de uma menina de olhos castanhos que ansiava aprender sempre algo novo. Que arquitetava pontes intocáveis para a sua conjuntura econômica daquele tempo. Pontes essas que davam em percursos internacionais. Destinos acessíveis para ela apenas por meio das polegadas de um televisor. A realidade distante. O sonho mais perto do coração. As portas da perseverança. E os olhos, janelas atentas ao desconhecido mundo.

15 anos. O primeiro emprego em uma equipe de cerimonial de formaturas. O desejo de sentir-se útil, de poder contribuir com as contas de casa. “Aquele era um período em que todo mundo falava: *‘você deveria ser modelo’*, *‘você tem corpo de modelo’*. Eu gostava da ideia, mas não sabia como começar, tendo em vista a minha timidez e o meu jeito de ser. Mas eu vi nisso uma esperança de melhoria de vida, não só para mim, mas para a minha família”.

O curso de modelo era uma novidade recente em Campina Grande, e Kaline logo se inscreveu nas primeiras turmas abertas. A sua carreira nas passarelas teve início aos 16 anos, desfilando com trajes feitos a partir do algodão colorido, um produto cujo tipo mais conhecido e valorizado atualmente é a variação que brota do solo da Paraíba, apesar de esta espécie de algodão nascer em algumas outras regiões do planeta. O algodão colorido

dispensa corantes químicos pelo fato de já crescer com uma coloração natural, a exemplo de cores como marrom, verde ou bege.

A Campina Grande de Kaline, dos Basilio e de tantas famílias exibe títulos imponentes: Rainha da Borborema, terra do Maior São João do Mundo e, no passado, era apelidada de “Liverpool brasileira”. Isso se deve ao fato de a cultura do algodão ter feito a cidade interiorana se destacar, a partir do fim do século XIX, com ares de vanguarda nordestina. Até o final dos anos 1940, o município foi reconhecido como o segundo maior centro exportador de algodão do mundo, atrás apenas da Liverpool inglesa.

Chegaram os anos 1950 e, com a queda da cunicultura, os produtos agrícolas, a pecuária e outros segmentos comerciais foram a salvação da economia campinense. E hoje quem escreve uma parte importante da história local do algodão é justamente aquele que já nasce colorido nas terras paraibanas, lançando uma variedade de tendências e uma aquarela de novos capítulos, dos quais Kaline fez parte nos anos 2000.

Uma modelo é mais do que a imagem que desfila, mais do que um manequim humano, e que, no caso de Kaline, corresponde ao tipo da top model alta e magra. A campinense mostra que, na verdade, uma modelo é a soma da persistência e do equilíbrio na passarela da vida. O passo certo. O movimento preciso. A autenticidade na medida necessária.

Diante das renúncias para ser uma modelo, a primeira delas foi soltar a mão de uma velha companheira: a timidez, essa inquilina dos quartos da personalidade que de jeito algum aceitava percorrer o caminho ao qual todos os olhares e flashes se direcionam. O caminho frequentado apenas pelos modelos: as passarelas, os estúdios fotográficos, os recantos onde se respira a moda. Logo a timidez da menina do Monte Castelo, sem mais nem menos, foi-se embora para alguma banda de fora da Paraíba.

Com mais autoconfiança, Kaline tomou grandes decisões no início da carreira. Empregou todas as suas forças no sonho, sozinha e sem a intermediação de agências para novos contratos, contando apenas com a torcida dos parentes. Escolheu representar o sobrenome da sua família nos eventos pelo mundo. Escolheu ser uma modelo de vivências, mais que meras existências. Mas escolher, no vocabulário de quem vem de um contexto humilde, é sinônimo direto de verbos como resistir, insistir, reerguer-se e acreditar na voz

do coração, a única que garante a chance de uma vitória árdua, mas possível. E geralmente, nesse contexto, a conquista vem acompanhada pelo gosto de *la dolce vita italiana* ou de quebra-queixo paraibano.

E foi aí que Kaline voou. Foi para a Itália, para o país onde tendências de moda são constantemente lançadas para o mundo e que poderia ser uma pertinente porta de trabalho para ela. Foi acolhida pelos braços da Cidade Eterna, o reduto italiano escolhido para viver, e onde ela também firmou um relacionamento com Maurizio, advogado natural de Roma e o seu atual esposo.

“Na época, meu pai não queria que eu fosse modelo. Ele tinha muito medo, por conta dos relatos de prostituição fora do Brasil. Mas eu mostrei para ele que eu sempre tive minha cabeça muito centrada, sempre soube o que eu quis e sempre tive muito respeito por mim como pessoa e como mulher. E mostrei para ele que ser modelo é um trabalho normal, como qualquer outro”, diz a mulher de cabelos curtos e pretos.

Hoje José, ou seu “Deda” como o chamam pela Rainha da Borborema e região, se apresenta como o fã número um da carreira de Kaline. Com o tempo, o ex-taxista foi enxergando mais nitidamente o retrato da profissão da filha modelo, vendo-a como uma “intérprete da moda e dos produtos das marcas”, na definição da paraibana. No passado, foi o avô quem disse que a neta seria uma grande modelo, e, além dos incentivos, ele também contribuiu financeiramente com a formação dela nos cursos de iniciação à carreira.

Em Milão, no norte da Itália, Kaline viu o sonho ganhar feição de realidade. Assim que chegou à “capital da moda”, ela dirigiu-se ao prédio de quatro andares onde funciona uma das maiores agências de modelos da cidade. No andar de baixo, a recepção, e acima um pavimento para o setor feminino, outro para o masculino e um último para a administração e contabilidade.

Os detalhes daquele dia sempre visitam o quarto da memória. Permaneceu no térreo, aguardando ser chamada para uma seleção de novos talentos, um casting. A agência, considerada de alto nível, já desde os anos 1960 vinha contratando meninos e meninas para desfiles, ensaios fotográficos e outros trabalhos, de acordo com as demandas de cada um dos seus conceituados clientes.

Enquanto esperava a sua vez de se apresentar para a agência, o inesperado aconteceu. “Em uma sala ao lado, ali no térreo, ‘tava’ tendo casting com os modelos que já eram da agência, junto com o cliente que ‘tava’ procurando o modelo para representar a marca. Quando acabou o casting, o cliente tinha saído, e quando ele me viu, perguntou: ‘por que ela não fez o casting?’. As bookers que ‘tavam’ lá ficaram sem saber o que fazer, porque ele disse: ‘eu quero ver ela, eu quero que ela prove a roupa’”.

Kaline participou do casting entre top models com experiência global. Foi aprovada pelo cliente. A marca contratante ficou tão satisfeita com a participação dela na campanha publicitária que renovou, por mais três anos, o contrato e os direitos de imagem de Kaline. “Antes que a agência me visse e ocorresse toda a seleção profissional, eu fui confirmada para um trabalho. Então, sabe quando é coisa de Deus?! E, a partir daí, eu fiquei nessa agência e comecei a carreira internacional ali com eles”.

Kaline percorreu um caminho diferente das trilhas convencionais de muitos que alcançam visibilidade no universo fashion. Os brasileiros que conheceu em sua área, em sua grande maioria, primeiro foram contratados por alguma grande agência em São Paulo, e esta, por sua vez, os encaminhou para agências estrangeiras na China, na Itália, nos Estados Unidos e em outros pontos do planeta. Kaline deixou as suas próprias pegadas sobre a areia. “Tive sorte também, porque em Milão, para você entrar, você geralmente tem que ter material, tem que ter passado por lugares como China para poder conseguir uma proposta de nível europeu ou americano, por exemplo. Nova York, Milão, Paris, que são lugares na área da moda com nível mais elevado”.

E ao longo de mais de 20 anos de estradas profissionais, a arte da vida foi também modelando trabalhos no cinema pelas veredas romanas de Kaline, na cidade em que ela se fez italiana sem perder a sua essência paraibana. Entre as esculturas de Michelangelo, Bernini, Caravaggio e de outros artistas sobre a paisagem urbana, ela atuou em filmes italianos e americanos. Em meio aos cenários renascentistas, barrocos e aos demais retratos de Roma, Kaline descobriu novos talentos em si.

Na televisão italiana, Kaline participou de programas centrados em moda. Em um deles, ela exibía uma roupa, a cada edição, que fora utilizada por alguma mulher nos anos 1960. Uma imersão no passado. “Eu mostrava aquela peça com arquivos originais da época

e vestia a roupa. Dizia qual era o ano daquela peça e quem a vestiu. E também tiveram programas em que eu ensinava a pessoas que queriam ser modelo como se desfila, como ser fotografado, esse âmbito da expressão corporal e facial. Tiveram muitas outras participações ao vivo”.

Kaline tem visto outros rostos paraibanos chegarem às passarelas da Itália. Para ela, a Paraíba é um polo de pessoas muito bonitas. “Lá tem muita menina com capacidade para ser top model”, sublinha. Com os olhos da experiência, ela enxergou de perto os pontos positivos e negativos do mundo fashion, as rosas do campo da beleza e os espinhos da profissão.

“Você conhece vários lugares do mundo e pessoas, viaja muito, conhece várias comidas e culturas diferentes, aprende várias línguas. Já o ponto negativo é que se trata de um ambiente competitivo e frio, quase inafetivo. Faz falta o calor humano ali, de alguém para você confiar e realmente chamar de amigo, porque a amizade verdadeira você constrói com o tempo. Quem trabalha como modelo em nível internacional, que viaja para um lugar e outro, vive uma vida solitária”. Dentro do que todos veem como formas humanas existem pessoas que, nos bastidores, lidam com vários desafios e dilemas da vida.

Longe de casa, a dor da distância bate à porta, a saudade dos que ficaram em Roma e daqueles que estão na Paraíba. Mas foi na lonjura dos seus passos que Kaline aprendeu a ser mais madura, responsável e a agir com mais independência. Foi na lonjura dos passos que ela encontrou meios de beneficiar-se e de contribuir com o bem-estar dos pais. Estes cujo endereço residencial em Campina Grande, já há alguns anos, passou a ser o bairro Jardim Paulistano, e não mais o Monte Castelo.

“Ao vir para cá, a gente melhora muito em condições econômicas, mas a gente, ao mesmo tempo, perde muito. A gente perde aquela simplicidade, a ingenuidade, a presença familiar. Mas, infelizmente, quando você escolhe uma carreira, tem que ter renúncias”. No mundo da moda, o estilo de vida saudável é requisito básico e a preocupação por um “corpo-manequim” é constante.

Eram raros os dias de descanso para Kaline no início da carreira internacional. E quando eles, porventura, eram permitidos, ela os aproveitava para descansar de todo o acúmulo de encargos, por mais que uma enxurrada de opções de lazer estivessem ao seu

alcance. “No outro dia, às 6h da manhã, eu já tinha que viajar para trabalhar. Quando terminava, às 6h da tarde, eu só queria descansar, ou me alimentar, ou ir para uma academia e já ir dormir”.

Por várias vezes Kaline testemunhou modelos muito jovens perderem os seus compromissos com agências e clientes. No hotel, quando já era bastante tarde e os corredores se recolhiam em silêncio, às vezes um ou outro voltava de alguma noitada lá fora tomado de embriaguez. Como consequência, nas horas seguintes geralmente o sinal do despertador passava despercebido para estes. Enquanto isso, havia um cliente impaciente olhando para o relógio e se perguntando por onde vagueava o rosto esperado.

É preciso ter uma mente muito equilibrada para não se deslumbrar facilmente com as propostas e ofertas que circundam o mundo da moda e que tentam desviar o foco de quem ingressa na profissão. A modelo é quem afirma. Restaurantes, presentes, festas grátis, camarins, pessoas mal intencionadas, tudo muito acessível. “Quem quer ser modelo e adquirir material legal, você não vai para festa, não vai aceitar certas coisas. Você vai dormir cedo e acordar cedo, vai para a academia, se alimentar bem, estudar as línguas e também procurar um objetivo para, quando a sua carreira terminar, você ter uma segunda opção de vida. A moda te possibilita ganhar muito, mas é preciso ter também preparação psicológica para não mudar a rota”.

Um Prati cheio de pessoas em uma noite de sábado. Quantas outras Kalines haverá por esta Roma? Por quais outras direções deste canto milenar está a Paraíba? Em quais outros livros humanos aquela terra de campos e campinas andarilha nesta Cidade Eterna? Na cadeira ao lado da modelo está a sua *figliola* de 8 anos, uma criança romana e paraibana em sua essência, que ama a culinária italiana mas também é fã de um cuscuz quentinho. Sveva Maria é a visão mais bonita que Kaline tem do mundo, aquela cuja companhia representa, junto ao esposo e à família, o inexplicável sentimento da plenitude para ela.

“Ela é a minha vida. O meu amorzinho. O que eu mais sonhei. E ela, para mim, é o meu milagre”. As palavras jorram do coração de uma mãe. Surgem acompanhadas de algumas lágrimas também. A imagem de Sveva faz Kaline lembrar o dia 3 de maio de 2015. Naquele domingo, ela, a mãe Eliane e uma amiga paraibana partiram juntas para a cidade de Loreto, no centro-leste da Itália, distante 280km de Roma. A amiga sonhava em

conhecer o Santuário de Nossa Senhora de Loreto, no topo da cidade, com uma vista que dá para o Mar Adriático.

As três chegaram à praça da cidade, em frente à igreja, na exatidão das 18h. O sino começou a tocar. Elas participaram de uma procissão e de uma missa, junto a um grande público de peregrinos em cadeiras de rodas. Pernoitaram perto do santuário, conhecido mundialmente por abrigar a Santa Casa de Nazaré, que, na tradição católica, seria o lugar onde a Virgem Maria recebeu o anúncio do anjo Gabriel de que seria a mãe de Jesus. Os devotos acreditam que, no final do século XIII, a casa foi milagrosamente transportada por anjos da Terra Santa até Loreto.

Na manhã seguinte, enquanto visitava o Santuário da Santa Casa, Kaline depositou o seu pedido de oração em uma caixinha de intenções. “Na época, seis meses antes, eu tinha tido uma perda na gravidez, e era uma menininha também. Eu rezei, acendi as velas, e disse: ‘se for da vontade de Deus e de Maria, eu quero um dia constituir minha família e ter uma filhinha; se for para eu ser mãe, que seja, se não, eu vou aceitar e vou entender’”. No dia 5 do mês seguinte, ela proferiu, com dizeres juninos, a conquista ansiada pelo coração: *“eu tô grávida!”*.

Oito anos se passaram e as estradas da vida trazem Kaline ainda mais perto para Roma, para o lugar onde ela deseja estar, junto às companhias que ela ama: próxima à filha e ao esposo. “Chega o momento da vida que a gente tem que vivenciar isso, porque a gente não pode perder, que o tempo passa”. Esse mesmo tempo é um mensageiro que espalha certezas - e também incertezas - para os que andam lá e cá nas passarelas da vida, modelos ou não, com ou sem olhares atentos ao seu caminhar. E uma convicção que o tempo apresenta à paraibana é a de que ter investido no sonho da carreira internacional foi uma das melhores escolhas para si mesma e para aqueles que lhe são próximos.

“A gente não tem que vir com o sonho de Europa e achar que aqui vai ficar rico ou milionário do dia para o outro, e que vai dar tudo certo, e que vai ser mil maravilhas, e que vai ser acolhido de braços abertos por todos. Pode ser que seja assim, pode ser que não seja. Então a gente tem que estar preparado para tudo, porque tem prós e contras”. Na Itália, como também em outros lugares do mundo, Kaline deparou-se com pessoas boas e outras más, algumas receptivas e outras preconceituosas.

“Assim como tem mulheres maravilhosas aqui, lindas, seguras de si, tem também mulheres que falam: ‘*ah, brasileira é assim...*’”. Escutou reticências vulgares a respeito das conterrâneas do seu país há alguns anos pelos ares de Roma, enquanto apreciava a cidade e tomava o seu *gelato*. “Algumas delas generalizam e colocam você no mesmo pacote”.

Apesar dos contratempos, ela destaca o quanto gosta da Itália, da comida, do fascínio dos italianos com a vida, da mentalidade econômica da nação. “Acho que a fusão perfeita de país seria Brasil e Itália juntos. Eu não levaria daqui da Itália os terremotos e vulcões, porque no Brasil a gente é sortudo, que a gente não tem essas situações”. Da Paraíba, Kaline destaca as praias de João Pessoa, as tortas e bolos deliciosos de seu estado, o São João que ela sonha levar a filha para conhecer de perto, as casas de todos que a convidam para uma visita quando estiver do lado de lá.

A última vez em que Kaline visitou a sua terra natal foi há quase dois anos, em novembro de 2022. Sveva Maria a acompanhou na viagem. A italianinha de 8 anos fala italiano e português fluente, além de outros idiomas como o inglês e o espanhol. “Sveva ama o Brasil, e ela sempre repete uma definição de Brasil que ela aprendeu, e eu acho bem interessante”. A mãe incentiva a filha a compartilhar a frase. Com um sorriso, a pequena diz: “*o Brasil é muito alegre e feliz, e tem muitos ‘cores’*”. Kaline concorda em gênero e grau. “Realmente, a gente é muito feliz, muito caloroso, muito receptivo. O brasileiro abraça todo mundo, recebe todo mundo bem, gosta de todo mundo”.

Por mais se passem os anos na Cidade Eterna, o que de fato se faz eterno para Kaline é o laço de pertença que as raízes paraibanas e brasileiras firmaram em seu coração.

Ronny



*a paixão pelo futebol e o sonho
de imigrar entram em campo*

Perfil escrito em novembro de 2024

Um professor conseguiu enxergar o que Ronilson Clementino dos Santos realmente estava predestinado a ser. Na altura dos 12 anos do menino, quando nem ele sabia a respeito do talento que se driblava entre os seus pés, os olhos do técnico de futsal notaram um caminho visionário para o futuro do aluno.

Pareciam perscrutar, entre aqueles movimentos ágeis e rápidos, a mesma raiz de nomes que brotaram sob a gênese do anonimato. Homens cujo passe certo proporcionou vitórias ao Brasil. Pelé, Garrincha, Ronaldinho Gaúcho... a lista de chuteiras-mestre é extensa. Ronny demonstrava ter habilidades que poderiam levá-lo a competir em grandes estádios. O menino tinha sede de gol. Para a surpresa de todos, o professor tinha razão. Ronilson se tornou jogador de futebol.

Após os dois gols marcados por Ronaldo Nazário contra a Alemanha, o Brasil levantou a taça de ouro na Copa do Mundo de 2002 e selou em sua camisa amarela um título que nenhuma outra seleção conquistara até aquele momento: o de pentacampeão. Naquele ano um sentimento de pertença brasileira circulava pelo país, a quinta estrela da vitória brilhava eufórica nas almas tupiniquins e a paixão pelo futebol se instalava ainda mais no coração de Ronilson.

O seu tio, que inclusive era muito bom de bola e entendia do assunto, já incentivava o sobrinho a jogar antes mesmo de começar nas aulas de futsal. Nascido em uma família em cujo coração a paixão pelo esporte estava pincelada, o menino seguia buscando vencer o jogo da sua própria história pelas ruas do Pedregal.

O bairro do Pedregal, desde aquele tempo, vem sendo assombrado pelos fantasmas da estigmatização, do preconceito, dos estereótipos e do sensacionalismo que paira nos noticiários. As centenas de histórias de vida ali pelo redor e os fatos de cunho positivo até hoje dificilmente conseguem vencer os critérios de noticiabilidade e chegar com segurança às manchetes dos jornais.

Quem geralmente ocupa o pódio dos programas locais são as informações-cor-de-sangue que mancham o bairro com as caricaturas da criminalidade, dos homicídios, das

prisões, da violência e da pobreza. Mas o Pedregal não se resume a esses recortes. É o canto de origem de personalidades como a advogada e influenciadora digital Juliette Freire. É a manjedoura de Ronilson.

O que os olhares de fora não veem - ou talvez não queiram enxergar - é o quão significativos são os frutos que nascem entre os becos da comunidade. O Pedregal acolhe a mais humana e real essência da cidade de Campina Grande e do estado da Paraíba. A nordestinidade, a cultura, a história e a solidariedade se abraçam no mesmo lugar.

O Pedregal acolhe, em sua maioria, cidadãos que carecem dos recursos mais básicos para uma vida digna. Ante uma existência que, desde o princípio em que o pedregal-com-minúsculo passou a ser o Pedregal-bairro, precisou se ziguezaguear entre os improvisos da falta de moradias adequadas e os maus cheiros de canais a céu aberto. Mas em meio a pedras, pedregulhos e pedradas da negligência do poder público, o lugar que eclodiu na parte alta da cidade conseguiu avanços tímidos desde que foi fundado, no final dos anos 1970, especialmente por meio da força daqueles que eram vistos - e infelizmente até hoje - como “os de baixo”.

O Pedregal acolheu os sonhos de Ronilson, deu asas à sua imaginação de garoto e, das pedras, o motivou a construir o seu caminho de homem. Primeiro o Pedregal assistiu, na arquibancada da vida, o seu filho vencer as fronteiras instaladas nas linhas da vulnerabilidade geográfica, jogar em times de futebol de Campina Grande e alcançar setores um tanto mais modernos da cidade.

Ronny seguiu vencendo cada desafio, cada impedimento, cada falta, cada sonho relegado ao escanteio de uma trajetória simples e batalhadora. Por algum tempo, a bola ficou de lado para ele. O futebol foi substituído como principal fonte de renda por outras áreas de trabalho. Tornou-se apenas diversão de um domingo de manhã com os amigos.

Com o tempo, Ronilson foi se estabilizando cada vez mais na vida profissional e financeira. Conheceu a Cassiana e casou-se com ela em 2013. No ano seguinte, o filho do casal nasceu: o Ravi, hoje com 10 anos. Igual a uma partida de futebol com as suas reviravoltas e surpresas, os 34 anos de vida de Ronny Santos percorrem desde as brincadeiras de menino e os rachas descalços nas ruas do Pedregal até os caminhos atuais.

Mas as ruas de agora não são mais as do Pedregal, ou da Paraíba, ou do Nordeste, ou do Brasil.

Algum traço desse clima outonal traz lembranças da sua Campina Grande. A casa do presente da vida também fala português, mas é de um jeito diferente. Um sotaque de vogais mais fechadas. Um vocabulário embragado de expressões próprias, com significados que não escapam às dúvidas até para brasileiros e outros fluentes da língua de Camões. Um fado que canta as melancólicas letras da saudade e da despedida. Uma saudade que só se abraça no português.

Faz três anos que Ronny, a esposa e o filho migraram para o outro lado do Atlântico e chegaram em terras lusitanas. Na mala, a vida sonhada lhes acompanhou - ainda não conhecida em seus pormenores - mas confiada, com aquele tipo de certeza que Ronny e a sua família sempre sondaram nos recantos do coração, nos quartos internos da fé e da busca pela felicidade.

Noite de 18 de novembro de 2024. Segunda-feira. O frio faz um expediente intenso ao redor e a neblina deixa as suas pegadas desde o gramado verde até o ar por onde corre a vontade de vencer as próximas disputas. Estádio do Realense Futebol Clube. Braga. Portugal.

20h. Aquecimento de vinte minutos no campo. Na sequência, os jogadores se revezam em um treino de pressão e contra-pressão. O ambiente frio e seco, em contato com o ar quente e úmido na área dos atletas, faz o vapor condensado deixar os seus rastros ao redor de cada jogador, como uma espécie de “fumaça de inverno”. Uma equipe tem a posse da bola, enquanto a outra, com jogadores representados com o uso de coletes, busca recuperá-la, por meio de todas as estratégias possíveis.

Movimentação. Finalização. Marcação. Posicionamento. Pressão. O treino segue com posse de bola em espaço reduzido. O máximo de toques em equipe e o mínimo de toques individualmente. “E hoje foi só isso. Quarta-feira é que *o bicho pega*”. Ronny prevê o que está por vir no próximo treino. Diante das táticas que o adversário pode colocar em campo, o plano estratégico e os cuidados pessoais precisam ser os melhores possíveis.

Sempre. Olhares atentos e pés ligeiros para jogar a bola na trave e escutar aquelas três boas letras: “gol”.

“Quarta-feira é um treino mais pesado, que é o treino do meio de semana. Um aquecimento mais puxado para o físico. Depois disso a gente faz uma partezinha de treino tático para depois fazer o treino em conjunto, que no Brasil a gente chama treino coletivo, que é 11 contra 11. O treino tático é mais para consertar os erros que cometemos no jogo, bola parada, essas coisas, e depois o treino coletivo para pôr em prática aquilo que foi falado no tático”. No próximo sábado, a disputa no estádio do Realense Futebol Clube será entre o time da casa e o Celeirós. Ambos os nomes dos concorrentes remetem a freguesias de Braga.

Em 2021, o Ministério da Economia e Mar de Portugal informou que a cidade de Braga ocupava o quinto lugar em quantidade de brasileiros residentes. Foram contabilizados quase 13 mil pessoas nas terras que se inclinam até o Santuário Bom Jesus do Monte. Além de Ronilson e da sua origem paraibana, outros estados brasileiros aparecem pelo estádio do Realense F. C., representados nos jogadores.

O jogador traça um panorama sobre a realidade futebolística de Portugal. A hierarquia segue em primeira, segunda e terceira liga nacional. O Campeonato Pró-Nacional, a maior divisão dentro dos campeonatos distritais. A disputa, impulsionada pela vontade de ocupar os dois primeiros lugares, subir de divisão e ser classificado para o Pró-Nacional torna a competição ainda mais acirrada entre as equipes.

Devido à derrota do último jogo de sábado, o Realense Futebol Clube está agora classificado em terceiro lugar, e os atletas do time só pensam em recuperar o lugar de destaque na competição. O foco agora é vencer em primeiro lugar na Pró-Nacional e competir no Campeonato de Portugal, que vem acima das divisões distritais secundárias.

Perder é um verbo que não existe no vocabulário de Ronilson. Para ele nunca se perde. Ou se ganha, ou empata ou se aprende. Mesmo que o resultado não seja dos melhores e que a conquista não seja alcançada, Ronny diz que a mentalidade do atleta deve estar sempre direcionada para a vitória.

A pedagogia do campo de futebol vai além da técnica esportiva. O campo ganha feições professorais, forma cidadãos e os ensina que ali todos têm vez. “Como um pai que educa o filho para a evolução dele, da mesma forma são os misteres¹⁵. Eles gritam, reclamam, falam, xingam, dizem tudo. Mas é para nossa evolução como pessoa, como atleta, como equipe. E depois daquilo ali, é tudo normal. Nada aconteceu. É a vida que segue, somos todos amigos”.

Hoje o paraibano seguiu a rotina de costume. Deixou o filho na escola e foi para o seu emprego em uma concessionária de carros, onde trabalha no turno da manhã e da tarde. Além de ser um jogador não profissional em Portugal, Ronny tem neste outro trabalho um meio de complementar a renda de casa.

Mesmo com o atestado internacional de atleta em mãos e todas as documentações legalizadas, ele sublinha que apenas com o salário dos jogos não dá para sobreviver em Portugal. Às 18h30 ele sai da concessionária, passa em casa e reencontra o filho e a esposa, que é gerente de uma clínica em uma cidade vizinha. Logo depois, às 20h, começa mais uma noite de treinos no Realense Futebol Clube. Um dia antes da partida, os atletas são dispensados para descanso.

Certa noite Cassiana voltou do antigo emprego aos prantos, se tratando de uma empresa que causava danos ao seu bem-estar físico e mental. O esposo conta: “ela é o meu ‘calcanhar de Aquiles’. Se ela estiver mal, eu ‘tô’ fraco. Se ela estiver bem, eu estou forte. E eu disse a ela: ‘você se arrepende de ‘tá’ aqui? Você tem vontade de voltar para o Brasil?’. Ela me falou, chorando muito: ‘não, não me arrependo de *tá* aqui, mas eu não queria estar nesse trabalho’. Daí eu disse: ‘assim como Deus foi fiel com a gente em todos os momentos, Deus vai ser fiel com a gente agora; eu posso te garantir que você vai sair desse trabalho e atuar na área que você quer’”. Quando a vaga para a gerência na clínica surgiu, Cassiana não hesitou em se inscrever no emprego à vista, mesmo nunca tendo atuado no cargo de gerência.

No decorrer de uma hora após a seleção, o setor de Recursos Humanos da clínica ligou para a paraibana e lançou palavras que até hoje repercutem no coração dela e nas

¹⁵ Treinadores.

lembranças do marido: *“tem que ser você, você tem que trabalhar para a gente”*. O currículo e as habilidades de Cassiana surpreenderam a empresa e ela foi a escolhida, sob a promessa de um treinamento intenso para começar no cargo, visto nunca ter sido gerente no passado. O cônjuge é quem conta feliz: *“hoje a minha esposa é realizadíssima; e ela estando bem, eu estou super ultra mega bem”*.

Quando Ronilson começou na concessionária, ele ia a pé até o trabalho. Sete quilômetros indo, e ainda havia a volta no fim do expediente. Sem veículo próprio nem com a possibilidade de arcar os custos do transporte diário. No início lavava carros. O incentivo da esposa Cassiana reforçava para ele os sentidos da mudança internacional.

Mesmo as pedras das dificuldades vindo aos montes na direção deles, o casal se mostrava predestinado a resistir aos tropeços e desistências. Fariam das pedras da vida um meio de construir o castelo das suas felicidades. Um castelo de vivências à espera das vitórias de cada dia. Muralhas de esperança como forma de proteção contra os ataques do pessimismo e das agruras externas. Um castelo da alma igual aos muitos castelos que se erguem sob a verticalidade portuguesa, do Norte ao Faro.

O casal se conheceu em 2013. A amizade foi selada por meio do irmão da Cassiana. Das convivências da igreja Verbo da Vida, em Campina Grande/PB, ao casamento que já dura 11 anos. No dia 06 de setembro de 2014, Ravi veio ao mundo.

O filho de Ronilson apresentou uma adaptação rápida e fácil em Portugal, já se enturmando com os miúdos do país e adquirindo muitos amigos. Hoje Ravi joga no Sub 10 do Braga, que é a categoria do time para crianças de 10 anos. *“Ele é espetacular, maravilhoso. Todo mundo ama ele aqui. Parece que ele é até português. Nos aniversários, as crianças fazem questão de ele ir”*, narram as palavras de honra de um pai.

Os olhos de Ronny se encheram de água, embargados de emoção, quando o Ravi marcou o gol da vitória pelo Braga. *“E ali parecia que eu estava vivendo um filme”*, recorda. Ser jogador é um sonho que já caminha no coração do pequeno paraibano. Um desejo que veio do seu próprio filho, atesta Ronilson. *“Eu digo a ele que ele é criança e que ele tem que se divertir. Eu vejo o quanto ele é especial, de verdade, em tudo o que ele faz”*.

Desde o primeiro dia em que pisou em Portugal, Ronilson afirma sentir o agir de Deus ao seu lado, a cada momento. Mudar-se para o novo país com a esposa e o filho era a esperança de uma vida melhor. Diante de episódios de insegurança e violência, eles viram que imigrar era uma escolha favorável àquele momento. Primeiro criminosos tentaram invadir a casa em que eles moravam na Paraíba, e em momentos posteriores o carro e a moto quase iam sendo furtados.

Portugal veio como uma das primeiras opções na lista de países. Eles se organizaram e partiram para a Europa, levando no coração a fé e na mente apenas os pensamentos positivos.

Inicialmente não era Braga a cidade que Ronilson tinha como destino, mas sim Guimarães, distante 24 km do lugar onde hoje reside. Um amigo e antigo vizinho de Campina Grande morava em Braga, e foi este conterrâneo quem sugeriu que Ronny e a sua família ficassem em Braga.

No início, Ronny encontrou muitas dificuldades em alugar um apartamento por ali, por fatores como a alta demanda, impulsionada por estudantes, imigrantes e famílias locais, com uma oferta de imóveis acessíveis bastante limitada. Mas depois de vários dias e de uma intensa busca, ele encontrou o tão sonhado espaço para viver com a esposa e o filho.

Parte da sua família decidiu seguir o mesmo caminho. Da sua casa, quem também se mudou para Portugal à procura de novas oportunidades de emprego foram os seus pais, o irmão, a cunhada e os sobrinhos. Hoje a mãe é funcionária em um restaurante próximo ao Santuário do Bom Jesus do Monte, um dos pontos turísticos de Braga, o seu pai trabalha para uma empresa terceirizada e o seu irmão está contratado em um hotel na cidade de Viana do Castelo.

No começo de 2023, o pequeno Ravi fez um pedido a Deus para o ano que estava se iniciando. Ele queria ver Cristiano Ronaldo jogar. E não é que o sonho do filho se realizou em terras europeias! “A gente viu Portugal e Espanha, viu Cristiano Ronaldo de pertinho no estádio jogando por Portugal. Ele tinha um desejo de conhecer o Santiago Bernabéu, lá em Madrid”, narra, sob a feição da felicidade.

Em Portugal, primeiro os pés de Ronilson tocaram os chãos da intensa procura por um teto para descansar com a família, depois marcharam em busca de trabalho e logo estavam tocando os campos e estádios dos lusíadas. “Aqui eu tinha alguns amigos brasileiros que jogavam com os portugueses, e me chamaram pra jogar. Fui jogar no domingo de manhã, e foi quando os outros clubes começaram a me ver, os diretores, os treinadores. Quando eles gostam do jogador, eles trazem para o federado, registram na federação esportiva”. Um dos diretores do clube Os Peões, da zona do Porto, fez a proposta de pagar toda a documentação federativa e dar a Ronny a oportunidade de jogar no time. Esse foi o primeiro contrato futebolístico do paraibano em Portugal.

O Realense F. C. e outros clubes já sondavam a contratação de Ronny em alguma janela de transferências, mas a alma paraibana carrega o compromisso com cada letra que pronuncia. “E eu disse aos times: ‘minha palavra é uma só, nem faz curva, nem volta atrás’”. Ele fez jus à sua parceria com Os Peões e só depois do período combinado partiu para outras equipes.

Escolheu um time de perto, sem que fosse preciso ir para longe do filho e da esposa. Foi aí que o Realense F.C. entrou em campo na carreira dos pés de ouro do Pedregal. Em seguida vieram propostas para jogar em times da Alemanha e do Caribe. Mas nos contratos dizia que a família não poderia ir junto, e por isso ele recusou todos. É impensável para Ronny ficar longe das pessoas que ele mais ama no mundo.

Para Ronilson Clementino, o sucesso vem por meio de caminhos como a disciplina, o foco nos objetivos e a fé em Deus. “Eu sei de onde eu saí e sei onde eu ‘tô’ hoje. Eu venho de uma família pobre, do interior da Paraíba, de Campina Grande, de um bairro pobre. Meus pais me educaram muito bem, e com a ajuda da minha esposa, a gente cresceu financeiramente. Tive bons empregos e ganhei bem”. Diante do progresso do casal, algumas vozes do passado, as mesmas que um dia os chamavam de amigos, também disseram inconveniências do tipo: “*não sei para que vocês com isso*”, “*estão roubando*”, “*devem estar vendendo coisas proibidas*”, e muito mais. Afastar-se foi o melhor remédio para o bem-estar e para a felicidade.

A saudade visita o coração imigrante quando os parentes estão longe. Mas com grande parte da família bem perto, esse sentimento se aloja sempre em algum abraço dos

parentes do Pedregal que hoje residem a poucos quilômetros, em terras portuguesas. “Geralmente nos finais de semana é que a gente se encontra mais”, conta ele, como quem fala de um privilégio raro a uma alma estrangeira. O irmão em outra cidade, a mãe que vê mais costumeiramente aos fins de semana, o pai mais próximo ao seu local de trabalho. Mas há domingos em que todos se juntam para um almoço, e cujo tempero lança a essência paraibana no ar e no gosto da comida.

“Quando minha mãe está de folga, que eu tenho jogo, ela vai assistir meu jogo, meu pai também vai assistir eu jogar. Às vezes é um bocado de xingada, porque eu jogo na frente. Jogo com a camisa 10. Costumo fazer um gol ou outro ali. E aqui eles são fascinados por futebol, lota o campo e a equipe adversária começa a xingar”. De forma semelhante ao Brasil, o futebol é a paixão coletiva dos portugueses, desde os miúdos até as senhoras que ecoam os hinos dos times em seus cantos. No Estádio da Pedreira, as senhorinhas sentam juntas no lado direito do estádio, reservado especialmente para elas, enquanto a torcida organizada ocupa o setor esquerdo. “Elas sentam todas juntas no mesmo lugar, cantam juntas, cantam as músicas, só elas”.

Mas entre as cantigas, as palmas e os gritos de incentivo, os ruídos também repercutem nos ares. Não são os ruídos dos xingamentos. São ofensas, não raras vezes. “Uma vez jogando me disseram: ‘volta para o teu país.’” A frase, jogada como quem arremessa pedra, não o feriu. Ele não abaixou a cabeça e muito menos permitiu ser atingido. Antes retrucou: “paga a passagem que eu vou. Mas tem que ser ida e volta. Quero voltar pra cá”. Ronny fez da afronta do outro a sua piada, a sua armadura.

Apesar de tudo, ele afirma se sentir em casa estando em Portugal. “Sempre fui muito bem tratado. Já chegaram para me dizer: ‘quem dera todos fossem como tu’”. Esse, de fato, é o seu troféu, não apenas como jogador, mas enquanto cidadão do mundo. O pertencimento, para ele, não está na geografia. Está nas escolhas, no respeito, na forma como se caminha em terra alheia. Ronny sublinha: “na casa dos outros, eu tenho que seguir as regras dos outros”.

Ele comenta que migrar para a Europa, ante os seus prós e contras como em qualquer continente, foi uma das melhores decisões de sua vida. Ver o filho, a esposa e os

parentes felizes em terras lusófonas lhe dá ainda mais força. E quando perguntado a respeito do que representa Campina Grande, ele pontua: “é meu berço, minha manjedoura”.

A mudança geográfica moldou não só a rotina, mas também o olhar. Ronilson fala de Campina Grande como quem fala de uma antiga casa que já não habita, mas que ainda carrega nas lembranças. Ele se foi, mas em cada frase, em cada comparação, há um pedaço da Paraíba que germina. Que pulsa. Que, embora longe, ainda ensina.

A experiência de Ronilson segue andarilhando entre a gratidão pelo que encontrou e a saudade do que deixou, entre o frio do norte português e o calor humano nas tardes nordestinas, entre o mar gelado de Portugal e o oceano cálido da Paraíba, entre o som dos apitos ou de um fado português e o silêncio das lembranças, de vozes especiais que, lá na Paraíba, ainda pronunciam o nome de Ronilson com carinho e admiração. A sua saga de jogador traduz essencialmente o que a sua natureza humana se propõe a ser: um homem em movimento, à procura de uma plena realização de vida.

Da imagem da Paraíba que se pincela na sua memória ele traz uma saudade: “sinto falta daqueles barzinhos”. Os amigos. As conversas. As risadas. A comida regional. O sotaque que sussurra, mesmo sem narrar sob as ondas da exatidão, que se está em casa. A saudade.

“Apesar de que minha esposa faz tudo da Paraíba. Esses dias ela fez arrumadinho, cabeça de galo e muito mais.” O cheiro traz para perto o que ficou longe: o lugar e o sabor do tempo passado.

“Às vezes o que faz falta também é o sol”. E sorri ao lembrar-se do quão especiais são os raios que chegam à terra que chamam de Porta do Sol. A Paraíba, no extremo leste do Brasil, é a primeira porta pela qual os raios matinais chegam diariamente, antes de qualquer outro lugar no continente americano.

O ponto de partida de toda essa história foi a dedicação, a fé e a perseverança do jogador, mas se vasculhar bem a gênese da narrativa de Ronilson, um olhar está impresso nas entrelinhas do passado do menino prodígio do Pedregal. O olhar de um técnico. O olhar de um professor.

Um olhar que escreveu o nome de Ronilson nos campos da parte baixa da cidade de Campina Grande. Mas se percebe que no coração e no olhar do jogador, a parte alta sempre está presente, aquela que ainda hoje não alcançou o reconhecimento devido e que continua sendo alvo de estereótipos. Aquele morro do Pedregal, que ao tentar alcançar o céu, na verdade leva os seus filhos a desenhar as pinturas da vida com as tintas da arte de sonhar, a pôr em prática a desafiadora busca pelo possível que a dura realidade humana e local lhes tenta convencer como impossível.

Mas foi um olhar que mostrou a Ronilson que era possível. O olhar que acredita em meio a vozes desacreditadas.

Um olhar do passado que, no presente, lança uma pergunta: quantos Ronilsons estão por aí, relegados à invisibilidade, à espera de uma oportunidade que os enxergue?

Referências

Aos 50 anos, Muro da Mauá ainda causa divergências entre candidatos à prefeitura de Porto Alegre. **Brasil de Fato**, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/09/14/aos-50-anos-muro-da-maua-ainda-causa-divergencias-entre-candidatos-a-prefeitura-de-porto-alegre/>. Acesso em: 25 mai. 2025.

Após apelo de Leite, Lula anuncia ajuda e FAB envia helicópteros para resgate. **O Tempo**, 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/governo/apos-apelo-de-leite-lula-anuncia-ajuda-e-fab-envia-helicopteros-para-resgate-1.3514167>. Acesso em: 26 mai. 2025.

Aumenta para 183 o número de mortos pelas enchentes de maio no Rio Grande do Sul. **Jornal O Sul**, 2024. Disponível em: <https://www.osul.com.br/aumenta-para-183-o-numero-de-mortos-pelas-enchentes-de-maio-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 26 mai. 2025.

BASILIO, Kaline. **Entrevista sobre memórias e vida de modelo**. Entrevistador: Luiz Felipe Bolis Rodrigues. Roma, 19 out. 2024. Entrevista pessoal.

BEZERRA, Tiago Lopes; CHAO, Cheng Hsin Nery. Pedregal, a dimensão educacional do lazer contribuindo para uma nova perspectiva de vida. In: LEMOS, E. M. B. C.; DANTAS, E. R.; CHAO, C. H. N. (Orgs.) **De portas abertas para o lazer: a cultura lúdica nas comunidades de bairro**. Campina Grande: EDUEPB; SciELO Books, 2009. p. 166–185.

BISCHOFBERGER, Adriana. **Entrevista sobre memórias e São João de Genève**. Entrevistador: Luiz Felipe Bolis Rodrigues. Genebra, 26 set. 2024. Entrevista pessoal.

Bombeiros resgatam égua que estava há 10 dias em 3º andar de prédio em São Leopoldo. **G1 RS**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/14/bombeiros-tentam-resgatar-cavalo-que-esta-ha-10-dias-em-3a-andar-de-predio-em-sao-leopoldo.ghtml>. Acesso em: 27 mai. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Comunidades brasileiras no exterior – estatísticas 2023**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/BrasileirosnoExterior2023.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CBMPB. **Relatório de força-tarefa: Operação Rio Grande do Sul**. João Pessoa: Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, 2024. Relatório elaborado por Arthur Tibério de Lacerda Vieira.

CLEMENTINO, Ronilson. **Entrevista sobre memórias e vida de jogador de futebol.** Entrevistador: Luiz Felipe Bolis Rodrigues. Braga, 18 nov. 2024. Entrevista pessoal.

CNN BRASIL. **Chuva em Porto Alegre:** como foi a histórica enchente de 1941. São Paulo, 07 maio 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/chuva-em-porto-alegre-como-foi-a-historica-enchente-de-1941/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO RS. **Balanco das Enchentes de Maio de 2024.** Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://www.bombeiros.rs.gov.br/corpo-de-bombeiros-militar-do-rio-grande-do-sul-apresenta-balanco-das-enchentes-de-maio-de-2024>. Acesso em: 10 jun. 2025. Acesso em: 1 jun. 2025.

DEFESA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL. *Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS – 18/06.* Porto Alegre, 18 jun. 2024. Disponível em: <https://www.defesacivil.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-10-6-9h-6671eb9e34066>. Acesso em: 3 jun. 2025.

FELIX, Rayanny; LUTIANE, Renan. A batalha das periferias e a Batalha do Pedregal. **Jornal A Verdade**, edição 228, jun. 2020. Disponível em: <https://averdade.org.br/2020/06/a-batalha-das-periferias-e-a-batalha-do-pedregal/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

G1. **As 10 melhores cidades do mundo para se viver, segundo ranking da revista 'Economist'.** G1 – Turismo e Viagem, 29 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2024/06/29/as-10-melhores-cidades-do-mundo-para-se-viver-segundo-ranking-da-revista-economist.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2025.

GLAMOUR. **Genebra é a cidade mais cara do mundo, indica novo relatório.** Glamour – Lifestyle: Viagem, 2024. Disponível em: <https://glamour.globo.com/lifestyle/viagem/noticia/2024/10/genebra-e-a-cidade-mais-cara-do-mundo-indica-novo-relatorio.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2025.

GLOBO. **Quais são as melhores cidades do mundo para se viver? Ranking de 2025 acaba de sair.** O Globo – Economia, 17 jun. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2025/06/17/quais-sao-as-melhores-cidades-do-mundo-para-se-viver-ranking-de-2025-acaba-de-sair.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2025.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Impactos das chuvas e cheias extremas no Rio Grande do Sul em maio de 2024.** Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2024. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202406/relatorio-sisperdas-evento-enchentes-em-maio-2024.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.

Enchente no Rio Grande do Sul: quando começou e o que causou inundação. O Povo, 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/enchente-no-rio-grande-do-sul-quando-comecou-e-o-que-causou.html>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MENEGAT, Rualdo. Sobre a emergência climática e ambiental no RS. [S.l.]: **Jornal JA**, 6 maio 2024. Disponível em: <https://www.jornalja.com.br/colunas/rualdo-menegat-sobre-a-emergencia-climatica-e-ambiental-no-rs/>. Acesso em: 28 maio 2025.

Nível do Rio Guaíba (Porto Alegre/RS) agora em tempo real ao vivo. **Nível Guaíba**. Disponível em: <https://nivelguaiba.com.br/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

NÓBREGA, Zulmira. **O maior São João do mundo**: multifaces de uma grande festa brasileira. Curitiba: Appris, 2018.

O que causou as enchentes no RS? Especialistas divergem sobre explicações. **Valor Econômico**, 22 maio 2024. Disponível em: <https://www.correiopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/o-que-causou-as-enchentes-no-rs-especialistas-divergem-sobre-explica%C3%A7%C3%B5es-1.1494647>. Acesso em: 30 maio 2025.

Porto Alegre deve enfrentar nova enchente; 6 comportas serão fechadas. **Agora RS**, 2024. Disponível em: <https://agorars.com/rs/porto-alegre-deve-enfrentar-nova-enchente-6-comportas-serao-fechadas/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

Previsão do tempo: tendência de chuva para dez dias. Disponível em: <https://metsul.com/previsao-do-tempo-tendencia-de-chuva-para-dez-dias-30-04-2024/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

Qual o impacto das enchentes no Agro do Rio Grande do Sul? **AgroReceita**, 2024. Disponível em: <https://agoreceita.com.br/impacto-das-enchentes-no-agro-do-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 28 maio 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura. **Relatório sisperdas: evento enchentes em maio de 2024**. Porto Alegre, maio 2024. 68 p. PDF. Disponível em: estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202406/relatorio-sisperdas-evento-enchentes-em-maio-2024.pdf. Acesso em: 5 jun. 2025.

SIGNIFICADOS. **Dignidade**: o que é, conceito e significado. Disponível em: <https://www.significados.com.br/dignidade/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

Saiba quais são as 5 cidades de Portugal com mais brasileiros. **Aquila Company**, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://aquilacompany.com.br/2024/01/saiba-quais-as-5-cidades-de-portugal-com-mais-brasileiros/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

Sobre nós. **Instituto Diplomun**, 2025. Disponível em: <https://www.diplomun.com/sobre.html>. Acesso em 25 abril 2025.

SOUTO, Eloá. **Entrevista sobre memórias e simulações da ONU em Harvard**. Entrevistador: Luiz Felipe Bolis Rodrigues. Barra de Santa Rosa, 16 mai. 2024. Entrevista pessoal.

SOUZA, Elisabete Pereira de. **Histórias de um espaço estigmatizado**: o bairro do Pedregal (Campina Grande – PB). 2019. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

SUPERINTERESSANTE. A glória de Roma. **Superinteressante**, 19 fev. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/a-gloria-de-roma/>. Acesso em: 7 jul. 2025.

VEJA. **De 1941 a 2024:** por que as enchentes são desafio constante no RS? São Paulo, 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/de-1941-a-2024-porque-as-enchentes-sao-desafio-constante-no-rs/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

VIEIRA, Arthur. **Entrevista sobre memórias e operação dos bombeiros paraibanos na enchente de 2024 no Rio Grande do Sul.** Entrevistador: Luiz Felipe Bolis Rodrigues. Cabedelo, 22 ago. 2024. Entrevista pessoal.

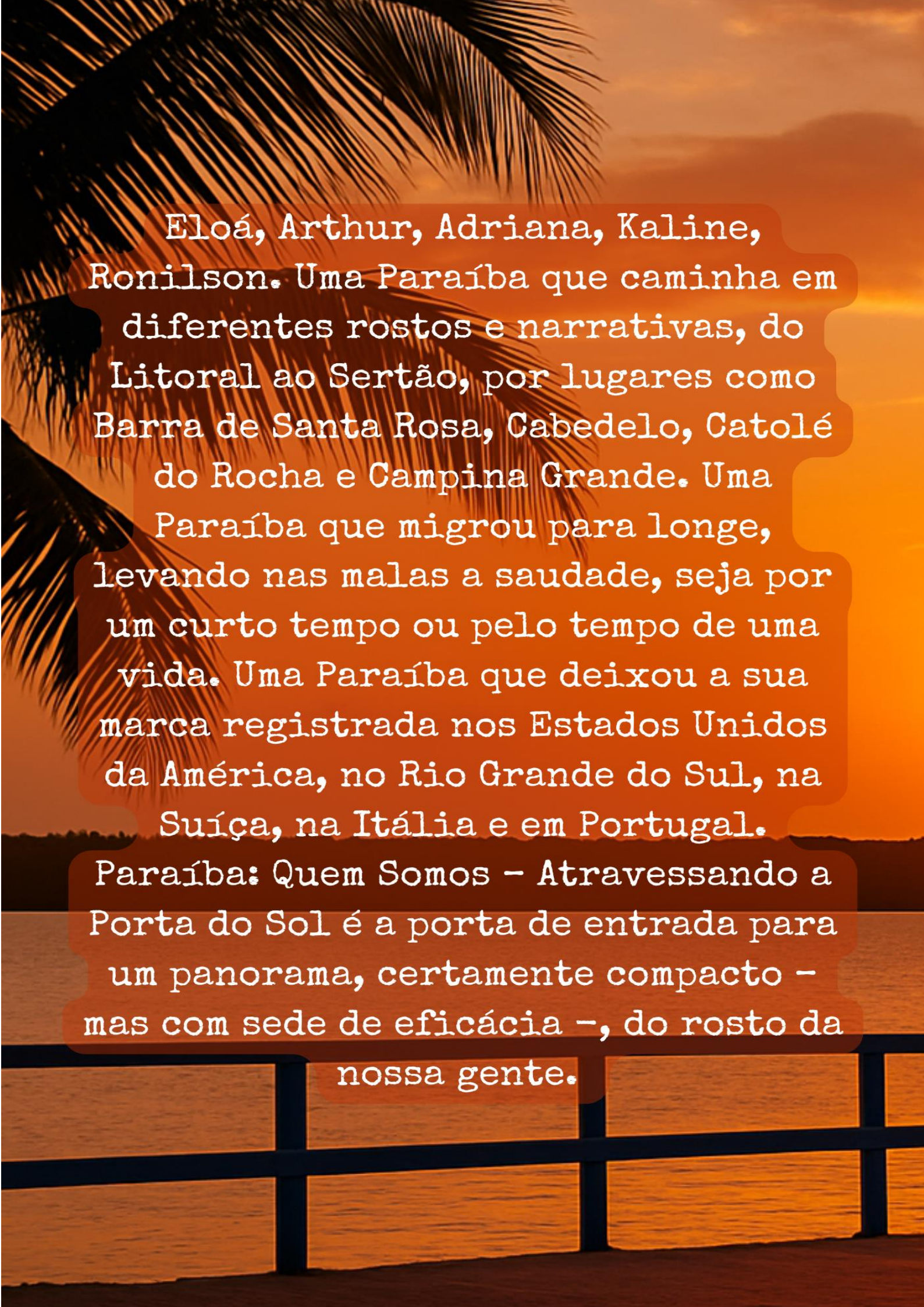
ZONNEVELD, Andrew (Org.). **HMUN 2024 - Commission on Sustainable Development.** 2024. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/717241961/HMUN-2024-Commission-on-Sustainable-Development>. Acesso em: 5 maio 2025.

Projeto editorial e autoria das reportagens

Luiz Felipe Bolis

Este livro-reportagem é fruto de um trabalho de defesa final de mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB)

2025



Eloá, Arthur, Adriana, Kaline,
Ronilson. Uma Paraíba que caminha em
diferentes rostos e narrativas, do
Litoral ao Sertão, por lugares como
Barra de Santa Rosa, Cabedelo, Catolé
do Rocha e Campina Grande. Uma
Paraíba que migrou para longe,
levando nas malas a saudade, seja por
um curto tempo ou pelo tempo de uma
vida. Uma Paraíba que deixou a sua
marca registrada nos Estados Unidos
da América, no Rio Grande do Sul, na
Suíça, na Itália e em Portugal.

Paraíba: Quem Somos – Atravessando a
Porta do Sol é a porta de entrada para
um panorama, certamente compacto –
mas com sede de eficácia –, do rosto da
nossa gente.

APÊNDICE III – Interface do Podcast Paraíba: Quem Somos no Spotify



● **Ronny: a paixão pelo futebol e o sonho de imigrar entram em campo**

Paraíba: Quem Somos

Entrevista realizada em novembro de 2024 , em Braga-Portugal

Hoje • 21min 32 s

⊕

▶

● **Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo**

Paraíba: Quem Somos

Entrevista realizada em outubro de 2024, em Roma-Itália

Hoje • 27min 30 s

⊕

▶

● **Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João**

Paraíba: Quem Somos

Entrevista realizada em setembro de 2024, em Genebra-Suíça

Hoje • 26min 39 s

⊕

▶

● **Coronel Arthur: na linha de frente do resgate**

Paraíba: Quem Somos

Entrevista realizada em agosto de 2024, em Cabedelo-PB

Hoje • 23min 46 s

⊕

▶

● **Eloá: a menina que foi para Harvard**

Paraíba: Quem Somos

Entrevista feita em maio de 2024, em Barra de Santa Rosa-PB.

Hoje • 22min 32 s

⊕

▶